

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TESE DE DOUTORADO

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO
CONTEXTO DA SURDEZ: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM FOCO NA AMIZADE

Doutorando: Isaías dos Santos Ildebrand

Orientação: Profa. Dra. Luciana Karine de Souza

ISAÍAS DOS SANTOS ILDEBRAND

TESE DE DOUTORADO

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO
CONTEXTO DA SURDEZ: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM FOCO NA AMIZADE

Tese apresentada como requisito para obtenção de título
de Doutor em Psicologia com ênfase em Psicologia do
Desenvolvimento na Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Karine de Souza

Porto Alegre

Novembro, 2025.

Dedico esta tese às pessoas surdas que compartilham seus mundos com coragem e resistência, especialmente àquelas que me ensinaram que a amizade vai além das palavras. Aos meus amigos e amigas, cujos gestos, silêncios e presenças me ajudaram a compreender, na prática, os sentidos da escuta e atenção. Que esta pesquisa reverbere como sinal de reconhecimento, afeto e compromisso com uma educação mais acessível e humana.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que acolheu este estudo e tornou possível seu desenvolvimento.

À minha orientadora, professora Luciana, por todo o aprendizado intelectual, pela escuta atenta e pela trajetória de estudos sobre amizade que inspirou esta pesquisa.

Aos docentes e discentes com quem tive aula ao longo do percurso e aos funcionários da secretaria, que prontamente auxiliaram nas demandas administrativas e burocráticas.

À minha família, por estar presente em todas as etapas, apoiando-me com firmeza e carinho, fazendo deste processo um verdadeiro marco de reconhecimento e luta.

Ao meu parceiro de vida, Tiago Joriz, por seu apoio constante, presença incondicional e por ser, em todos os momentos, sinônimo de afeto, acolhimento e suporte.

Agradeço aos integrantes das bancas de qualificação do projeto e de defesa da tese, cujas leituras atentas, questionamentos e contribuições qualificadas fortaleceram significativamente este trabalho. Na banca de qualificação do projeto, agradeço a Cleonice Alves Bosa (UFRGS), Joilson Pereira da Silva (UFS) e Cátia de Azevedo Fronza (UNISINOS). Na banca de defesa da tese, registro meu agradecimento a Adolfo Pizzinato (UFRGS), Cátia de Azevedo Fronza (UNISINOS), Sandro Rodrigues da Fonseca (UFRGS) e Tatiana Bolivar Lebedeff (UFPe).

Ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (CEP-PSICO), pelo cuidado e orientação quanto à condução ética da pesquisa.

Sou profundamente grato aos participantes, que dedicaram seu tempo e boa vontade para responder à pesquisa, e a todas as pessoas que colaboraram na divulgação durante o período de coleta de dados.

À comunidade surda, da qual faço parte (mesmo sendo ouvinte) e por quem tenho profundo respeito e compromisso.

Aos colegas que ingressaram comigo na pós-graduação pelo grupo de pesquisa Et Alia — Luiz, Juliana e Letícia — pelo apoio mútuo e pelas trocas que só quem compartilha esse momento formativo é capaz de compreender. E, em especial, à graduanda Brenda Lucy, pelas conversas, apoio e companheirismo ao longo do caminho.

Por fim, dedico um agradecimento a todas as pessoas que vivem às margens, cujas trajetórias muitas vezes são silenciadas ou incompreendidas. Que este trabalho seja um gesto de reconhecimento e resistência, afirmando que o direito de construir e manter amizades não pode ser privilégio de poucos, mas uma possibilidade concreta para todos os que lutam por pertencimento.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	59
Tabela 2	60
Tabela 3	63
Tabela 4	66
Tabela 5	68
Tabela 6	71
Tabela 7	73
Tabela 8	76
Tabela 9	79
Tabela 10	81
Tabela 11	83
Tabela 12	85
Tabela 13	87
Tabela 14	90

Sumário

Capítulo I - Introdução	11
Explorando as amizades no contexto da surdez	18
Amizades, desenvolvimento humano e interações: perspectivas e atravessamentos	20
Amizade e surdez: visitando estudos contextualizados	31
Método	47
Procedimento de análise de dados para os dois estudos	48
Cuidados éticos	49
Riscos.....	51
Benefícios	52
 Capítulo II - Estudo 1 – Amizades no contexto da surdez: suporte social percebido, funções da amizade, satisfação com o relacionamento e sentimentos positivos e negativos com relação ao amigo ou amiga	53
Participantes do estudo 1	53
Instrumentos do estudo 1	55
Procedimento de coleta e análise de dados do Estudo 1	57
Resultados	58
Discussão	94
 Capítulo III - Estudo 2 – Explorando concepções sobre amizades e relações sociais: olhares para a comunidade surda.....	102
Participantes do estudo 2	102
Instrumento do estudo 2.....	103

Procedimento de coleta e análise de dados do Estudo 2.....	105
Resultados	107
Discussão	117
Capítulo IV- DISCUSSÃO INTEGRATIVA.....	121
Funções da amizade e os sentidos atribuídos à qualidade relacional	123
Sociabilidades mediadas pela surdez: comunicação, vínculos e acessibilidade	127
Entre presença e ausência: impactos afetivos e percepções da amizade	132
Práticas e contextos que modulam o desenvolvimento de amizades	137
Capítulo V- Considerações Finais.....	144
Referências	148
Apêndice A - Questionário Sociodemográfico e Sociolinguístico para a Comunidade Surda	159
Apêndice B – Entrevista semiestruturada sobre amizade	163
Anexo A – Parecer do CEP	165
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Explicado – TCLE - Estudo 1	169
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Explicativo – TCLE - Estudo 2	170

Resumo

Esta tese investigou as relações de amizade no contexto da surdez, com foco em adultos surdos nativos da Libras. Com base em uma abordagem de métodos mistos, o estudo foi desenvolvido em duas etapas complementares. O Estudo 1, quantitativo, analisou a relação entre suporte social percebido, funções da amizade, sentimentos positivos e negativos e satisfação em relação ao melhor amigo ou amiga. Participaram 50 adultos surdos, com idades entre 18 e 45 anos. Os dados, coletados por meio de instrumentos psicométricos adaptados ao contexto surdo, foram analisados com o uso de estatísticas descritivas e correlacionais. Os resultados revelaram médias reduzidas de sentimentos positivos e escores elevados de sentimentos negativos, bem como correlações significativas entre as funções da amizade e a satisfação com a relação. Além disso, diferenças estatísticas foram identificadas com base em variáveis como tipo de escola e identidade do melhor amigo. O Estudo 2, qualitativo, consistiu em entrevistas em Libras com quatro participantes surdos. A análise das entrevistas se estabeleceu em cinco eixos: contexto escolar, modos de comunicação, manutenção das amizades, experiências afetivas e diferenças nas amizades com surdos e ouvintes. A integração dos estudos indicou que as experiências de amizade são influenciadas pelas barreiras de comunicação e pelo grau de acesso à Libras, o que repercute na qualidade dos vínculos e das relações de amizade.

Palavras-chave: Psicologia das relações interpessoais. Relações de amizade. Surdos. Inclusão. Libras.

Abstract

This thesis investigated friendship relationships in the context of deafness, focusing on deaf adults who use Brazilian Sign Language (Libras) as their first language. Based on a mixed-methods approach, the study was conducted in two complementary phases. Study 1, quantitative in nature, analyzed the relationship between perceived social support, friendship functions, positive and negative feelings, and satisfaction with one's best friend. Fifty deaf adults aged between 18 and 45 participated. Data were collected using psychometric instruments adapted to the deaf context and analyzed through descriptive and correlational statistics. The results revealed lower means for positive feelings and higher scores for negative feelings, as well as significant correlations between friendship functions and relationship satisfaction. In addition, statistical differences were identified based on variables such as type of school and identity of the best friend. Study 2, qualitative in nature, consisted of semi-structured interviews in Libras with four deaf participants. The analysis of the interviews was organized into five thematic axes: school context, modes of communication, maintenance of friendships, affective experiences, and differences in friendships with deaf and hearing individuals. The integration of both studies indicated that friendship experiences are influenced by communication barriers and the degree of access to Libras, which affects the quality of interpersonal bonds and friendship relationships.

Keywords: Psychology of interpersonal relationships. Friendship relations. Deaf. Inclusion. Brazilian Sign Language (Libras).

Capítulo I - Introdução

Os estudos sobre amizade têm recebido atenção nos últimos anos, conforme apontam Souza e Gauer (2012), mostrando que essa área se relaciona diretamente à área da Psicologia do Desenvolvimento. Logo, conceituar a amizade exige estabelecer diferentes diálogos com diferentes perspectivas no contexto da Psicologia, já que as amizades assumem distintos status sociais conforme são percebidas pelas pessoas e suas condições culturais. Fehr (1996, 2012), cientista do desenvolvimento que dedicou sua carreira ao estudo dos relacionamentos de amizade, questiona se seria possível assumir uma definição única para o conceito de amizade, indagando ser preferível assumir uma definição para o conceito amizade, aplicável em qualquer contexto, equiparando o seu sentido para melhor defini-la. No entanto, há diferentes fatores como idade, sexo, marcas culturais entre outros descritos e comparados quando se investiga essa temática, trazendo uma multiplicidade semiótica para o conceito. Fehr (1996) também destaca a amizade como um modelo estruturado que se estabelece através de três pilares quando se busca refletir sobre esse tema: a formação, o desenvolvimento e a manutenção das amizades.

Formar, desenvolver e manter amizades tende a ocorrer com maior fluidez em comunidades nas quais os códigos culturais, linguísticos e relacionais são compartilhados. Entretanto, como assinala Fehr (1996, 2012), fatores culturais e situacionais podem interferir significativamente na constituição desses vínculos, especialmente quando há assimetrias nos modos de comunicação e pertencimento. No caso da comunidade surda, cuja experiência social se organiza a partir de uma língua visuoespacial, as possibilidades de interação são frequentemente reduzidas em contextos majoritariamente ouvintes, resultando em restrições comunicacionais que dificultam o estabelecimento de relações sociais mais amplas (Oliveira, 2016). Ainda que se observem avanços nas iniciativas de inclusão, persiste um cenário marcado por baixa acessibilidade linguística, no qual pessoas surdas vivenciam experiências

de isolamento simbólico e relacional, sendo muitas vezes percebidas como “estrangeiras” em seu próprio país, dada a escassez de interlocutores que compartilhem sua língua e sua cultura (Oliveira, 2016).

Essas barreiras comunicacionais não somente impactam as relações interpessoais, mas produzem efeitos sobre o desenvolvimento social, psíquico e cognitivo, uma vez que normas sociais, valores culturais e aprendizagens cotidianas são transmitidos, em grande medida, por meio das interações sociais e dos fluxos comunicativos (Sousa & Cerqueira-Santos, 2011; Souza & Hutz, 2008). Em contextos nos quais tais interações são fragilizadas, pessoas surdas podem ser indevidamente associadas a rótulos de incapacidade intelectual ou confusão cognitiva, reproduzindo estigmas historicamente construídos em torno da deficiência (Oliveira, 2016). Essa leitura deficitária desconsidera que as dificuldades vivenciadas decorrem, sobretudo, da ausência de condições linguísticas acessíveis, e não de limitações inerentes aos sujeitos surdos (Lacerda, 2000; Quadros & Karnopp, 2004).

Nessa direção, autores como Ladd (2003) e Thoma (2006) contribuem para deslocar a compreensão da surdez de uma perspectiva patologizante para uma abordagem cultural, histórica e política. Ladd (2003), ao propor o conceito de *deafhood*, compreende a experiência surda como um processo contínuo de construção identitária, marcado pelo pertencimento linguístico, pelas relações comunitárias e pela resistência a modelos normalizadores impostos pela sociedade ouvinte. De modo complementar, Thoma (2006) evidencia como os espaços e tempos da educação de surdos foram historicamente organizados a partir de práticas de reclusão e controle, sendo gradualmente tensionados por propostas que reconhecem a diferença surda e reivindicam contextos educacionais e sociais mais inclusivos e linguisticamente acessíveis.

A comunidade surda, nesse sentido, pode ser inicialmente caracterizada como um coletivo heterogêneo de sujeitos que compartilham uma língua, a Libras, e constroem formas próprias de interação, valores culturais e modos de significar o mundo. Mais do que uma

categoria definida pela ausência da audição, trata-se de uma comunidade linguística e cultural que produz saberes, práticas e vínculos sociais específicos, nos quais as relações de amizade assumem papel central na constituição da identidade, do pertencimento e do desenvolvimento humano. Reconhecer essa caracterização implica compreender que as experiências relacionais de pessoas surdas não são empobrecidas em si mesmas, mas profundamente dependentes das condições de acessibilidade, do reconhecimento social e da valorização de seus modos singulares de existir e se relacionar.

Essas considerações oferecem subsídios para compreender as relações de amizade no contexto da surdez, uma vez que se trata de relações centrais para o desenvolvimento humano, implicando diversas condições e eventos de vida. Fehr (1996, 2012) declara que a amizade é um tipo de relacionamento interpessoal que interfere em todas as faixas etárias, em diferentes contextos socioculturais e históricos. Ela é tida como um relacionamento pessoal e voluntário que permite construir intimidade e apoio entre os pares. O autor também estabelece que a felicidade é um conceito presente quando os estudos de amizade ganham evidência, destacando que esse tipo de relação influencia na felicidade e bem-estar da população. Mesmo a amizade sendo um constructo multifacetado (Fehr, 1996; Souza & Hutz, 2007), estudos sobre esse tema podem contribuir para o acompanhamento do desenvolvimento humano, qualificando instrumentos para medir e entender essas relações. Entre estes, há o de Souza e Hutz (2007) e ampliando a divulgação científica de investigações que dedicam esforços para compreender esse tipo de relacionamento, já que, no Brasil, ainda são mínimos os estudos que olham para esse contexto. Mesmo que os estudos no Brasil ainda não sejam tão repercutidos, Souza e Gauer (2012) apontaram que a Psicologia vem assumindo uma postura presente sobre os estudos da amizade, através das últimas décadas, produzindo um arcabouço instrumental, salientando a relação entre os estudos de amizade e o desenvolvimento. Tratando sobre as amizades e o desenvolvimento, Rieffe *et al.* (2018) indicam que contextos estimulantes e fortalecedores de amizades tendem a trazer benefícios ao desenvolvimento humano,

ampliando as relações e habilidades sociais. Sendo esses estudos pertinentes no campo da Psicologia e ainda pouco explorados no Brasil, conforme apontam Souza e Hutz (2007), Souza (2006) e Souza e Gauer (2012), compreender essa temática no contexto da surdez, com foco na população brasileira, apresenta-se como uma abordagem ainda pouco explorada, já que poucos estudos a nível mundial olham para esse construto no contexto da surdez. Assim, considera-se que investigar essa temática pode ser proveitosa e pertinente para compreender o desenvolvimento dos surdos brasileiros, bem como o modo como são formados, desenvolvidos e continuados os relacionamentos de amizade desse grupo.

Para tanto, quatro grandes perguntas foram consideradas para abordar a temática da pesquisa e entender melhor as amizades no contexto da surdez:

- (i) Como os adultos surdos vivenciam suas relações de amizades com colegas e amigos?
- (ii) Quais são as condições positivas e negativas de suas amizades?
- (iii) Como determinadas características dos surdos adultos influenciam sua experiência de relacionamento com os pares?
- (iv) As pessoas que usam Libras possuem mais facilidade para formar amizades com quem utiliza a Libras?

Com base nessas questões, o objetivo geral deste estudo consiste em investigar as relações de amizade no contexto da surdez, com pessoas surdas usuárias da Libras enquanto língua nativa. De forma mais específica, pretende-se:

- (i) Averiguar relações [*co(r)-relacionais*] entre o suporte social, as funções da amizade, os sentimentos positivos e negativos, bem como a satisfação com os relacionamentos percebidos pelos participantes surdos, buscando compreender

como esses fatores se interconectam na experiência de amizade dentro da comunidade surda.

- (ii) Avaliar de forma sistemática as funções da amizade, a satisfação nos relacionamentos de amizade e os sentimentos positivos e negativos em relação a amigos dentro de uma amostra representativa de adultos surdos.
- (iii) Examinar como variáveis específicas, como aspectos escolares, comunicação em Libras e português, bem como a extensão do uso da Libras nas interações interpessoais, influenciam a experiência de relacionamentos de amizade entre os participantes surdos, comparando e identificando padrões e relações com base nas características individuais, conforme indicado pela revisão da literatura.
- (iv) Compreender detalhamentos e aspectos complementares da amizade no contexto da surdez, utilizando a entrevista semiestruturada desenvolvida por Ildebrand e Souza (2022).

Mediante os três primeiros objetivos específicos que se sobressaíram no Estudo 1, de modo hipotético, aborda-se a percepção de suporte social e satisfação com a amizade em uma amostra representativa de adultos surdos nativos da Libras. Para tanto, entende-se que uma maior percepção de apoio social estará positivamente correlacionada com a satisfação nas relações de amizade. Espera-se que, considerando a influência do suporte social, a amizade desempenhe um papel significativo no bem-estar emocional dos surdos, refletindo uma relação direta entre essas variáveis. Já, com base no quarto objetivo específico, que contemplará o Estudo 2, adota-se uma abordagem qualitativa e almeja-se explorar aspectos mais detalhados das relações de amizade na comunidade surda. Assim sendo, pressupõe-se que as entrevistas semiestruturadas revelarão nuances nas experiências de amizade dos participantes que vão além do escopo das medidas quantitativas. Antecipa-se que essas

entrevistas apontam desafios únicos enfrentados pelos surdos em suas amizades e possíveis estratégias de adaptação que podem não ser evidentes apenas nos dados quantitativos.

Vale destacar que a compreensão das experiências positivas e negativas, bem como as características linguísticas sinalizam e contribuem para intervenções e práticas psicoeducativas não só capazes de favorecer e influenciar no desenvolvimento da comunidade surda, como também eficazes no apoio às relações sociais e bem-estar geral, conforme apontam Terlektsi *et al.* (2020). Além disso, foram situadas associações desses aspectos da amizade com o histórico linguístico e social da amostra. Para tanto, investir em estudos que olham para a comunidade surda é uma maneira de minimizar processos históricos excludentes, que marginalizam a identidade surda e implicam em sua participação na sociedade (Bisol, 2008; Bisol & Sperb, 2010; Santiago & Andrade, 2013).

Desse modo, este trabalho está estruturado em cinco capítulos. O Capítulo I reuniu os aspectos iniciais da pesquisa, incluindo as justificativas teóricas e contextuais, os objetivos gerais e específicos, os procedimentos metodológicos adotados e a revisão de literatura. Essa primeira parte fundamenta o problema de pesquisa e apresenta aportes conceituais sobre o desenvolvimento humano, as relações de amizade e a surdez, com foco na comunidade surda usuária da Libras. A revisão de literatura está dividida em duas seções. A primeira, intitulada *Amizades, desenvolvimento humano e interações: perspectivas e atravessamentos*, aborda reflexões sobre o desenvolvimento humano com base em autores como Bronfenbrenner e Morris (1998), Dessen e Costa Jr. (2005), Bronfenbrenner (2011) e Merçon-Vargas *et al.* (2020), articulando tais perspectivas com os desafios e especificidades vividos por pessoas surdas. A segunda seção, *Amizade e surdez: visitando estudos contextualizados*, apresenta pesquisas nacionais e internacionais voltadas à temática, evidenciando uma lacuna de investigações sobre amizades na comunidade surda, especialmente no Brasil. Trabalhos internacionais como os de Rieffe *et al.* (2018), Millen, Dorn e Luckner (2019) e Terlektsi *et*

al. (2020) reforçam a importância de compreender as relações interpessoais na surdez, destacando as barreiras sociais enfrentadas por esse grupo.

O Capítulo II apresenta o Estudo 1, de natureza quantitativa, que analisou relações entre suporte social percebido, funções da amizade, sentimentos positivos e negativos e satisfação com o relacionamento de amizade em uma amostra de adultos surdos. O Capítulo III contempla o Estudo 2, de caráter qualitativo, baseado em entrevistas semiestruturadas, que buscaram aprofundar a compreensão das experiências afetivas, comunicacionais e contextuais das amizades entre participantes surdos.

O Capítulo IV – Discussões Integrativas - articula os achados dos dois estudos com a literatura revisada, permitindo uma análise conjunta dos dados e contribuindo para a construção de um olhar mais amplo e crítico sobre o fenômeno da amizade no contexto da surdez. Por fim, o Capítulo V – Considerações Finais - retoma os objetivos da pesquisa, apresenta uma síntese dos principais resultados, discute suas implicações teóricas e práticas e aponta caminhos possíveis para pesquisas futuras.

A seguir, a revisão de referências sobre amizades, desenvolvimento e surdez são apresentadas.

Explorando as amizades no contexto da surdez

Uma vez que amizades e desenvolvimento estão inter-relacionados (Sousa & Cerqueira-Santos, 2011; Souza & Hutz, 2008), realizou-se uma revisão sobre amizades, desenvolvimento humano e interações com foco na surdez, com o objetivo de situar o leitor nesses debates e dialogar com perspectivas que abordam diferentes trajetórias do desenvolvimento humano. A fim de aprofundar a temática sobre a amizade, a busca de literatura prévia para compor os processos argumentativos e a base deste estudo se estabeleceu mediante o uso da BVS – *Biblioteca Virtual em Saúde*, vinculada ao LILACS – *Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde*, do PubMed – *National Library of Medicine*, do ERIC – *Institute of Education Sciences* e do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Os termos utilizados para coleta e revisão de literatura foram “amizade and surdez”, “amizade and surdo”, “amizade and deficiência auditiva”, “friendship and deaf” e “friendship and hearing impairment”. Os critérios estabelecidos para seleção de trabalhos seguiram as seguintes proposições: idioma (inglês e português), conteúdo sobre a amizade e as relações interpessoais entre pessoas surdas que abordassem amizade em diferentes contextos na vida desses indivíduos. Além desses, estudos que lidam com a amizade e o desenvolvimento humano também são fontes capazes de dialogar com as perspectivas argumentativas dessa revisão.

Utilizando esses conceitos na BVS, não foram encontrados estudos que explorassem a amizade na perspectiva da surdez. Ampliando a busca a partir do conceito “relações interpessoais and surdo”, encontrou-se uma dissertação de mestrado de Martins (1998), na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia. A dissertação de Martins (1998) consolida visões psicanalíticas sobre a surdez e as relações interpessoais na adolescência, indicando que os adolescentes vivenciam conflitos semelhantes aos ouvintes, porém há problemas maximizados nas relações sociais devido às

lacunas existentes na comunicação. Além disso, na BVS, dois trabalhos técnicos foram recomendados: o primeiro é uma pesquisa que investigou as interações e uma intervenção com professores de estudantes surdos (Bonfim & Souza, 2010); o segundo, de 1998, não está disponível nos repositórios digitais, porém foi verificado presencialmente na instituição de origem.

No PubMed, conforme os termos de busca, 77 estudos foram identificados. Desses 77 artigos, nove se mostraram adequados e capazes de dialogar com o presente estudo, já que trazem à tona a temática da amizade com indivíduos surdos ou com deficiência auditiva. Na plataforma ERIC, os termos utilizados para busca indicaram 42 trabalhos. Dos 42 trabalhos, quatro foram apresentados e selecionados, porém já haviam sido coletados por meio do PubMed, e os outros foram descartados por não tratarem sobre a temática da amizade ou das relações interpessoais na condição da pessoa surda ou com deficiência auditiva.

Ampliando as buscas, recorreu-se ao Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Valendo-se dos conceitos “amizade and surdez”, “amizade and surdo” e “amizade and deficiência and auditiva” foram encontradas 180 produções acadêmicas. Dessas produções, com base nas leituras dos resumos, três se mostraram adequadas (duas teses e uma dissertação) e com temáticas sobre amizade (Souza, 2006; Costa, 2012; Santos, 2019). Nessas últimas, foram revisados conceitos e historicidades sobre as relações de amizade sob as lentes da área da Psicologia e de abordagens interdisciplinares.

Com base nessa busca de referências, com foco na amizade e na surdez, 14 estudos foram selecionados para compor a base argumentativa sobre amizade e surdez deste trabalho. Além desses, pesquisas no *Google Scholar* complementaram a busca e indicaram estudos e referências diversas sobre os temas sugeridos. Seguindo os termos de pesquisas destacados no início, percorreram-se 5 páginas de acesso no Google Scholar: 13 artigos mostraram-se adequados, 9 já haviam sido selecionados nas plataformas anteriores. A partir dessas explicações, apresenta-se a primeira parte da revisão de referências, abrangendo diferentes

trajetórias de desenvolvimento.

Amizades, desenvolvimento humano e interações: perspectivas e atravessamentos

Os estudos que lidam com o desenvolvimento humano têm evoluído, denotando que essa área de investigação vem se dedicando a entender as diversas influências que formam e implicam nas vivências dos seres humanos. Essa área considerada relativamente nova se consolidou nos estudos que exploravam a etapa da infância, ampliando seu repertório para todos os períodos do desenvolvimento do ser humano. Essas premissas iniciais são defendidas e destacadas por Papalia e Feldman (2013), cientistas do desenvolvimento que dão atenção aos processos desenvolvimentais enquanto campo de pesquisa, demarcando que esse campo se constituiu do estudo científico que olha para as mudanças no decorrer de vida das pessoas. Para tanto, os estudos do desenvolvimento buscam “descrever, explicar, prever e modificar” os comportamentos, e os cientistas do desenvolvimento se debruçam sobre entender, com abordagens de pesquisa quantitativa e qualitativa, as mudanças e estabilidades nos contextos físicos, cognitivos e psicossociais.

No campo da Psicologia do Desenvolvimento, as noções de desenvolvimento típico e atípico têm sido historicamente utilizadas para descrever trajetórias que se organizam em relação a marcos desenvolvimentais ao longo do ciclo vital, considerando a interação entre pessoa, contexto e tempo (Bronfenbrenner, 2011; Papalia & Feldman, 2013). No contexto da surdez, contudo, essa distinção requer uma leitura situada e relacional. Estudos indicam que pessoas surdas que tiveram acesso precoce e contínuo à Língua Brasileira de Sinais (Libras), inseridas em ambientes linguisticamente acessíveis, culturalmente visuais e socialmente responsivos, tendem a apresentar trajetórias de desenvolvimento compatíveis com as etapas descritas pela Psicologia do Desenvolvimento, tanto nos domínios cognitivos quanto socioemocionais e relacionais (Quadros & Karnopp, 2004; Lacerda, 2000; Rieffe et al., 2018).

Nessas condições, o desenvolvimento ocorre de forma consistente com a faixa etária, evidenciando que a surdez, em si, não configura um fator de desvio desenvolvimental. Por outro lado, trajetórias descritas como atípicas entre pessoas surdas não se constituem como uma característica intrínseca dos sujeitos, mas como efeito de contextos marcados por restrições de acesso à linguagem, às interações sociais qualificadas e às oportunidades de participação cultural ao longo da infância (Skliar, 1998; Thoma, 2006). Assim, o uso das categorias típico e atípico, neste estudo, não opera como classificação excludente, mas como recurso analítico para situar diferenças nas condições de desenvolvimento, reafirmando que tais trajetórias são produzidas nas relações e nos contextos, conforme os pressupostos contemporâneos da Psicologia do Desenvolvimento e dos Estudos da Linguagem.

Sob essa perspectiva, o que frequentemente é interpretado como desenvolvimento atípico encontra-se, muitas vezes, associado a contextos de privação linguística, barreiras comunicacionais e ausência de acessibilidade, e não à condição da surdez propriamente dita. A falta de interlocução em uma língua compartilhada, sobretudo nos primeiros anos de vida e nos contextos escolares, pode impactar processos proximais fundamentais ao desenvolvimento socioemocional, como a construção de vínculos, a regulação emocional e a formação de relações de amizade. Nesses casos, a atipicidade não reside no sujeito surdo, mas nas condições ecológicas que limitam suas oportunidades de interação significativa.

Ancorado na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, neste estudo compreende-se o desenvolvimento como resultado de processos proximais que ocorrem ao longo do tempo, em interação com contextos e pessoas significativas. Dessa forma, a distinção entre típico e atípico é reposicionada como uma questão relacional e contextual, e não como um atributo individual. Quando há acesso precoce à Libras, participação em ambientes linguística e culturalmente acessíveis e possibilidades de interação simétrica, pessoas surdas tendem a apresentar trajetórias de desenvolvimento socioemocional

compatíveis com aquelas observadas em outros grupos, inclusive no que se refere à construção e à manutenção de relações de amizade.

Esse reposicionamento teórico é fundamental para interpretar esta pesquisa, pois permite compreender que dificuldades relatadas nas experiências de amizade de adultos surdos não decorrem de uma suposta limitação desenvolvimental intrínseca, mas das assimetrias comunicacionais vivenciadas ao longo de suas trajetórias escolares, familiares e sociais. Assim, ao problematizar os conceitos típico e atípico, a tese reafirma a necessidade de leituras desenvolvimentais que reconheçam a diversidade humana e considerem a linguagem como eixo central na constituição das relações interpessoais.

Mesmo que o campo de estudo das trajetórias de desenvolvimento seja relativamente nova, podemos encontrar diferentes teorias que oportunizam descrever, prever, explicar e intervir no desenvolvimento psicológico. O desenvolvimento humano tem sido estudado no campo da Psicologia do Desenvolvimento, indicando que processos proximais são formas de promover o desenvolvimento ao longo do ciclo vital conforme apontam Merçon-Vargas *et al.* (2020). A teoria bioecológica do desenvolvimento humano, proposta por Urie Bronfenbrenner, destaca a importância dos processos proximais na compreensão dos processos desenvolvimentais. Os processos proximais referem-se às interações e relações que ocorrem no ambiente imediato da pessoa, como a família, a escola e o grupo de amigos (Bronfenbrenner, 2011). Esses processos são caracterizados pela proximidade física e temporal, bem como pela natureza bidirecional das interações. São essas interações próximas que influenciam diretamente o desenvolvimento da criança, pois proporcionam oportunidades de aprendizado, modelagem de comportamentos, apoio emocional e construção de habilidades sociais. Os processos proximais são considerados fundamentais, pois é por meio deles que a criança vivencia e interpreta o mundo, construindo sua compreensão de si mesma e dos outros. Essa abordagem ressalta a importância das interações e dos contextos imediatos na promoção do desenvolvimento humano saudável, destacando a necessidade de ambientes

favoráveis e relações de qualidade para potencializar o crescimento e o bem-estar das pessoas. Tal perspectiva, advinda da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner, salienta sobre a importância de olhar para o desenvolvimento humano e a complexibilidade que se estabelece nesse conceito. Esse tema é visto como emergente para compreender as interações entre as pessoas e os contextos que as situam mediante sua realidade.

Autores como Bronfenbrenner (2011), Dessen e Costa Jr. (2005) e Merçon-Vargas *et al.* (2020) salientam que o desenvolvimento depende de um conjunto de fatores, sendo o principal a interação com os pares. Logo as interações sociais são práticas que influenciam de forma significativa no desenvolvimento da pessoa. Piccinini *et al.* (2001, p. 469) apontam ser perceptível “um certo consenso sobre a importância da interação social no desenvolvimento, mas há muito ainda que pesquisar”. Papalia e Feldman (2013) realçam que o desenvolvimento humano depende de história e contexto, sendo multidimensional e multidirecional. Isso quer dizer que as pessoas se desenvolvem inseridas em contextos específicos repleto de situações e circunstâncias definidas através do tempo e do lugar em que se encontram, envolvendo eventos capazes de potencializar ou declinar o crescimento.

Com base nisso, vale destacar que as interações no desenvolvimento da criança, seja nas relações familiares, escolares, entre outros contextos, têm marco fundamental para promover habilidades e competências sociais, bem como a resiliência frente aos contextos de saúde mental (Piccinini *et al.*, 2001). Conforme os pesquisadores, a base teórica da perspectiva sociocultural, que possibilita resgatar e pensar que, para entender o “o papel da interação no desenvolvimento, é necessário discutir o que se considera interação. Assume-se aqui uma perspectiva que está na própria raiz etimológica da palavra: inter-ação, “ação entre”, o que implica em bidirecionalidade” (Piccinini *et al.*, 2001, p. 470). A bidirecionalidade se estabelece em uma crítica filosófica, já que há uma discussão complexa sobre a conceptualização do termo interação, para tanto “adota-se em tese uma perspectiva que não

abre mão do caráter recíproco da interação e que admite a possibilidade de formas de ação recíproca que não envolvam apenas ações explícitas” (Piccinini *et al.* 2001, p. 471).

Além desses autores, Bronfenbrenner e Morris (1998) destacaram que o desenvolvimento humano decorre de interações recíprocas que, ao longo do tempo, tendem e devem assumir uma postura progressiva, ampliando o desenvolvimento biopsicológico do indivíduo por meio das interações. Para que ocorra um desenvolvimento adequado ao indivíduo, a interação precisa ser regular e estar presente na vida da criança através de longos períodos de tempo. Para Bronfenbrenner (2011), as ações e interações duradouras no ambiente em que o sujeito se desenvolve são consideradas processos proximais (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2011; Merçon-Vargas *et al.*, 2020).

Observando e refletindo sobre essas considerações, vale discutir que interações com qualidade, progressivas e que evoluem a um viés complexo são edificantes para trajetórias de desenvolvimento considerado típico, dado que as relações proximais se ampliam conforme os estímulos progridem e interferem na vida do indivíduo. Vivenciar um ambiente com influências literárias, por exemplo, pode amparar e possibilitar competências linguísticas ao desenvolvimento da criança. Além disso, se valer de gestos, recursos visuais e diferentes linguagens pode minimizar interferências no desenvolvimento cognitivo que favorece a comunicação (Ramos-Cabo *et al.*, 2022).

Definições tradicionais distinguem desenvolvimento típico e atípico com base em marcos normativos de comportamento, aprendizagem e interação esperados para determinadas faixas etárias (Bittencourt & Menezes, 2020). No entanto, tais classificações têm sido tensionadas por abordagens contemporâneas que compreendem o desenvolvimento como processo relacional, histórico e contextual, especialmente quando se consideram experiências marcadas por diferenças linguísticas, sensoriais e culturais. É importante ressaltar que o desenvolvimento atípico pode ser compreendido a partir de trajetórias de desenvolvimento marcadas pela ausência ou pela restrição de acessos considerados

fundamentais para o desenvolvimento, especialmente no que se refere à linguagem, às interações sociais e às oportunidades de aprendizagem. Nessa perspectiva, o caráter atípico não se estabelece como uma condição intrínseca do indivíduo, mas como efeito de contextos relacionais, comunicacionais e ambientais que limitam ou ampliam as possibilidades de participação, vínculo e construção de experiências significativas ao longo do desenvolvimento.

Diante dessas concepções, os contextos em que a criança se encontra também interferem e influenciam no desenvolvimento típico ou atípico. Paniagua e Palacios (2007) e Kitson (2008) reforçam que repensar os contextos, as vivências e as experiências que a criança está inserida é um caminho pertinente para minimizar defasagens no desenvolvimento infantil. As atividades e ações espontâneas proporcionam, de modo significativo, a compreensão de conceitos e a aquisição de habilidades e competências, e os lares corresponder aos primeiros contextos que impulsionam os processos proximais.

O desenvolvimento atípico depende de características específicas de grupos que, no decorrer de sua vida, tiveram processos proximais minimizados devido a fatores como deficiência, transtornos ou impedimentos para estarem e viverem em contextos que fortalecessem e promovessem estímulos adequados, em contextos que fortalecessem e promovessem experiências de desenvolvimento condizentes com o momento do ciclo vital, cujos efeitos tendem a repercutir nas trajetórias relacionais e socioemocionais ao longo da vida adulta.

Crianças dependem de estímulos diversificados para ampliar conhecimentos e saberes no decurso de vida. O desenvolvimento atípico como o da criança autista, por exemplo, provoca assimetrias nas habilidades e competências para usufruir dessas oportunidades em seu desenvolvimento. As interações da criança com características específicas do desenvolvimento contam com pesquisas e estudos que amparam as desvantagens que se instauram no desenvolvimento desse público (Bosa, 2001; Kreutz & Bosa, 2009). Ao

encontro dessa ideia, Rieffe *et al.* (2018) salientam que viver em contextos com menor acesso e pouco estimulantes prejudica o desenvolvimento de habilidades e competências socioemocionais. Além disso, o acesso limitado a ambientes sociais influencia de forma negativa as interações e relações sociais, a exemplo da construção e a formação de amizades. O pouco acesso aos ambientes sociais faz parte do desenvolvimento das crianças surdas que, por terem estímulos minimizados pelo fato de utilizarem uma língua de sinais em um mundo dominado pela cultura ouvinte, vivenciam marcas excludentes. É importante salientar que a pessoa surda e a pessoa com deficiência auditiva podem ser vistas de formas diferentes, embora muitos pensem que ambos os casos correspondem à mesma especificidade no desenvolvimento humano. A cultura surda e a deficiência auditiva não constituem categorias homogêneas, pois englobam trajetórias de desenvolvimento distintas, atravessadas por condições sensoriais, linguísticas, educacionais e contextuais diversas.

Assumir a concepção de surdez na perspectiva do desenvolvimento e das relações interpessoais é um tanto desafiador, uma vez que as formas de pensar sobre essa concepção de desenvolvimento atípico têm gerado ideias controvertidas e variadas, influenciando em sua concepção e definição (Afonso, 2007; Skliar, 1997; Lacerda, 1998). Devido a isso, a surdez foi classificada como uma das anormalidades e deficiências graves por um longo período, considerando que as pessoas nessas condições eram incapazes. Em contrapartida a essa perspectiva, foi comprovado que as pessoas surdas possuem capacidades de desenvolver competências e habilidades iguais a pessoas ouvintes, especialmente se tiverem condições e contextos capazes de fomentar e explorar suas potencialidades (Afonso, 2007; Skliar, 1997; Lacerda, 1998; Sciécola, 2016; Bisol & Sperb, 2010). Frente a esses pressupostos, vale destacar que algumas visões ganham evidências nas pesquisas que olham para essa população: a visão clínica-terapêutica e a socioantropológica.

A visão clínica-terapêutica ganhou espaço por muito tempo durante pesquisas que buscavam trazer um viés corretivo ao possível ‘problema’ do indivíduo: a surdez. De encontro

a esse viés, nos anos 90, novas perspectivas pedagógicas e educacionais buscaram defender que “[...] a surdez é uma diferença – mas como uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre surdos” (Skliar, 1998, p. 13). Com base nessa perspectiva, pode-se constatar que a concepção clínico-terapêutica da surdez minimizou os olhares com vistas às potencialidades do indivíduo surdo e focando no tratamento da surdez, entendida, por muito tempo, como uma doença que precisava de medicação e tratamento. Nessa ótica patológica, alguns pesquisadores (Skliar, 1997; Lacerda, 1997, 1998) destacaram que, em determinados casos, a pessoa surda assumia a identidade de uma pessoa ouvinte com deficiência auditiva, que precisava ser oralizado, ou seja, aprender a falar a língua oral-auditiva para viver no mundo dos ouvintes.

De encontro à visão clínica-terapêutica, a visão socioantropológica se estabeleceu uma forma antagônica do entendimento da surdez e das pessoas surdas, fundamentado na diferença cultural e a linguística, como um modo distinto de construir a realidade histórica, política, social, mediada pela experiência visuoespacial (Sánchez, 1990). Essa visão defende que os surdos são caracterizados por serem minorias, que precisavam e precisam de uma cultura visual para entender informações do mundo que os cercam, sanando suas necessidades linguísticas e culturais pertinentes para trajetórias de desenvolvimento. Uma vez que o mundo se torna acessível, os surdos não se veem como pessoas com deficiência ou doença, nem tampouco com algo que precisa ser curado. Pelo contrário, a surdez é definida como uma diferença cultural e linguística. Santiago e Andrade (2013, p. 4), com base em Skliar (1998), denotam que “[...] o surdo é um ser sociolinguístico diferente pertencente a uma comunidade linguística minoritária caracterizada por compartilhar o uso da língua de sinais e valores culturais, hábitos e modos de socialização”.

A compreensão da surdez a partir de uma perspectiva cultural e linguística implica reconhecê-la como uma experiência histórica, social e política, constituída nas relações e nos

espaços de pertencimento da comunidade surda. Conforme propõe Ladd (2003), por meio do conceito de *deafhood* (ou *ser surdo*), a experiência surda não se reduz a uma condição sensorial, mas configura um processo contínuo de construção identitária, atravessado pela língua de sinais, pelas relações comunitárias e pela resistência a modelos normalizadores impostos pela cultura ouvinte. De modo complementar, Thoma (2006) evidencia que os modos de escolarização e socialização das pessoas surdas foram historicamente organizados em espaços e tempos de reclusão, nos quais a diferença surda foi tratada como déficit a ser corrigido. A transição para espaços e tempos inclusivos, conforme a autora, demanda o reconhecimento da surdez como diferença legítima, bem como a criação de contextos linguística e culturalmente acessíveis, capazes de favorecer o desenvolvimento, a participação social e a construção de vínculos significativos. Nessa direção, a surdez passa a ser compreendida não como ausência ou limitação, mas como uma forma singular de estar no mundo, sustentada por práticas culturais visuais, experiências compartilhadas e processos identitários próprios da comunidade surda.

Com base nas considerações e premissas abordadas pelos pesquisadores mencionados até aqui, assume-se que a dedicação deste estudo se estabelece sobre as pessoas surdas, usuárias da Libras e que se classificam como integrantes da comunidade surda. Mesmo assim, vale destacar que as pessoas com deficiência auditiva são aquelas que se enquadram na cultura ouvinte, porém com uma deficiência auditiva, sem serem necessariamente usuárias da Libras e que buscam minimizar isso com treinos e estímulos para desenvolver a oralidade. Pessoa surda, pessoa com deficiência auditiva e pessoa ouvinte não constituem categorias distintas de desenvolvimento humano, mas experienciam processos de desenvolvimento mediados por condições sensoriais, linguísticas e comunicacionais diversas, que influenciam as formas de interação com o mundo, com os outros e consigo mesmas.

No âmbito do desenvolvimento atípico, a surdez e a deficiência auditiva são modos de viver e de se desenvolver que colocam desafios sociais aos indivíduos. A título de exemplo,

Rieffe *et al.* (2018) investigaram que adolescentes surdos ou com deficiência auditiva apresentam mais dificuldades para construir relações sociais como amizades. Por estarem em situação de inclusão e terem uma forma de se comunicar atípica, esses adolescentes preferem conviver com pares semelhantes, com surdez ou deficiência auditiva, e valorizam mais essas amizades do que com pares ouvintes. Esse pode ser um prejuízo para o desenvolvimento das relações entre surdos e ouvintes, principalmente para o surdo, uma vez que a sociedade é predominantemente demarcada pela cultura dos ouvintes, e as relações entre os pares com línguas diferentes podem servir de apoio para fortalecer a inclusão e o acesso a ambientes diversificados.

Por falar em surdez, Sacks (1998) investigou famílias de crianças surdas, e mais de 90% dessas famílias eram formadas por pais ouvintes que pouco dominavam ou não conheciam a língua de sinais. No que tange à dificuldade em conviver em uma sociedade que valorize a língua de sinais, pode-se notar que, na condição da pessoa surda, as interações são minimizadas, implicando para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Witch & Zilio, 2018). Tal premissa é apresentada por Piccinini *et al.* (2001), Paniagua e Palacios (2007) e Kitson (2008), ao considerarem o papel da interação no desenvolvimento da criança.

Visto que a criança surda não apresenta o desenvolvimento típico como o da criança ouvinte, que, desde o nascimento, está cercada de interações linguísticas (Sacks, 1998; Witch & Zilio, 2018), a criança surda passa por processos proximais minimizados, que pouco contribuem e a isolam das relações advindas das interações mediadas pela língua. Diante disso, entender o desenvolvimento da criança surda pode indicar e fortalecer práticas futuras para amparar as lacunas acionadas durante o desenvolvimento. Moreira (2007) denota que a cultura, a linguagem e o diálogo constituem eixos centrais do desenvolvimento humano, na medida em que organizam as formas de interação, aprendizagem e construção de sentidos ao longo da vida. No contexto da surdez, os desafios não se restringem à dimensão comunicacional, mas dizem respeito, sobretudo, às condições de acesso a esses eixos

fundamentais. Assim, os efeitos da surdez sobre o desenvolvimento não decorrem da condição sensorial em si, mas das barreiras linguísticas e relacionais que podem atravessar as experiências da criança surda em diferentes contextos. Reconhecer a pessoa surda em sua integralidade implica considerar suas potencialidades cognitivas, afetivas e sociais, as quais não diferem daquelas das crianças ouvintes, desde que haja acesso consistente à linguagem e a ambientes que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento. Nesse sentido, o desenvolvimento linguístico e a apropriação de uma língua assumem papel estruturante na constituição da cognição, sem que as dificuldades iniciais de acesso à linguagem comprometam, por si, as capacidades cognitivas da criança surda.

Esse entendimento permite situar que, para compreender o desenvolvimento da criança surda, é preciso entender suas especificidades e características. Moreira (2007) indica que o desenvolvimento da pessoa surda necessita considerar a linguagem e a aprendizagem. O desenvolvimento biopsicossocial requer processos de aprendizagem para adquirir “informações, habilidades, atitudes e valores a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas” (Moreira, 2007, p. 3). Neste caso, a autora aponta que a aprendizagem está relacionada às interações sociais, à aquisição da linguagem e à cognição. Cognição é entendida por Moreira (2007) como resultante da interação do biológico com o meio físico e social, decorrentes da experiência social e histórica.

Olhando para os meios físicos e sociais, Movallali, Musavi e Hakimi-Rad (2018) apontam que, para o surdo, ter um desenvolvimento adequado determinadas práticas são necessárias, como encontrar alternativas para comunicar-se com os pares em sociedade. Blom *et al.* (2014) realçam que o uso de mídias sociais amplia os contatos e as interações entre as pessoas surdas, sendo uma alternativa para promoção de relações sociais como a amizade.

Ampliar a atenção ao desenvolvimento da criança surda é um caminho preciso na pesquisa e no campo da Psicologia, porque pode minimizar os impactos que a limitam a desenvolver-se de modo favorável em sociedade. Além disso, com base em Marins (2018),

compreender o ambiente imediato da criança em situação de desenvolvimento atípico é um passo fundamental para provocar e amparar processos proximais. Para tanto, se faz pertinente repensar o lugar da pessoa que se insere na perspectiva do desenvolvimento atípico, bem como identificar modos que a levem a construir uma realidade diferente daquelas que são marginalizadas na sociedade.

Essas primeiras discussões na revisão teórica têm a intenção de compreender o desenvolvimento e as relações vivenciadas por indivíduos com desenvolvimento típico e atípico. A fim de especificar as relações de amizade no contexto da surdez, contextualiza-se, adiante, estudos que lidam com essa temática, trazendo uma visão mais ampla sobre esse contexto que merece atenção no campo da pesquisa em Psicologia.

Amizade e surdez: visitando estudos contextualizados

Falar de amizade não é tarefa fácil, principalmente defini-la. Souza (2006), com base em Blieszner e Adams (1992) e Fehr (1996), destaca que não há uma definição em comum sobre o conceito, bem como há diferentes enfoques para esse fenômeno das relações sociais. Rieffe *et al.* (2018) destacaram que ambientes que estimulam as amizades tendem a ser mais efetivos no desenvolvimento das crianças, porque favorecem as habilidades e relações sociais. A amizade está relacionada, além das habilidades e relações sociais, aos fatores de felicidade e alegria. Tal premissa é temática do estudo de Fehr (2012), situando que, quando se questionam diferentes indivíduos sobre felicidade e alegria, as amizades ganham destaque nas respostas.

Millen, Dorn e Luckner (2019) apontam que as amizades são relações de suma importância no desenvolvimento da criança e dos jovens por uma variedade de motivos. Um destes é que as amizades são concebidas como relações significativas, conectando os humanos por meio de laços emocionais fora da família. Além disso, Millen, Dorn e Luckner (2019),

com base em Gauvian (2001), realçam que as relações de amizade oportunizam o desenvolvimento de competências sociais relevantes para a vida, tais como a cooperação, colaboração, controle das emoções e maior articulação na resolução de conflitos.

Uma vez que definir a amizade não é tarefa fácil, encontrar estudos que lidam com esse conceito no campo da surdez e da deficiência auditiva é mais complexo ainda, como demonstram Millen, Dorn e Luckner (2019), porque a ausência ou perda da audição afeta as experiências e os laços que concebem o desenvolvimento de amizades. Os contextos de interações sociais como a família, a escola e a vizinhança, normalmente são ambientes dominados por línguas majoritárias, como as orais-auditivas. Desse modo, nativos de línguas de sinais ou que dependem de uma comunicação alternativa são prejudicados no processo de formação de amizades. Moeller (2000) ressalta que, se as competências comunicativas e o desenvolvimento linguístico dessa comunidade são visivelmente afetadas, tem-se aqui um fator que implica e minimiza o impacto do desenvolvimento das amizades nessa população.

Millen, Dorn e Luckner (2019), em seus estudos sobre amizades com adolescentes surdos e com deficiência auditiva, indicaram correlações significativas entre autodeterminação, qualidade e quantidade de amizades, evidenciando relações entre autonomia e competências sociais. Precedendo os estudos de Millen, Dorn e Luckner (2019), Laursen *et al.* (2007) salientaram que as amizades são capazes de fortalecer e proporcionar apoio emocional, orientação cognitiva e relações de companheirismo. No entanto, devido às características específicas do desenvolvimento das pessoas com surdez ou deficiência auditiva, Terlektsi *et al.* (2020) afirmam que esse grupo de indivíduos experimenta problemas na manutenção e no desenvolvimento de amizades em relação aos pares ouvintes. A partir de um estudo qualitativo, Terlektsi *et al.* (2020) descobriram que os participantes surdos ou com deficiência auditiva presenciaram e sofreram bullying, além de terem tido poucas interações nas relações com os pares. Em adição a isso, os adolescentes com deficiência auditiva se viam

com maiores dificuldades para manter amizades, bem como menos seguros que os ouvintes para ampliar essas relações interpessoais.

Bowen (2008) efetivou um estudo com dois grupos de crianças da terceira e quarta série, um com somente ouvintes e outro com surdos e crianças com deficiência auditiva. No estudo de Bowen (2008), a interação entre estudantes ouvintes, surdos e com deficiência auditiva apontou uma maior significância para a aquisição da língua de sinais tanto por surdos quanto por ouvintes ou com deficiência auditiva. Nesse sentido, além dessa habilidade linguística, o presente estudo mostrou que estudantes surdos ou com deficiência auditiva que estão em constante interação na escola com pares ouvintes tendem a ter um status social e padrões de amizade semelhantes aos pares ouvintes, dando indícios de que incluir um estudante surdo ou com deficiência auditiva na sala de aula com ouvintes amplia as oportunidades e interações sociais para desenvolver laços de amizade. No entanto, como apontam Martin e Bat-Chava (2003), esse processo de inclusão escolar não é um fator responsável capaz de manter a qualidade dessas relações.

Em estudos brasileiros, há uma escassez de manifestações científicas e pesquisas que buscam identificar o desenvolvimento da amizade na condição de vida da pessoa surda. A seleção de referências evidencia que há uma lacuna nas produções acadêmicas nacionais quando tratamos de olhar para o desenvolvimento humano dessa população. As duas referências brasileiras (Orsoni, 2007; Bonfim & Souza, 2010) lidam com temáticas sobre desenvolvimento escolar e linguístico, bem como relações sociais, mas o seu foco não se estabelece no campo da amizade. Além dessas, há segmentos olhando para a sexualidade e ansiedade no contexto da surdez, mas ainda são estudos exploratórios e preliminares que precisam de atenção para provocar e promover a criação de políticas públicas que subsidiem a diversidade social dessa população (Santos, 2019; Guimarães *et al.*, 2019).

Mediante as considerações trazidas até então, nota-se a necessidade e urgência em explorar pesquisas que valorizem o desenvolvimento da pessoa surda e as relações de amizade

que se instauram nos eventos de vida dessa comunidade. Conforme aponta Souza (2006), as amizades são caracterizadas como relações que proporcionam felicidade e satisfação de vida. Logo parece ser urgente entender como elas afetam o desenvolvimento das pessoas que se valem das línguas de sinais, em específico, no Brasil, porque podem trazer indícios e perspectivas relevantes para minimizar embates e lacunas no percurso de vida da comunidade surda. Souza (2006) defendeu sua tese no contexto da Psicologia, investigando sobre as relações de amizade e a percepção de homens e mulheres a respeito da função da amizade, alinhando com sentimentos positivos e negativos e a satisfação com relação às amizades. Em sua tese, Souza (2006) se valeu de um instrumento proposto por Mendelson e Aboud (1999) para avaliar a amizade em adultos. Nesse instrumento são avaliadas seis funções da amizade, bem como sentimentos e satisfação com o relacionamento. O instrumento, nomeado *Escala das Funções da Amizade*, conta com 30 questões capazes de medir características e atitudes sobre o melhor amigo. As seis funções se estabelecem sobre ajuda, companheirismo, intimidade, aliança confiável, segurança emocional, autoavaliação conforme aponta Souza (2006), com base em Mendelson e Aboud (1999).

Utilizar essa escala das funções da amizade parece ser pertinente para o estudo com a comunidade surda do Brasil, porque, como já foi utilizada por Souza (2006) em seu estudo com brasileiros, mostrou-se um instrumento robusto que pode ser adaptado para amparar essa pesquisa. Além de sua tese, Souza também investiu em outros estudos que focaram nas relações de amizade. Souza e Hutz (2007) adaptaram e validaram o *Questionários McGill de Amizade* para uso com a população brasileira. Esse instrumento avalia as funções de um amigo na vida de um indivíduo, a satisfação e os sentimentos positivos e negativos. Valorizar as pesquisas nacionais e fortalecer os conhecimentos sobre as amizades é um caminho que ainda precisa ser trilhado, conforme argumentam os autores. Explorar essas concepções com a população surda pode ser inovador no contexto brasileiro, porque, nas pesquisas

desenvolvidas com essa temática no país, ainda não se viram casos que lidassem com a comunidade surda.

Os estudos que exploram a Educação de Surdos são perceptíveis na área da Educação e da Linguística. Quando pesquisamos sobre essas temáticas, é comum nos depararmos com investigações de Lacerda e Góes (2000), Lodi e Luciano (2009) e Quadros e Karnopp (2004), porque são pesquisadores que exploram essas concepções em suas práticas acadêmicas, indicando que as áreas da Educação e da Linguística acolhem trabalhos que olham para a condição do surdo nesses contextos de pesquisas. Nesse sentido, é necessário considerar estudos no eixo dessas temáticas na Psicologia e em outras áreas do conhecimento, já que a Linguística e Educação ainda são (as principais) áreas que vêm olhando atentamente para as implicações vivenciadas pelos surdos brasileiros (Skliar, 1998; Brito, 2013; Souza & Barcelos, 2016). Assim, é oportuno convocar (ainda mais) a Psicologia, a fim de explorar os fenômenos que implicam na realidade/comunidade surda (Bisol, 2008), com o intuito de promover a produção científica na área e ser mote para investigações futuras, relacionando a Psicologia, os Estudos Surdos e a Linguística.

No contexto da Psicologia, Bisol (2008) oportunizou espaço aos estudos com surdez em consonância com a Psicologia, trazendo à tona que “as especificidades do contexto da surdez não ofuscam a complexidade e os desafios enfrentados pelo sujeito que vivencia a adolescência” (Bisol, 2008, p. 10). Mesmo que surdos e ouvintes passem por comportamentos, experiências e vivências semelhantes, muitos eventos no universo surdo são concebidos por uma língua de modalidade visuoespacial (Grosjean, 1994a, 1994b), como a Libras, implicando na subjetiva experiência de cada grupo através da língua (Lacerda & Goes, 2000; Martins, 2003; Meulder *et al.*, 2019).

Por falar em subjetividade e experiências, Martins (2003) denota que as relações sociais dos surdos são prejudicadas devido à falta de interações assertivas e capazes de promover o desenvolvimento da linguagem, porque, muitas vezes, os surdos são isolados de

práticas interacionais e aprendem a Libras somente quando há um instrutor capacitado para fomentar a aquisição da linguagem. Em sua tese, Martins (2003) destaca que, quando há interações entre pares que dominam a língua de sinais, há trocas e interações mais interessantes para o surdo e seus amigos, porque, além de aprender com a sua própria língua, também pode ser compreendido pelos pares que dominam a língua de sinais.

Devido ao amigo surdo ser um par importante para a pessoa surda, considerar a amizade como uma relação social pertinente para o desenvolvimento humano e como uma temática de pesquisas nessa área é uma ação que precisa ser iniciada no Brasil, uma vez que ainda é pouco explorada nos estudos nacionais e internacionais (Orsoni, 2007; Bonfim & Souza, 2010; Souza, 2006). Quando nos deparamos com pesquisas com esses vieses, é perceptível que o Brasil ainda não desenvolveu análises para discutir e explorar as relações de amizades entre as pessoas surdas, sendo pouco exploradas nos contextos de maior dominância como exemplos, os ouvintes. Ao encontro dessa perspectiva, Terlektsi *et al.* (2020) destacam que adolescentes surdos ou com deficiência auditiva vivenciam maiores déficits nas relações sociais e de amizade que ouvintes. A investigação Terlektsi *et al.* (2020) iniciou por uma revisão de literatura que buscou compreender as relações por pares desse grupo e observou que adolescentes com essa condição tendem a ter maiores dificuldades emocionais e comportamentais, sinalizando sobre a importância de dedicar atenção aos adolescentes com surdez ou deficiência auditiva, marginalizados e excluídos pela sociedade.

Terlektsi *et al.* (2020) também atentaram para a qualidade da amizade nos adolescentes que se encontram nessa condição, evidenciando a escassez desses estudos. Sobre a qualidade da amizade, comparando a amizade de adolescentes surdos e com deficiência auditiva em relação aos ouvintes, viu-se que os surdos e pessoas com deficiência auditiva possuem níveis mais baixos em relação às características positivas que se estabelecem nas relações de amizade. Além da revisão, Terlektsi *et al.* (2020) utilizaram uma abordagem qualitativa para investigar as experiências e problemas que influenciavam as relações de

amizades. Utilizaram uma entrevista semiestruturada, com uma amostra de 30 adolescentes entre 13 a 19 anos e perda moderada ou profunda da audição, explorando a linguagem receptiva e as habilidades socioemocionais.

Na entrevista semiestruturada para o estudo de Terlektsi *et al.* (2020), os participantes da pesquisa tiveram de responder a perguntas organizadas por temas que olharam para a comparação entre a escola primária e a secundária, a importância da escola, relacionamento com os colegas, relacionamento com amigos, experiências com o bullying e a experiência em ser surdo. As entrevistas foram adequadas aos modos de comunicação de cada participante, com uso da língua inglesa ou língua de sinais por meio de intérpretes de língua de sinais. Através da análise temática e com o apoio do NVivo10, identificaram que os participantes da pesquisa tiveram experiências positivas com seus pares em relação à amizade, embora ainda presenciassem comportamentos agressivos, como o bullying.

Terlektsi *et al.* (2020) falam sobre o ineditismo do estudo, porque exploram dados até então não encontrados nas pesquisas, trazendo três grandes contribuições: (i) os participantes experimentam relações interessantes e positivas na escola, sendo a escola primária mais repleta de comportamentos negativos, como o bullying; (ii) grande parte dos adolescentes com perda auditiva moderada enfrentou adversidades para construir amizades, relatando ser mais fácil construir amizades com o apoio das tecnologias do que em outras interações e situações sociais e; (iii) o gênero feminino vivencia mais problemas e turbulências em suas relações de amizade.

Esses resultados indicam que o aprofundamento de estudos sobre amizade com a população surda pode subsidiar práticas educacionais e psicossociais mais sensíveis às condições linguísticas e relacionais desse grupo, uma vez que as relações sociais exercem influência significativa sobre os processos de aprendizagem e desenvolvimento. O fomento a estudos dessa magnitude fortalece o trabalho educacional e psicossocial para com pessoas cujas trajetórias de desenvolvimento foram marcadas por barreiras linguísticas e contextuais,

como ocorre frequentemente no caso da surdez. Coloca-se, assim, maior visibilidade sobre as relações dos surdos e pessoas com deficiência auditiva com os pares, trazendo nortes e pistas para intervenções a serem aplicadas por professores e psicólogos que atendem esse público, a fim de minimizar danos ao desenvolvimento dessa população.

Sendo a amizade uma relação presente na vida humana, Rieffe *et al.* (2018), com o intuito de examinar como o funcionamento emocional estava relacionado ao desenvolvimento social de crianças e adolescentes, investigaram até que ponto o controle emocional influenciava na qualidade de amizades com pré-adolescentes com perda auditiva. Os resultados demarcaram uma associação positiva entre amizades positivas e o controle emocional entre ouvintes e surdos. Todavia, os estudantes com surdez ou deficiência auditiva destacaram maiores problemas e relações de amizades negativas. Tal achado vai ao encontro da revisão de literatura realizada pelos autores, que apontou a amizade como uma relação não tão amistosa para os adolescentes. Manter uma continuidade e sintonia nessa relação é ainda mais difícil para adolescentes que vivenciam e precisam lidar com percalços na comunicação, como o caso dos surdos e pessoas com deficiência auditiva.

O estudo de Rieffe *et al.* (2018) parte de um projeto maior que investigou o desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes com desenvolvimento atípico e com implicações no acesso ao meio social, foi realizado com 350 pré-adolescentes, 227 ouvintes e 75 surdos ou com deficiência auditiva. Estes estavam matriculados na Educação Básica, e 48 surdos ou com deficiência auditiva matriculados em Escolas de Educação Especial. Para compor a coleta de dados, foi utilizado o *Best Friend Index* (BFI) (Kouwenberg, Rieffe, & Banerjee, 2013), questionário que investiga a presença de características de amizade positiva e negativa experimentadas nas relações reais de amizades de adolescentes com surdez, deficiência auditiva e ouvintes. O questionário é introduzido por uma pergunta que encoraja o participante a escrever o nome do melhor amigo, levando o participante a ter um amigo específico em mente ao responder ao questionário. O instrumento

é composto por 11 itens que denotam uma escala de Características Positivas de Amizade (companheirismo, aliança confiável, divulgação, apoio e afeto/admiração) e 9 itens simbolizando uma escala de Características Negativas de Amizade (ciúme, dominância, conflito, traição e competição). Os autores ainda destacam que a validade do questionário é considerada como aceitável.

Além desses instrumentos, Rieffe *et al.* (2018) se valeram de instrumentos, como a versão holandesa do *Emotion Awareness Questionnaire Revised* (EAQ-R 30) para medir a consciência emocional, elaborado por Rieffe *et al.* (2008), e o *Coping Scale*, desenhado por Wright *et al.* (2010) para medir a regulação emocional. Nos dados coletados por Rieffe *et al.* (2018), avaliando as diferenças entre surdos, pessoas com deficiência auditiva e ouvintes em relação à qualidade da amizade, consciência emocional e regulação emocional, os pesquisadores conduziram 3 análises mistas de covariância. Foi calculada a correlação de Pearson para examinar as relações entre a qualidade da amizade, a consciência e regulação das emoções.

Os resultados do estudo de Rieffe *et al.* (2018) indicam uma correlação positiva entre o controle emocional e a qualidade das amizades entre adolescentes surdos, ouvintes e com deficiência auditiva, evidenciando que a regulação emocional desempenha papel central nas relações interpessoais em diferentes grupos. Entretanto, os autores ressaltam que as maiores dificuldades observadas entre participantes surdos não podem ser atribuídas à surdez em si, mas às condições contextuais em que esses sujeitos se desenvolvem, especialmente no que se refere ao acesso à linguagem e às oportunidades de interação social. Em contextos educacionais nos quais as experiências linguísticas e relacionais são restritas, os adolescentes surdos tendem a apresentar menores níveis de controle emocional e a se beneficiar menos de estratégias de regulação emocional amplamente disponíveis a seus pares ouvintes. Esses achados reforçam a necessidade de compreender a regulação emocional como um processo

relacional e situado, profundamente dependente da qualidade das interações sociais e das condições de comunicação oferecidas ao longo do desenvolvimento.

No contexto educacional brasileiro, a escola comum caracteriza-se por acolher estudantes com diferentes habilidades e trajetórias, orientando-se pelos princípios da educação inclusiva e pela valorização da diversidade, ainda que, muitas vezes, enfrente limites estruturais para garantir comunicação plena a estudantes surdos (Thoma, 2006; Lebedeff, 2017; Bandeira, 2020; Ildebrand, 2020). Historicamente, as chamadas escolas especiais desempenharam um papel relevante ao concentrar estudantes surdos em espaços nos quais a Libras circulava de forma mais consistente, favorecendo o contato com pares e experiências de imersão linguística. Contudo, a partir da Lei nº 14.191/2021, torna-se fundamental diferenciar essas experiências históricas da concepção contemporânea de Escolas Bilíngues de Surdos, definidas como espaços nos quais a Libras é a língua de instrução e de interação, e a língua portuguesa escrita é ensinada como segunda língua.

No contexto da educação de pessoas surdas, é necessário situar historicamente o papel das instituições que, em determinados períodos, foram classificadas como escolas especiais. Em muitos casos, esses espaços constituíram os primeiros ambientes nos quais a Libras circulava de forma mais ampla, possibilitando contato sistemático com pares surdos e experiências de imersão linguística fundamentais para o desenvolvimento da comunicação, da identidade e do pertencimento cultural. Diferentemente de contextos inclusivos em escolas majoritariamente ouvintes; nos quais a interação em Libras frequentemente se restringe à mediação pontual de tradutores e intérpretes; tais instituições favoreciam a convivência cotidiana entre surdos e o uso da língua de sinais como meio principal de interação.

Contudo, a partir da promulgação da Lei nº 14.191/2021, que reconhece oficialmente as Escolas Bilíngues de Surdos como modalidade da educação básica brasileira, torna-se imprescindível diferenciar essas experiências históricas da concepção contemporânea de educação bilíngue (Gomides *et al.*, 2021; Ferreira & Chahini, 2024). As Escolas Bilíngues de

Surdos são definidas como espaços nos quais a Libras é a língua de instrução e de interação, e a língua portuguesa escrita é ensinada como segunda língua, fundamentando-se no reconhecimento da surdez como diferença linguística e cultural, e não como deficiência. Nesse sentido, o que se mostra central para o desenvolvimento integral e a inclusão social das pessoas surdas não é a categoria administrativa da escola, mas a garantia de contextos linguística e culturalmente acessíveis, nos quais a língua de sinais seja valorizada, compartilhada e vivenciada de forma plena (Sacks, 1998; Lacerda & Góes, 2000; Lodi & Luciano, 2009; Nunes *et al.*, 2015; Witches & Zilio, 2018; Brasil, 2021; Gomides *et al.*, 2021; Ferreira & Chahini, 2024).

Ao abordar as trajetórias escolares dos participantes, torna-se fundamental distinguir conceitualmente as escolas bilíngues para surdos das escolas historicamente classificadas como especiais. Embora parte dos participantes tenha frequentado instituições organizadas, em determinados períodos, sob a lógica da educação especial, a noção contemporânea de escola bilíngue para surdos refere-se a espaços educacionais nos quais a Libras é reconhecida como língua de instrução e de interação, e a língua portuguesa escrita ocupa o lugar de segunda língua (Lebedeff, 2017; Ildebrand, 2025). Diferentemente das escolas especiais, frequentemente marcadas por práticas específicas e por uma abordagem terapêutica da surdez, as escolas bilíngues se fundamentam no reconhecimento da surdez como diferença linguística e cultural, deslocando o foco da deficiência para o direito à língua e à participação social (Skliar, 1998; Thoma, 2006; Witches & Zilio, 2018). Nessa perspectiva, como argumentam Meulder *et al.* (2019), a efetivação de políticas linguísticas bilíngues exige não apenas a presença formal da Libras no currículo, mas a criação de ambientes em que a língua seja compartilhada e vivenciada (Ildebrand, Machado & Marques, 2025). Tal distinção é central para compreender os contextos educacionais experimentados pelos participantes e para evitar leituras simplificadoras que equiparem a escolarização bilíngue à lógica da educação especial, desconsiderando seus pressupostos linguísticos, pedagógicos e culturais.

Tanto o estudo de Rieffe *et al.* (2018) quanto o de Terlektsi *et al.* (2020) contaram com especialistas em língua de sinais, forjando a busca e coleta de dados com os participantes envolvidos. Ao encontro dessa forma de oportunizar uma maior acurácia ao tratamento de dados para os surdos e pessoas com deficiência auditiva, Millen, Dorn e Luckner (2019) também se valeram de acessibilidade à língua de sinais para fortalecer o procedimento e a geração de dados com essa população. Millen, Dorn e Luckner (2019) investigaram se a amizade com os pares se correlacionava com autodeterminação e autonomia, validando que as amizades e autodeterminação são atributos importantes que influenciam de forma positiva o desenvolvimento e as aprendizagens na vida escolar e adulta.

Através de uma amostra de estudantes surdos e com deficiência auditiva, Millen, Dorn & Luckner (2019) se valeram do *Self-Determination Inventory: Student Report* (Shogren *et al.*, 2017), instrumento utilizado para medir níveis de autodeterminação em 29 estudantes entre 13 e 17 anos. Para avaliar a qualidade de amizade dos estudantes, a *Interpersonal Support Evaluation List* (Cohen *et al.*, 1985) de 12 itens foi selecionada para compor o método, devido a ser utilizada em estudos anteriores com pessoas com deficiência visual, verificando redes de amizade entre adultos. É preciso dizer ainda que itens foram readequados aos adolescentes para terem mais sentido à população alvo do estudo. Para medir a quantidade de amizades, Millen, Dorn e Luckner (2019) adaptaram o *Circle of Friends* desenvolvido por Falvey *et al.* (1997). Esse instrumento serve como medida de autorrelato e usa 4 círculos concêntricos, onde os estudantes escrevem os nomes ou iniciais de seus amigos e conhecidos. Os círculos concêntricos determinam níveis que avaliam a quantidade de amigos e de conhecidos.

Na sequência do estudo de Millen, Dorn e Luckner (2019), utilizando as duas medidas para determinar a qualidade e a quantidade das amizades dos estudantes, os pesquisadores correlacionaram esses dados com o questionário sobre autodeterminação e identificaram relações significativas entre autodeterminação, qualidade e quantidade de amizades na

amostra investigada ($p < 0,01$). Tais descobertas se aproximam de achados e estudos anteriores, validando que a autonomia e as redes sociais e de amizade se correlacionam.

As pesquisas trazidas até aqui avigoram o papel do ambiente educacional para o desenvolvimento dos estudantes. Bowen (2008) destaca que a escola parece fomentar perspectivas que lidam com a própria aceitação do aluno. Buscando compreender como decorrem as relações sociais em duas turmas heterogêneas, Bowen investigou dois grupos de alunos de 3º e 4º ano (17 estudantes de sala de aula comum regular e 23 estudantes em turmas na perspectiva inclusiva com 5 estudantes atípicos - surdos ou com deficiência auditiva), com o intuito de avaliar e determinar padrões de amizade, atitudes, crenças e percepções sobre língua de sinais e surdez.

Na pesquisa em questão, Bowen (2008) destaca que, para formular o estudo, foi necessário desenvolver um sociograma, a fim de observar a aceitação social e a amizade entre os participantes. Para o desenvolvimento do sociograma, 16 questões sobre situações positivas e negativas (referentes a amizade, atitudes e crenças) foram apresentadas aos participantes de forma oral e sinalizada. Além disso, para averiguar o desempenho em língua de sinais, os investigadores utilizaram o *Sign Communication Proficiency Interview* (SCPI), desenvolvido por Caccamise e Newell (2000). Além disso, cada estudante foi entrevistado, a fim de avaliar a aceitação social e para a surdez. As descobertas do estudo sugerem que a inclusão de estudantes surdos ou com deficiência auditiva eleva as habilidades da língua de sinais, promove uma atitude mais positiva em relação à surdez e amplifica a consciência de certos aspectos sobre a perda da audição, como a fala. Bowen (2008) também observou que crianças surdas ou com deficiência auditiva foram igualmente aceitas como seus colegas ouvintes. Cabe salientar que o estudo se refere apenas a 5 crianças surdas ou com deficiência auditiva em uma sala de aula. Estudos anteriores, como o de Wauters e Knoors (2007), também sugerem que crianças nessas condições foram igualmente aceitas. Entretanto, apenas 4 de 18 crianças que estiveram presente no estudo de Wauters e Knoors (2007) vivenciaram a

sala de aula numa perspectiva inclusiva com os ouvintes. De encontro a essa perspectiva, Nunes, Pretzlik e Olsson (2001) reforçam ser mais comum crianças surdas ou com deficiência auditiva serem negligenciadas, indicando que essa população precisa de atenção quanto aos processos proximais que devem ser estimulados e ofertados em seu percurso de desenvolvimento do que crianças ouvintes.

Wauters e Knoors (2007) investigaram como decorre a integração e inclusão social de crianças surdas em contextos de inclusão na Holanda. Os pesquisadores apresentam reflexões que indicam a importância de práticas educativas inclusivas, elementos cruciais para fomentar diferentes políticas voltadas à educação que podem fortalecer a inclusão social de pessoas surdas. No entanto, são poucos os estudos que olham para pesquisas que lidam com a inclusão social com crianças surdas. Além disso, parece que crianças surdas na Educação Básica apresentam menos relações sociais e de amizade que seus pares ouvintes, assim como são mais negligenciadas e rejeitadas que os ouvintes.

De modo a examinar a inclusão social de 18 crianças surdas e seus 344 colegas de uma escola de Educação Básica na Holanda, Wauters e Knoors (2007) se valeram de instrumentos para medir aspectos relacionados à aceitação por pares, competência social e relações de amizade. Para medir relações de amizade e antipatia, os pesquisadores utilizaram *Translation of the Peer Nomination Task*, uma tarefa de classificação por pares. Um exemplo sobre a tarefa de nomeação de pares decorreu da pergunta: (i) *fale o nome de três colegas da sala que são seus amigos*. Por meio dessa pergunta, as amizades mútuas foram identificadas quando duas crianças nomeavam uma a outra. A pergunta (ii) *de quais três colegas você menos gosta?*, pretendia verificar a antipatia.

Wauters e Knoors (2007), na continuidade do estudo, notaram que as crianças surdas e ouvintes tiveram semelhança nas relações de amizade e aceitação dos pares. Os surdos apresentaram maiores defasagens nas competências sociais, pontuando mais baixo do que os ouvintes no comportamento pró-social e mais alto no comportamento social retraído. Por

meio do apoio da modelagem de equações estruturais viu-se que a aceitação dos pares, competência social e relações de amizade são estáveis no decurso de vida, e a estrutura das inter-relações entre as variáveis em 2 medidas foi a mesma para surdos e ouvintes, conforme evidenciam Wauters e Knoors (2007).

Dedicar atenção aos Estudos Surdos e às perspectivas que lidam com as relações de amizade indica que é preciso olhar para essa população e explorar informações que podem ser valiosas para o trabalho educativo e o desenvolvimento desse grupo nos mais diversos contextos sociais. Martin e Bat-Chava (2003) destacam que, devido às diferentes dimensões linguísticas e habilidades dos surdos, é difícil generalizar cenários e práticas que fortaleçam e unifiquem abordagem de ensino e aprendizagem, bem como definições que falam sobre as relações de amizade. Logo, provocar e explorar estudos que discutem essas temáticas é uma perspectiva inovadora na academia, porque podem trazer direcionamentos e aprendizados que favorecem, cada vez mais, a inclusão da pessoa surda na sociedade. Keilmann, Limberger e Mann (2007) têm apontado para essas preocupações com a comunidade surda ou com deficiência auditiva, porque, assim com Sacks (1998) também indica, ser nativo de uma língua de sinais implica nas relações sociais do surdo, incluindo as familiares, já que a maioria das crianças surdas é filha de adultos ouvintes que pouco sabem a língua da comunidade surda.

As revisões dos estudos em destaque denotam a necessidade de a Psicologia do Desenvolvimento olhar para a população surda e em situação de inclusão, em especial nos estudos sobre amizade. Com base nas dimensões e estudos reiterados nesta pesquisa e nas concepções dos autores destacados, é possível defender que a amizade é um conceito que se enquadra dentro do estudo do desenvolvimento humano e das interações sociais. Os estudos nessa área têm se dedicado a compreender as influências e os fatores que moldam as experiências das pessoas ao longo de suas vidas. A perspectiva sociocultural tem destacado a importância das interações sociais e das relações interpessoais, indicando que o

desenvolvimento humano depende, em grande parte, da interação com os pares. Diversos autores apresentados ressaltam que as interações sociais desempenham um papel significativo no desenvolvimento, promovendo habilidades sociais, competências e resiliência. As interações são vistas como bidirecionais, envolvendo ações recíprocas que podem não ser apenas explícitas. Além disso, o desenvolvimento humano é influenciado por fatores contextuais, históricos e individuais, sendo multidimensional e multidirecional. É importante ressaltar que as interações de qualidade, progressivas e que envolvem estímulos diversos são essenciais para um desenvolvimento humano típico, enquanto a falta de acesso a essas interações pode prejudicar o desenvolvimento de habilidades e competências. Em relação às crianças surdas, por exemplo, a limitação de acesso a ambientes sociais pode impactar negativamente suas interações e relações sociais, incluindo a formação de amizades. O desenvolvimento atípico, como no caso das crianças com características específicas do desenvolvimento, apresenta assimetrias nas habilidades e competências, exigindo uma compreensão específica e estudos que contribuam para minimizar as desvantagens. Em suma, a amizade é um aspecto fundamental no desenvolvimento humano, influenciando diretamente as interações sociais e promovendo o bem-estar emocional e pessoal das pessoas. Ao reconhecer o papel das amizades e das interações sociais como processos centrais do desenvolvimento humano, torna-se possível analisar como condições de acessibilidade, mediações linguísticas e contextos relacionais específicos favorecem ou limitam a construção e a manutenção desses vínculos ao longo do desenvolvimento.

Com vistas a atender aos objetivos da pesquisa e aprofundar a compreensão das experiências de amizade no contexto da surdez, o método adotado foi estruturado em dois estudos complementares. Essa organização possibilitou analisar indicadores psicossociais e narrativas de vida, permitindo entender como as amizades se constituem, adquirem sentidos e são vivenciadas ao longo das trajetórias de pessoas surdas inseridas em diferentes contextos linguísticos e relacionais.

Método

Para a investigação, recorreu-se a instrumentos e procedimentos de coleta e análise de dados de natureza quantitativa e qualitativa, com o objetivo de explorar as relações de amizade no contexto da surdez. Esses vieses trazem uma noção de complementaridade e não da exclusão de uma em relação à outra no contexto da pesquisa, conforme indicam Creswell e Clark (2013). Desse modo, o primeiro estudo conta com instrumentos diversificados que exploram as relações de amizade, a fim de aprofundar conhecimentos e indagações sobre elas. De forma complementar, o segundo estudo analisou aspectos da amizade no contexto da surdez utilizando uma entrevista semiestruturada organizada por Ildebrand e Souza (2022).

O presente estudo foi conduzido com uma amostra composta por 50 participantes surdos para o Estudo 1. Quatro participantes do Estudo 1 integraram a entrevista elaborada por Ildebrand e Souza (2022) para o Estudo 2. No Estudo 1, foram incluídos 50 participantes, enquanto o Estudo 2 contou com a representação de 4 quatro participantes. Essa estratégia de amostragem foi deliberadamente selecionada considerando a natureza específica da população surda. A escolha de uma amostra maior para o Estudo 1 visa proporcionar uma análise exploratória e representativa das percepções e experiências das relações de amizade dentro do contexto da surdez, dada a variabilidade das experiências individuais. Por outro lado, a amostra menor no Estudo 2 reflete a ênfase na profundidade e detalhamento das entrevistas individuais semiestruturadas, buscando uma compreensão mais situada e aprofundada dos aspectos temáticos subjacentes às relações de amizade entre os participantes surdos. Esse balanceamento de amostra entre os estudos otimiza a qualidade e a abrangência das análises (Campos & Saidel, 2022) em relação às complexidades das relações de amizade no contexto da surdez com base nos participantes da pesquisa.

Procedimento de análise de dados para os dois estudos

Tendo em vista que os instrumentos utilizados na pesquisa articulam abordagens qualitativas e quantitativas, os procedimentos de análise foram definidos de modo a respeitar a natureza específica de cada tipo de dado. No que se refere ao material qualitativo, oriundo das entrevistas semiestruturadas, optou-se por uma descrição interpretativa sistemática, ancorada em categorias que emergiram dos próprios relatos dos participantes. Como destacam Bortolozzi (2020) e Gil (2003), esse tipo de abordagem permite que o pesquisador compreenda os sentidos atribuídos às experiências vividas, sem fragmentar os discursos ou descontextualizá-los. As entrevistas, por sua vez, oferecem um espaço aberto para que os participantes expressem suas percepções, sentimentos e vínculos com os temas investigados, favorecendo uma escuta atenta e situada, conforme defendem Cohen *et al.* (2013). A categorização das falas não teve como objetivo reduzir a complexidade das narrativas, mas organizá-las em unidades compreensivas que respeitassem sua organicidade e circularidade, conforme orientam Lakatos e Marconi (2003), favorecendo uma compreensão aprofundada das relações de amizade no contexto da surdez.

Para a análise dos dados quantitativos, utilizou-se o software estatístico gratuito e de código aberto Jamovi, que possibilita a condução de análises descritivas e inferenciais com base em técnicas amplamente reconhecidas no campo da Psicometria e das Ciências Humanas. Inicialmente, foram realizadas análises descritivas e correlacionais (Raykov, 1997), com o objetivo de examinar as relações entre variáveis relativas às funções da amizade, sentimentos, suporte social e satisfação com o relacionamento. Seguindo orientações de Pasquali (1999), também foram conduzidas análises de consistência interna (alfa de Cronbach), testes t para comparação entre grupos (como tipo de escola frequentada, processo de aquisição da língua e se o melhor amigo é surdo ou ouvinte), bem como cálculo do d de Cohen para aferição de tamanho de efeito. As análises visaram não se limitar à descrição dos

dados, mas também estabelecer associações que pudessem dialogar com as informações qualitativas, conforme propõem Creswell e Clark (2013) no uso de métodos mistos, permitindo uma compreensão mais abrangente e fundamentada do fenômeno investigado.

Ainda que a análise qualitativa tenha privilegiado a emergência de sentidos a partir dos relatos dos participantes, o processo interpretativo também foi orientado por categorias analíticas a priori, derivadas do referencial teórico que fundamenta o estudo sobre desenvolvimento humano, amizade e comunicação. Conforme destacam Gil (2003) e Lakatos e Marconi (2003), o uso de categorias previamente delineadas não implica a imposição de esquemas rígidos aos dados, mas funciona como um eixo orientador que favorece a articulação entre teoria e empiria. Nesse estudo, tais categorias permitiram situar as narrativas em torno de dimensões já reconhecidas na literatura, bem como vínculos afetivos, apoio social, processos comunicacionais e contextos de interação, ao mesmo tempo em que se manteve abertura para a incorporação de novos sentidos emergentes. Essa combinação entre categorias a priori e categorias construídas a partir do material empírico contribuiu para uma análise mais consistente e integrada, respeitando a complexidade das experiências relatadas e fortalecendo o diálogo entre os resultados qualitativos e quantitativos, conforme recomendam Creswell e Clark (2013) no desenho de pesquisas de métodos mistos.

Cuidados éticos

A primeira etapa dos cuidados éticos decorreu do acolhimento que foi realizada aos participantes que aceitaram integrar a pesquisa. Estes foram orientados sobre os tópicos da pesquisa, sendo que receberam o *Termo de Consentimento Livre Esclarecido* (TCLE) (Anexo B e C). Vale destacar que o TCLE pode ser interpretado em Libras no momento da participação da entrevista, indicando as vantagens e prejuízos da pesquisa. As vantagens decorrem do ineditismo em entender as relações de amizade de pessoas surdas no Brasil e

como essas experiências se articulam às condições linguísticas, relacionais e contextuais que atravessam seus processos de desenvolvimento. Durante o processo de pesquisa, foram realizadas buscas por referências científicas publicadas nos últimos 10 anos, com o intuito de obter informações relevantes sobre a temática da pesquisa. No entanto, constatou-se uma escassez de estudos específicos sobre a comunidade surda, tanto a nível mundial quanto no Brasil.

Essa lacuna de pesquisa limitou a disponibilidade de estudos recentes que abordassem diretamente essa população. Diante dessa realidade, os estudos selecionados foram os mais adequados e relevantes encontrados dentro do escopo temático, buscando oferecer entendimentos e informações para contribuir com o entendimento do assunto em questão. É importante destacar a necessidade de ampliar os esforços de pesquisa nessa área, a fim de preencher essa lacuna de conhecimento e promover um maior entendimento das experiências e necessidades da comunidade surda. As desvantagens decorrem de interferências e momentos negativos que podem ter ocorridos no processo de formação, continuação e manutenção das amizades, sendo que alguns autores como Rieffe *et al.* (2018) e Terlektsi *et al.* (2020) salientaram dos obstáculos em formar relações e do bullying que a comunidade surda enfrenta por se valer de uma língua e condições diferentes da comunidade de língua majoritária.

As considerações éticas da pesquisa também se pautaram nas resoluções trazidas por McKee, Schlehofer e Thew (2013), “*Ethical Issues in Conducting Research With Deaf Populations*”, que lidam com uma visão da comunidade surda como uma identidade e não como uma deficiência, a fim de considerar as experiências dessa população e fortalecer essa identidade. Para tanto, a investigação seguiu as diretrizes apresentadas nos seguintes documentos: a Resolução nº 510/2016, que estabelece cuidados com as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, garantindo aos participantes a confidencialidade da sua identidade e informações pessoais, a liberdade frente a participação, bem como a recusa e a

desistência caso determinadas temáticas sejam delicadas ou interfiram em sua saúde emocional. Também se recorreu à Resolução nº 466/2012, que orienta sobre as pesquisas com participação humana e as ações éticas básicas que precisam ser assumidas em desenvolvimento. Por fim, como o contato com os participantes da pesquisa ocorreu por meio virtual, conforme estabelecido no Ofício Circular nº 2/2021, esse documento forneceu orientações específicas e precauções a serem consideradas ao conduzir pesquisas em ambiente virtual. Através dessas diretrizes, buscou-se garantir a proteção, segurança e os direitos dos participantes, assegurando que as etapas do estudo realizadas nesse contexto sejam conduzidas de maneira ética e responsável. O Ofício Circular estabeleceu definições importantes, como meio ou ambiente virtual e forma não presencial, para proporcionar um entendimento claro das condições em que a pesquisa foi realizada, sustentando diretrizes para a comunicação e interação com os participantes, incluindo a importância de esclarecer sobre seus direitos de acesso aos dados, a possibilidade de não responder a certas questões e o direito de retirar o consentimento a qualquer momento.

Riscos

A condução desta pesquisa, com o objetivo de explorar as relações de amizade no contexto da surdez, situou-se como uma abordagem cuidadosa e sensível. As discussões sobre experiências de amizade, particularmente no contexto da comunidade surda, podem evocar lembranças emocionalmente carregadas ou desafiadoras para os participantes. Além disso, a divulgação de histórias pessoais pode suscitar desconforto emocional ou, em certos casos, até desencadear sentimentos mais intensos. A fim de mitigar esses riscos, foram adotadas estratégias específicas que garantiram a privacidade e confidencialidade das informações compartilhadas, conforme detalhado na seção de cuidados éticos do projeto.

Benefícios

Este estudo não previu benefícios financeiros aos participantes. No mais, a pesquisa sobre as relações de amizade no contexto da surdez apresentou diversas perspectivas de benefícios. Em primeiro lugar, tem contribuído para o preenchimento de lacunas de conhecimento na literatura brasileira, oferecendo um panorama mais abrangente e contextualizado sobre as experiências de amizade dessa comunidade específica. Os resultados obtidos podem oferecer entendimentos para profissionais da área da Psicologia e Educação, auxiliando no desenvolvimento de práticas mais inclusivas e sensíveis às necessidades dos surdos. A investigação também tem o potencial de ampliar a conscientização sobre a importância das relações sociais na vida dos surdos, destacando suas particularidades e desafios. Assim, os participantes puderam refletir e aprofundar a compreensão de suas próprias experiências de amizade no contexto da surdez.

Capítulo II - Estudo 1 – Amizades no contexto da surdez: suporte social percebido, funções da amizade, satisfação com o relacionamento e sentimentos positivos e negativos com relação ao amigo ou amiga

Participantes do estudo 1

Dada a escassez de estudos no contexto das relações de amizade com a população surda no cenário brasileiro, torna-se pertinente direcionar a atenção desta pesquisa para esse grupo demográfico específico. Através dessa delimitação, espera-se contribuir para o preenchimento de uma lacuna de conhecimento no contexto nacional. Em consonância com tal propósito, delineia-se o perfil dos participantes alvo, o qual abarca indivíduos surdos nativos na Libras e competentes na leitura da língua portuguesa escrita, cujas idades variam entre 18 e 45 anos, todos de origem brasileira. A estipulação desses critérios de inclusão foi pautada na pertinência das características demográficas para os objetivos da pesquisa, bem como na viabilidade de análise dos resultados obtidos. Os participantes selecionados para a investigação foram indivíduos surdos, nativos da Libras, com o intuito de garantir a validade e a aplicabilidade dos resultados às vivências específicas dessa comunidade linguística. Adicionalmente, a habilidade de leitura em língua portuguesa escrita foi uma condição relevante para a compreensão dos questionários e materiais de pesquisa empregados durante o estudo.

O recrutamento dos participantes ocorreu por meio de uma estratégia de amostragem não probabilística, de caráter intencional e por conveniência, amplamente utilizada em pesquisas com populações específicas e minoritárias (Campos & Saidel, 2022). Inicialmente, foram estabelecidos contatos com instituições, grupos e redes vinculadas à comunidade surda, como associações de surdos, espaços educacionais e redes sociais digitais, nas quais foi divulgado o convite para participação na pesquisa. O convite continha informações gerais

sobre os objetivos do estudo, os critérios de inclusão e os procedimentos de participação, sendo apresentado em língua portuguesa escrita e acompanhado da indicação de um contato específico para que os interessados pudessem acessar, em Libras, as informações relativas à pesquisa. Os interessados que atenderam aos critérios estabelecidos manifestaram voluntariamente sua concordância em participar, sendo então encaminhados para a leitura e aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essa estratégia buscou ampliar o alcance da pesquisa, respeitando as particularidades linguísticas e culturais da comunidade surda, bem como garantir a participação de sujeitos com diferentes trajetórias educacionais e comunicacionais.

Nesse contexto, os limites de idade entre 18 e 45 anos foram fundamentados em diversas considerações. Primeiramente, esta faixa etária abarca tanto a juventude quanto a fase inicial da meia-idade, abrangendo um período de notável desenvolvimento pessoal, transições de vida e estabelecimento de identidade (Blieszner & Adams, 1992; Bronfenbrenner, 2011; Papalia & Feldman, 2013). A delimitação assegura uma homogeneidade dentro da amostra, permitindo comparações mais significativas e a identificação de tendências ao longo dessas idades. Em relação à exclusão de indivíduos que não utilizam a Libras como língua nativa, a decisão é respaldada pela finalidade de investigar as relações de amizade especificamente dentro do contexto linguístico e cultural dos surdos nativos da Libras, a fim de capturar as nuances e experiências próprias dessa comunidade. O intervalo de 18 a 45 anos abrange uma faixa etária ampla o suficiente para obter uma amostra significativa e representativa, enquanto ainda mantém um foco específico e gerenciável para análise. Portanto, ao selecionar a faixa etária de 18 a 45 anos, a pesquisa sobre relações de amizade no contexto da surdez explora a influência dessas relações em uma fase crucial da vida, considerando as experiências únicas e o desenvolvimento dos indivíduos surdos nativos da Libras.

Embora o presente estudo não tenha adotado um delineamento longitudinal, a inclusão de participantes em uma faixa etária ampla, da juventude à fase inicial da meia-idade, permitiu considerar a passagem do tempo como um elemento interpretativo relevante na análise das relações de amizade. Os resultados indicam que, ao longo do ciclo vital, as amizades tendem a assumir funções e significados distintos, acompanhando transformações nas demandas sociais, nos contextos de participação e nas trajetórias pessoais dos indivíduos (Blieszner & Adams, 1992; Papalia & Feldman, 2013). No contexto da surdez, essas mudanças mostram-se particularmente sensíveis às condições de comunicação vivenciadas em diferentes momentos da vida. Enquanto experiências precoces de acesso à Libras e de inserção em comunidades surdas favorecem a construção de vínculos mais estáveis e recíprocos, trajetórias marcadas por restrições linguísticas tendem a repercutir em relações de amizade mais fragilizadas ou menos duradouras. Assim, a passagem do tempo não opera como um fator isolado de mudança, mas como um eixo que articula experiências acumuladas, oportunidades de interação e reorganizações relacionais, influenciando a forma como as amizades são construídas, mantidas ou ressignificadas ao longo da vida adulta.

Instrumentos do estudo 1

A seleção de instrumentos da investigação se deu por meio da revisão de literatura realizada, sendo que o primeiro decorreu de um *Questionário Sociodemográfico e Sociolinguístico* desenvolvido por Ildebrand e Souza (2022), inspirado por Silva (2018) (Apêndice A), a fim de inferir relações com base nos dados que serão explorados. Vale destacar que o *questionário sociodemográfico e sociolinguístico* foi elaborado considerando as especificidades da população surda, constituindo-se de 30 perguntas, sendo 24 fechadas e seis abertas, organizadas em áreas: identificação pessoal; experiência e formação linguística; e uso e interação entre línguas com os pares.

A *Escala de Suporte Social Percebido* (Bastianello & Hutz, 2016), da qual foram selecionadas apenas as questões correspondentes ao suporte social percebido recebido, é composta por 13 itens em escala Likert (de 1 a 5), quanto à frequência com que aplica cada enunciado referente ao suporte social percebido recebido pelo participante, sendo dois adaptados para a comunidade surda.

Na sequência, aplicou-se um conjunto de escalas que integram os *Questionários McGill de Amizade*, validados para o Brasil por Souza e Hutz (2007). A escolha por esse instrumento deve-se ao fato de que ele busca avaliar a função de um amigo(a) na vida de uma pessoa, bem como sentimentos positivos e negativos em relação a ela e satisfação com o relacionamento de amizade. Além disso, antecedendo o questionário, Souza, Avila-Souza e Gauer (2016) sugerem a aplicação do *Questionário Introdutório de Amizade – Forma Reduzida*, a fim de otimizar a coleta de informações das escalas. Uma questão envolvendo amizade entre surdos e ouvintes foi adaptada para contemplar os participantes da pesquisa mediante sua característica cultural, com o intuito de entender se o melhor amigo de um surdo é surdo ou ouvinte, bem como compreender se o melhor amigo de uma pessoa surda sabe se comunicar com ela por meio da Libras ou outros modos de comunicação.

Souza (2006), sendo uma referência no campo da amizade, considerou o instrumento elaborado por Mendelson e Aboud (1999) para avaliar a amizade em adultos: *Escala das Funções da Amizade*. Essa escala conta com 30 questões capazes de averiguar características e atitudes sobre o melhor amigo, realçando a ajuda, o companheirismo, a intimidade, a aliança confiável, a segurança emocional e a autoavaliação como componentes importantes para a manutenção de relacionamentos de amizade (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016).

A *Escala de Satisfação com a Amizade e Sentimentos Positivos em Relação ao Amigo* foi utilizada, a fim de entender os sentimentos positivos e a satisfação com a amizade, sendo composta por 13 itens com respostas em escala *likert* (de 1 a 5). Além dos sentimentos positivos, foi utilizada a *Escala de Sentimentos Negativos com Relação ao Amigo*, composta

por 18 itens com respostas em escala *likert* (de 1 a 5), que visou compreender as percepções negativas referentes à amizade (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016).

Procedimento de coleta e análise de dados do Estudo 1

Para iniciar o procedimento de coleta de dados, o pesquisador realizou contato virtual com pessoas surdas, convidando-as a participar da pesquisa, explicando, resumidamente, em convite, os objetivos do estudo, sua relevância para investigações no contexto da surdez e as informações que deveriam responder para contribuir com o estudo. Para tanto, 50 pessoas adultas surdas participaram do Estudo 1. Conforme discutido na revisão de literatura, pesquisas com pessoas surdas frequentemente enfrentam dificuldades de acesso a essa população, sendo mais comuns estudos realizados em contextos escolares com crianças e adolescentes do que com adultos, que constituem o foco desta investigação. As respostas aos instrumentos delimitados foram coletadas por meio da Plataforma *Microsoft Forms*, que permitiu a elaboração de questionários, sendo gratuito e funcional para a pesquisa. Essa ferramenta pode ser acessada através de diferentes aparelhos com acesso à internet, facilitando a coleta e geração de dados. O *Microsoft Forms* otimiza o tratamento de informações, contribuindo para o processo de manipulação e organização de dados, conforme destacam Caldas (2021) e Vargas e Rocha (2017).

Além dos procedimentos de coleta, a presente pesquisa utilizou uma abordagem de métodos mistos, articulando dados quantitativos e qualitativos para compreender as relações de amizade no contexto da surdez. Conforme propõem Creswell e Clark (2013), a combinação de métodos permite uma análise mais aprofundada dos fenômenos sociais, na medida em que os dados quantitativos oferecem uma visão geral das tendências e padrões, enquanto os dados qualitativos aprofundam a compreensão subjetiva dos participantes. No caso desta pesquisa, as análises estatísticas descritivas, inferenciais e correlacionais possibilitaram identificar

médias, diferenças entre grupos e relações significativas entre variáveis como funções da amizade, sentimentos e suporte social, com base em instrumentos validados e normas psicométricas. Essas análises permitiram observar, por exemplo, que os escores da amostra se situaram em percentis baixos nas escalas de funções da amizade e satisfação com o relacionamento, evidenciando padrões de relações interpessoais com menor intensidade quando comparados à amostra normativa, o que demanda uma interpretação situada nos contextos sociais e linguísticos dos participantes. Tal constatação reforça a necessidade de considerar os contextos sociais e linguísticos dos participantes surdos, especialmente no que tange à acessibilidade e ao suporte nas interações interpessoais. Nesse sentido, conforme defendem Gil (2003) e Lakatos e Marconi (2003), a análise estatística, ao ser conduzida com critérios metodológicos rigorosos, contribui para a confiabilidade e validade dos achados, permitindo que sejam articulados de forma crítica com os dados qualitativos e com os objetivos da investigação.

Resultados

Inicialmente, são apresentadas as características sociodemográficas e sociolinguísticas dos participantes deste estudo, em conformidade com os dados coletados por meio do *Questionário Sociodemográfico e Sociolinguístico* (Ildebrand & Souza, 2022). Essa etapa serve para contextualizar a amostra, fornecendo um panorama abrangente (Moraes, 2005) de aspectos como idade, gênero, escolaridade, situação ocupacional, origem geográfica, configuração familiar, idade de início da surdez, uso de tecnologias, contato com a Libras e a comunidade surda, modos de comunicação e preferências comunicativas. A descrição desses dados permite uma compreensão mais aprofundada das vivências e experiências dos participantes.

Parte 1a - Características demográficas da amostra

A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos participantes do estudo, detalhando informações sobre idade, gênero e estado civil. No que tange à idade, observa-se que a maioria dos participantes (35) se encontra na faixa etária de 18 a 32 anos, enquanto 15 participantes estão entre 33 e 44 anos. Em relação ao gênero, a amostra é composta por uma maioria de participantes do sexo feminino (31), contrastando com 19 participantes do sexo masculino.

Tabela 1

Sobre a idade, gênero e estado civil.

Pergunta	Respostas	Ouvinte ou surdo	N
Idade	18 a 32 anos		35
	33 a 44 anos		15
Gênero	Feminino		31
	Masculino		19
Estado civil	Casado/a ou União estável	Pessoa ouvinte	5
		Pessoa surda	7
	Namorando	Pessoa ouvinte	18
		Pessoa surda	10
		Pessoa ouvinte	0
		Pessoa surda	1

Analisando mais profundamente o estado civil, nota-se uma distribuição interessante entre os grupos de surdos casados com ouvintes ou com surdos. Enquanto a categoria "Namorando" apresenta o maior número de participantes em ambos os grupos (18 ouvintes e 10 surdos), a categoria "Casado/a ou União Estável" mostra uma quantidade menor, com 5 ouvintes e 7 surdos. Percebe-se a ausência saliente de participantes ouvintes na categoria "Separado/a ou Divorciado/a", sendo que a presença de apenas um participante surdo nessa categoria é observada. O número de solteiros é igual entre os grupos (9).

Na sequência, a Tabela 2 apresenta a distribuição dos participantes em relação à formação educacional, situação ocupacional, parentalidade e origem geográfica, demonstrando as características da amostra. No que concerne à escolaridade, observa-se que o Ensino Superior Incompleto concentra o maior número de participantes (25), enquanto o Ensino Médio Completo é representado por 10 indivíduos. Embora um número significativo de participantes esteja cursando o ensino superior, apenas 6 concluíram essa etapa. Ao analisar a ocupação, verifica-se que 32 participantes conciliam estudo e trabalho, evidenciando uma parcela expressiva da amostra que busca desenvolvimento acadêmico e profissional simultaneamente. Em contrapartida, 14 participantes dedicam-se exclusivamente ao trabalho, ao passo que 2 são apenas estudantes e 2 estão desempregados.

Tabela 2

Formação educacional, situação ocupacional, parentalidade e concepção geográfica e religiosidade dos participantes.

Pergunta	Respostas	N
Escolaridade	Ensino médio completo	10
	Ensino médio incompleto	5

	Ensino superior incompleto	25
	Ensino superior completo	6
	Pós-graduação completa	3
	Pós-graduação incompleta	1
Ocupação	Estudo e trabalho	32
	Sou estudante	2
	Sou trabalhador	14
	Desempregado	2
	Não	32
Filhos	Sim - Ouvinte	17
	Sim - Surdo	1
Cidade/Estado de nascimento	Porto Alegre e Região	24
	Metropolitana	
	Interior do Rio Grande do Sul	24
Cidade/Estado onde reside atualmente	Outros Estados	2
	Porto Alegre e Região	20
	Metropolitana	
	Interior do Rio Grande do Sul	28
	Outros Estados	2
Você tem alguma religião?	Não	17
	Sim	33
	Não, não tenho religião	9
Você pratica essa religião?	Não	21
	Sim	20

A tabela 2 também apresenta dados sobre a parentalidade dos participantes, revelando que a maioria (32) não possui filhos. Dentre os que têm filhos, 17 têm filhos ouvintes, enquanto apenas 1 tem filho surdo. Ao examinar a origem geográfica, a tabela categoriza os participantes em relação à cidade/estado de nascimento e onde residem atualmente. Tanto na cidade/estado de nascimento quanto na residência atual, a categoria "Porto Alegre e Região Metropolitana" abrange 24 e 20 participantes, respectivamente. A categoria "Interior do Rio Grande do Sul" também é representativa, com 24 participantes na cidade/estado de nascimento, e 28 na residência atual. Por outro lado, a categoria "Outros Estados" é menos expressiva, com apenas 2 participantes tanto na cidade/estado de nascimento quanto na residência atual.

Além das informações demográficas, a Tabela 2 explora aspectos da religiosidade dos participantes. 33 afirmam ter alguma religião, enquanto 17 declaram não ter. Dentre os que possuem religião, a tabela distingue entre os que a praticam e os que não a praticam. Observa-se que 20 participantes praticam sua religião, ao passo que 21 não a praticam. Adicionalmente, 9 participantes especificam que não têm religião. Esses dados fornecem um panorama demográfico das características dos participantes, abrangendo desde a formação educacional e situação ocupacional até a parentalidade, origem geográfica e religiosidade.

Parte 1b - Dados sociolinguísticos

A Tabela 3 apresenta informações detalhadas sobre o perfil sociolinguístico dos participantes, abordando aspectos relacionados à surdez. No que se refere à composição familiar dos participantes, observa-se que, na maioria dos casos (40), tanto a mãe quanto o pai são ouvintes, enquanto em apenas um caso a mãe é ouvinte, e o pai é surdo. Embora 8 participantes tenham mãe ouvinte e pai surdo, apenas um possui mãe surda e pai ouvinte. Quando se analisa a idade em que os participantes se tornaram surdos, percebe-se que a

grande maioria (46) nasceu surda, ao passo que 4 participantes se tornaram surdos até os dois anos de idade. Embora 2 participantes tenham indicado que utilizam aparelho auditivo às vezes, 38 afirmam não utilizar, enquanto 10 utilizam o dispositivo auditivo regularmente.

Com base nessas descrições, a tabela 3 também explora o uso de implante coclear entre os participantes. Semelhantemente ao uso de aparelho auditivo, a maioria dos participantes (38) não possui implante coclear, enquanto 12 afirmam ter o implante. Ao detalhar o grau de surdez por ouvido, a tabela apresenta informações separadas para o ouvido direito e o ouvido esquerdo. No ouvido direito, a surdez profunda é a mais prevalente (39), seguida pela surdez severa (9), moderada (1) e leve (1). Da mesma forma, no ouvido esquerdo, a surdez profunda também é a mais comum (40), seguida pela surdez severa (6), moderada (3) e leve (1). Embora a surdez profunda seja predominante em ambos os ouvidos, há uma variação nos graus de surdez entre os participantes.

Tabela 3

Dados Sociolinguísticos dos Participantes Surdos

Pergunta	Respostas	N
Seu pai e sua mãe (biológicos) são surdos ou ouvintes?	Mãe ouvinte.	1
	Mãe ouvinte; Pai ouvinte.	40
	Mãe ouvinte; Pai surdo.	8
	Mãe surda; Pai ouvinte.	1
	Nasci surdo	46
	Tornei-me surdo	4
Você utiliza aparelho auditivo?	Às vezes.	2

Você possui implante coclear?		Não.	38
		Sim.	10
		Não.	38
		Sim.	12
	Direito	1. Leve	1
		2. Moderada	1
		3. Severa	9
		4. Profunda	39
Grau de surdez por ouvido	Esquerdo	1. Leve	1
		2. Moderada	3
		3. Severa	6
		4. Profunda	40

A fim de avançar nas descrições sociolinguísticas dos participantes, estabelece-se a tabela 4, que apresenta dados sobre o contato dos participantes com pessoas surdas e com a Libras, assim como o contexto de aprendizagem da língua. No que diz respeito à idade em que os participantes começaram a ter contato com pessoas surdas, observa-se que a faixa etária mais comum é de 1 a 5 anos (20 participantes), seguida por 6 a 10 anos (13 participantes). Há uma diminuição na quantidade de participantes à medida que a idade aumenta, com 7 participantes entre 11 e 15 anos, 5 entre 16 e 20 anos, e 4 com mais de 20 anos. Apenas 1 participante relatou nunca ter tido contato com pessoas surdas. De forma semelhante, a faixa etária de 1 a 5 anos também é a mais frequente para o início do contato com a Libras (19 participantes), com uma distribuição decrescente nas faixas etárias subsequentes: 13 participantes entre 6 e 10 anos, 8 entre 11 e 15 anos, 5 entre 16 e 20 anos, e 5 com mais de 20 anos.

A Tabela 4 indica que a maioria dos participantes mantém contato frequente e prolongado com a comunidade surda usuária de Libras, o que indica inserção consistente em contextos linguísticos e culturais compartilhados. No que se refere à frequência de contato, predomina a interação diária, relatada por 30 participantes, seguida do contato semanal (16 participantes), enquanto apenas um participante indicou contato mensal e outro afirmou não manter contato frequente com a comunidade surda. Quanto ao tempo de convivência, observa-se que 22 participantes relataram ter contato com a comunidade surda há mais de 20 anos, e 17 entre 16 e 20 anos, revelando trajetórias de longa duração. Um número menor de participantes indicou tempos de contato mais recentes, com seis participantes entre 10 e 15 anos e quatro com menos de 10 anos. Esses dados sugerem que, para a maior parte da amostra, as experiências de socialização, comunicação e pertencimento à comunidade surda se constituíram ao longo de períodos extensos do ciclo vital, o que tende a favorecer a consolidação de vínculos sociais e relações de amizade mediadas pela Libras.

Tabela 4

O contato dos participantes com pessoas surdas e com a Libras

Pergunta	Respostas	N
Com quantos anos você começou a ter contato com pessoas surdas?	De 1 a 5 anos	20
	De 11 a 15 anos	7
	De 16 a 20 anos	5
	De 6 a 10 anos	13
	Mais de 20 anos	4
Com quantos anos você começou a ter contato com a Libras?	Nunca tive	1
	De 1 a 5 anos	19
	De 11 a 15 anos	8
	De 16 a 20 anos	5
	De 6 a 10 anos	13
Você possui contato frequente com a comunidade surda usuária de Libras?	Mais de 20 anos	5
	Não.	1
	Sim, toda semana.	16
	Sim, todo mês.	1
	Sim, todos os dias.	30
Há quantos anos você tem contato com a comunidade surda usuária da Libras?	Outra.	2
	Há menos de 10 anos	4
	Entre 10 e 15 anos	6
	Entre 16 e 20 anos	17
	Há mais de 20 anos	22
Onde e como você aprendeu Libras?	Não tenho contato	1
	Em casa, no contato com familiares surdos.	2

Na escola, com colegas surdos e professores surdos.	28
Na escola, com colegas surdos.	9
Fora da escola, em projetos de educação bilíngue para crianças surdas.	3
No contato com surdos em associações, federações etc.	6
Em cursos de Libras.	2

Na tabela 4, os locais e formas de aprendizagem da Libras pelos participantes foram destacados. A escola, com colegas e professores surdos, é o ambiente mais citado (28 participantes). Em contraste, apenas 2 participantes aprenderam Libras em casa, com familiares surdos, e 2 em cursos de Libras. Outros contextos de aprendizagem incluem a escola, apenas com colegas surdos (9 participantes), projetos de educação bilíngue para crianças surdas (3 participantes) e contato com surdos em associações, federações etc. (6 participantes).

Sobre as concepções de aprendizagem e comunicação, destaca-se a tabela 5, que apresenta dados sobre o aprendizado de Libras, a escolarização nos primeiros anos do Ensino Fundamental e os modos de comunicação dos participantes. No que tange ao aprendizado da Libras, a escola, com colegas e professores surdos, é o local mais citado pelos participantes (28), evidenciando a importância do ambiente educacional formal nesse processo. Outrossim, 9 participantes aprenderam Libras na escola, apenas com colegas surdos, e 6 em contato com surdos em associações, federações etc. Em contrapartida, um número menor de participantes

aprendeu Libras em casa, com familiares surdos (2), fora da escola, em projetos de educação bilíngue (3), ou em cursos específicos (2).

Tabela 5

Aprendizado de Libras, Escolarização e Modos de Comunicação dos Participantes

Pergunta	Respostas	N
Onde e como você aprendeu Libras?	Em casa, no contato com familiares surdos.	2
	Na escola, com colegas surdos e professores surdos.	28
	Na escola, com colegas surdos.	9
	Fora da escola, em projetos de educação bilíngue para crianças surdas.	3
	No contato com surdos em associações, federações etc.	6
	Em cursos de Libras.	2
	Escola especial para surdos.	6
Nos primeiros anos do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), você estudou em que tipo de escola?	Escola especial para crianças com deficiência.	7
	Escola comum com intérprete de Libras, com outros alunos surdos.	12
	Escola comum com intérprete de Libras, onde você era a única pessoa surda.	23
	Escola comum sem intérprete de Libras, onde você era a única pessoa surda.	2
Como você costuma se	Eu sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.	33
	Eu somente escrevo em português.	1

comunicar com os		
seus familiares?		
No seu trabalho ou	Atualmente não trabalho nem estudo.	1
local de estudo,		
como você		
costuma se	Sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.	27
comunicar com as		
pessoas?		
Como as pessoas	Atualmente não trabalho nem estudo.	1
do seu		
trabalho/estudo		
costumam se	Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.	17
comunicar com		
você?		
Sobre as suas	Tenho amizades com surdos e ouvintes.	45
amizades	Tenho somente amizade com pessoas surdas.	4
	Tenho somente amizades com pessoas ouvintes.	1
	Tenho mais amigos ouvintes do que surdos.	16
	Tenho mais amigos surdos do que ouvintes.	23
Sobre a quantidade	Tenho tanto amigos surdos quanto ouvintes.	11
de amigos	Eu uso redes sociais, internet etc.	1
	No momento não tenho amigos surdos.	2
	Sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.	11

Referente à escolarização nos primeiros anos do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), a tabela demonstra uma diversidade de experiências. A escola comum com intérprete de Libras, onde o participante era a única pessoa surda, é a modalidade mais frequente (23), seguida pela escola comum com intérprete de Libras, com outros alunos surdos (12). Além disso, 7 participantes estudaram em escola especial para crianças com deficiência, e 6 em escola especial para surdos. Em contraste, apenas 2 participantes estudaram em escola comum sem intérprete de Libras, onde eram a única pessoa surda.

No que diz respeito aos modos de comunicação, a Tabela 5 explora como os participantes se comunicam com seus familiares e com outras pessoas em seu trabalho ou local de estudo. A maioria dos participantes (33) utiliza a sinalização e a fala simultaneamente ao se comunicar com familiares. Por outro lado, apenas 1 participante utiliza somente a escrita em português, e 1 não trabalha nem estuda atualmente. No ambiente de trabalho ou estudo, 27 participantes empregam a sinalização e a fala concomitante. 1 participante não trabalha nem estuda atualmente. Quando se trata da comunicação dos colegas de trabalho ou estudo com o participante, 17 utilizam a sinalização e a fala simultaneamente. Por conseguinte, a tabela aborda as amizades dos participantes, revelando que a maioria (45) tem amizades tanto com surdos quanto com ouvintes.

Além dessas informações descritivas, vale considerar que a tabela 6 apresenta dados sobre os modos de comunicação empregados pelos participantes em suas interações com amigos surdos e ouvintes, além de explorar as preferências comunicativas e a facilidade em formar amizades. Sobre a comunicação com amigos surdos, a maioria dos participantes (40) relata que seus amigos surdos utilizam somente a sinalização, enquanto 6 participantes indicam que seus amigos surdos sinalizam e falam ao mesmo tempo. Adicionalmente, 1 participante menciona que seus amigos surdos utilizam redes sociais, internet etc., e 2 participantes afirmam que não têm amigos surdos no momento.

Tabela 6

Comunicação com amigos surdos e ouvintes

Pergunta	Respostas	N
	Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.	6
Como seus amigos surdos costumam se comunicar com você?	Eles somente sinalizam.	40
	Eles usam redes sociais, internet etc.	1
	No momento não tenho amigos surdos.	2
	Outra maneira.	1
	Eu somente escrevo.	11
	Eu somente falo.	10
Como você costuma se comunicar com seus amigos ouvintes?	Eu somente sinalizo.	1
	Sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.	26
	Uso redes sociais, internet etc.	2
	Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.	14
Como seus amigos ouvintes costumam se comunicar com você?	Eles somente escrevem.	10
	Eles somente falam.	19
	Eles somente sinalizam.	1
	Eles usam redes sociais, internet etc.	6
De que maneira você mais se comunica com seus amigos?	Pessoalmente.	19
	Por redes sociais, Internet.	6
	Por Whatsapp ou semelhante.	25
Você possui mais facilidade em formar amizades com	Ambos.	20
	Ouvintes.	5
	Surdos.	25

Ao descrever a comunicação dos participantes com amigos ouvintes, observa-se uma maior diversidade de modos. A forma mais comum é a sinalização e fala simultânea (26 participantes), seguida pelo uso exclusivo da escrita (11 participantes) e da fala (10 participantes). 14 participantes relatam que seus amigos ouvintes sinalizam e falam ao mesmo tempo, enquanto 2 utilizam redes sociais, internet etc., e 1 utiliza somente a sinalização. No que se refere à comunicação dos amigos ouvintes com os participantes, a fala exclusiva é o modo mais frequente (19 participantes), seguido pela escrita exclusiva (10 participantes) e pela sinalização e fala simultânea (14 participantes).

A Tabela 6 também denota as preferências comunicativas e a facilidade em formar amizades. A maioria dos participantes (19) prefere a comunicação pessoalmente, enquanto 25 optam por WhatsApp ou semelhante e 6 por redes sociais/internet. No que diz respeito à facilidade em formar amizades, há uma divisão equilibrada, com 25 participantes relatando facilidade tanto com surdos quanto com ouvintes, 25 com surdos apenas e 5 com ouvintes apenas. Esses dados revelam a complexidade das interações comunicativas dos participantes, destacando a importância da sinalização na comunicação com surdos e a variedade de modos empregados na comunicação com ouvintes, além de fornecer saberes sobre as preferências de comunicação e a dinâmica das amizades dos participantes.

Parte 2 - Variáveis de suporte social, funções da amizade, satisfação com o relacionamento e sentimentos positivos e negativos com relação a amigo ou amiga escolhido(a)

Nessa segunda parte são descritos os resultados obtidos sobre os participantes para as variáveis de suporte social, funções da amizade, satisfação com o relacionamento e sentimentos positivos e negativos com relação a amigo ou amiga escolhido(a), dando ênfase às variáveis relacionais investigadas no estudo. Para tanto, foram analisados o suporte social

percebido, as funções da melhor amizade, os sentimentos (positivos e negativos) com relação a amigo ou amiga escolhido(a), e a satisfação com o relacionamento. A análise estatística descritiva permitiu calcular as médias e os desvios-padrão para cada uma das escalas utilizadas, oferecendo um panorama das características das relações interpessoais dos participantes. A Tabela 7 resume os escores médios e os desvios-padrão (DP) obtidos para cada variável, proporcionando uma visão quantitativa da intensidade e da variabilidade dessas dimensões relacionais na amostra estudada.

Conforme as normas de interpretação das escalas a partir do estudo de Souza, Avila-Souza e Gauer (2016), os participantes do presente estudo, de modo geral, apresentaram desempenhos situados em percentis baixos, sinalizando experiências relacionais com menor intensidade ou satisfação quando comparadas à amostra normativa. Na Escala de Funções da Amizade, os escores das seis dimensões foram somados, resultando em um escore total de 108,6 pontos para a amostra. De acordo com a Tabela 6.1 de normas ($M = 129,3$; $DP = 15,4$) (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016, p. 135), esse valor corresponde aproximadamente ao percentil 10, indicando que apenas 10% da amostra normativa pontuou abaixo desse valor, o que deve ser interpretado à luz das diferenças contextuais, linguísticas e socioculturais entre as amostras. Tal desempenho sugere que, na percepção dos participantes, as funções comumente descritas na literatura sobre amizade; como ajuda, autovalidação e segurança emocional; são percebidas de maneira menos preenchida ou menos frequente. Na Escala de Satisfação com a Amizade, a média obtida ($M = 29,14$; $DP = 4,74$) posiciona a amostra no percentil 7, segundo as normas ($M = 33,3$; $DP = 2,8$), o que indica uma satisfação moderada a baixa com os relacionamentos de amizade, ainda que não totalmente ausente.

Tabela 7

Médias e Desvios-Padrão (DP) dos Participantes nas Variáveis Relacionais

Variável	Escala	Média (DP)
----------	--------	------------

	Receber Suporte Emocional	20,7 (7,32)
	Receber Suporte Instrumental	11,6 (4,42)
Suporte Social	Surdos > Ouvintes	4,37 (1,77)
	Ouvintes > Surdos	4,00 (2,20)
	Ajuda	17,4 (4,22)
	Aliança Confiável	17,72 (4,25)
Funções da Melhor	Autovalidação	18,3 (3,91)
Amizade	Companheirismo Estimulante	19,2 (3,71)
	Intimidade	17,96 (4,46)
	Segurança Emocional	18,02 (4,06)
Sentimentos com	Positivos	25,44 (3,91)
Relação à Melhor	Negativos	44,12 (13,6)
Amizade		
Satisfação com o	Satisfação com a Amizade	29,14 (4,74)
Relacionamento		

Com relação aos sentimentos positivos em relação ao melhor amigo ou amiga, a média geral observada foi de 25,4 (DP = 3,91), valor que corresponde ao percentil 19 quando comparado à média normativa estimada de 28 (DP = 3), revelando que os afetos positivos; como carinho, alegria e companheirismo; são percebidos com menor intensidade entre os participantes da pesquisa. Quando desagregados por gênero, os dados mostram que participantes do gênero feminino apresentaram média de 25,6 (DP = 3,40), valor que, em relação à norma específica para mulheres (M = 29,1; DP = 1,9), situa-se entre os percentis 5 e 10. Os homens, com média de 25,1 (DP = 4,71), ficam entre os percentis 10 e 15 da norma masculina (M = 28,3; DP = 2,6), reafirmando a tendência de baixa percepção de sentimentos positivos. Em contraposição, os sentimentos negativos obtiveram média elevada (M = 44,1;

DP = 13,6), significativamente acima da média normativa de 30,6 (DP = 7,7), correspondendo ao percentil 95. Isso indica que os participantes vivenciam, com frequência, sentimentos ambivalentes, tais como insegurança, tristeza ou frustração nos vínculos de amizade, ressaltando um quadro emocional mais conflitivo ou vulnerável nas relações interpessoais investigadas.

A análise do suporte social revelou que os participantes percebem um nível moderado de suporte emocional ($M = 20,7$; $DP = 7,32$) e um nível relativamente menor de suporte instrumental ($M = 11,6$; $DP = 4,42$). Além das escalas tradicionais de suporte social, foram incluídos itens adaptados para este estudo para investigar especificamente o suporte percebido de pessoas surdas e ouvintes. Os resultados indicaram uma leve tendência dos participantes em perceberem mais suporte de pessoas surdas do que de pessoas ouvintes ($M = 4,37$; $DP = 1,77$ para 'Surdos > Ouvintes' e $M = 4,00$; $DP = 2,20$ para 'Ouvintes > Surdos'). Embora a diferença não seja substancial, sugere que a identidade surda pode desempenhar um papel na percepção do apoio social.

A análise das funções da melhor amizade revelou que o Companheirismo Estimulante ($M = 19,2$; $DP = 3,71$) foi a função mais valorizada pelos participantes, indicando a importância de amigos como parceiros em atividades divertidas e interessantes. A Segurança Emocional ($M = 18,02$; $DP = 4,06$) e a Intimidade ($M = 17,96$; $DP = 4,46$) também obtiveram médias elevadas, sugerindo que o apoio emocional e a abertura para compartilhar sentimentos são aspectos cruciais nas amizades dos participantes. A Autovalidação ($M = 18,3$; $DP = 3,91$) apresentou uma média ligeiramente superior à Aliança Confiável ($M = 17,72$; $DP = 4,25$) e à Ajuda ($M = 17,4$; $DP = 4,22$), o que pode indicar que, embora o apoio à autoestima e à confiança sejam importantes, o auxílio prático é percebido como um pouco menos relevante no contexto dessas amizades.

Os resultados dos sentimentos em relação à melhor amizade revelaram uma diferença notável entre os sentimentos positivos e negativos. Enquanto os sentimentos positivos

obtiveram uma média de 25,44, os sentimentos negativos apresentaram uma média consideravelmente mais elevada, atingindo 44,12 (DP = 13,6). Essa discrepância sugere que, embora os participantes experimentem afetos positivos em suas amizades, como carinho e alegria, eles também vivenciam uma quantidade substancial de sentimentos negativos, como conflito ou insegurança, em seus relacionamentos de amizade.

Adiante, a Tabela 8 apresenta os resultados das comparações entre participantes homens (n = 19) e mulheres (n = 31) nas variáveis de estudo, utilizando o Teste de Mann-Whitney U. Este teste estatístico não paramétrico foi empregado para analisar possíveis diferenças entre os grupos em relação ao suporte social (Receber Suporte Emocional - RE e Receber Suporte Instrumental - RI), às funções da amizade (Aliança Confiável - AlCon, Autovalidação - AutoVal, Ajuda, Companheirismo - Comp, Intimidade e Segurança Emocional - SegEmo), e aos sentimentos e satisfação (Sentimentos Positivos - SentPos, Sentimentos Negativos - SentNeg e Satisfação com a Amizade - SatAmiz). A tabela detalha os valores da estatística U do Teste de Mann-Whitney U e os valores de p associados a cada comparação, permitindo avaliar a significância estatística das diferenças encontradas. Adicionalmente, a tabela inclui os resultados para os itens adaptados para este estudo: 'Eu sinto que pessoas surdas tendem a me apoiar mais que pessoas ouvintes' (ESSPRL) e 'Eu sinto que pessoas ouvintes tendem a me apoiar mais que pessoas surdas' (ESSPRM)".

Tabela 8

Comparações de Médias entre Homens e Mulheres nas Variáveis de Estudo

Variável	U	p
RE	249	0,367
RI	270	0,630
AlCon	276	0,718

AutoVal	272	0,659
Ajuda	259	0,483
Comp	259	0,476
Intimidade	278	0,740
SegEmo	259	0,481
SatAmiz	282	0,809
SentPos	293	0,984
SentNeg	264	0,548
ESSPRL	247	0,333
ESSPRM	289	0,908
<i>Nota.</i> Mulheres n = 31; Homens n = 19.		

Os resultados das comparações entre homens e mulheres indicaram que não houve diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das variáveis relacionadas ao suporte social e às funções da amizade. Os valores de **p** obtidos para as escalas de Receber Suporte Emocional (RE) (U = 249, p = 0,367) e Receber Suporte Instrumental (RI) (U = 270, p = 0,630) sugerem que a percepção de suporte emocional e instrumental não difere significativamente entre os grupos. Da mesma forma, as funções da amizade, como Aliança Confiável (AlCon) (U = 276, p = 0,718), Autovalidação (AutoVal) (U = 272, p = 0,659), Ajuda (U = 259, p = 0,483), Companheirismo (Comp) (U = 259, p = 0,476), Intimidade (U = 278, p = 0,740) e Segurança Emocional (SegEmo) (U = 259, p = 0,481), também não apresentaram diferenças significativas entre homens e mulheres, indicando que a importância atribuída a essas funções na amizade é semelhante entre os grupos.

A ausência de diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres nas variáveis relacionadas ao suporte social e às funções da amizade também permite problematizar concepções amplamente difundidas sobre gênero e comunicação, em especial a

ideia de que mulheres seriam, por natureza, mais comunicativas ou mais competentes na construção de vínculos afetivos. Caso tal pressuposto se confirmasse de forma generalizada, seria esperado que mulheres surdas apresentassem maiores níveis de suporte percebido ou atribuíssem maior importância às funções da amizade, sobretudo em interações com mulheres ouvintes, o que não se evidenciou nos resultados deste estudo. Esses achados sugerem que, no contexto da surdez, a qualidade das relações de amizade parece estar menos associada ao gênero e mais vinculada às condições de acessibilidade linguística, ao compartilhamento de códigos comunicacionais e às oportunidades efetivas de interação. Assim, os dados reforçam a compreensão de que a construção e a manutenção das amizades entre pessoas surdas não se beneficiam automaticamente de marcadores sociais como o gênero, mas dependem, fundamentalmente, de contextos nos quais a comunicação seja possível, recíproca e culturalmente situada.

A análise dos sentimentos e da satisfação com a amizade, bem como dos itens adaptados para investigar o suporte percebido de surdos e ouvintes, também revelou a ausência de diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres. Os valores de p para Sentimentos Positivos (SentPos) ($U = 293$, $p = 0,984$), Sentimentos Negativos (SentNeg) ($U = 264$, $p = 0,548$) e Satisfação com a Amizade (SatAmiz) ($U = 282$, $p = 0,809$) sugerem que a intensidade dos sentimentos experimentados nas amizades e o nível de satisfação com esses relacionamentos são semelhantes entre os grupos. Além disso, os resultados para os itens 'Eu sinto que pessoas surdas tendem a me apoiar mais que pessoas ouvintes' (ESSPRL) ($U = 247$, $p = 0,333$) e 'Eu sinto que pessoas ouvintes tendem a me apoiar mais que pessoas surdas' (ESSPRM) ($U = 289$, $p = 0,908$) indicam que não há diferenças significativas na percepção de suporte entre surdos e ouvintes por homens e mulheres.

A Tabela 9 apresenta os resultados da comparação entre os grupos de participantes definidos pela resposta ao Questionário Introdutório de Amizade. Este questionário buscou identificar a presença ou ausência de uma melhor amizade, categorizando os participantes em

dois grupos: aqueles que relataram não possuir uma melhor amizade (resposta '1') (n = 3) e aqueles que indicaram possuir uma melhor amizade (resposta '2') (n = 47). A comparação entre esses grupos foi realizada utilizando o Teste t para amostras independentes ou o Teste U de Mann-Whitney, dependendo da distribuição da variável, a fim de examinar se a percepção de suporte social (Receber Suporte Emocional - RE e Receber Suporte Instrumental - RI), as funções da amizade (Aliança Confiável - AlCon, Autovalidação - AutoVal, Ajuda, Companheirismo - Comp, Intimidade e Segurança Emocional - SegEmo), e os sentimentos e satisfação (Sentimentos Positivos - SentPos, Sentimentos Negativos - SentNeg e Satisfação com a Amizade - SatAmiz) diferem entre os grupos. A tabela detalha a estatística do teste (t ou U) e o valor de p associado a cada comparação, permitindo avaliar a significância estatística das diferenças encontradas.

Tabela 9

Comparação das Variáveis Relacionais entre Participantes com e sem Melhor Amizade

Variável	U	p
RE	29,0	0,093
RI	55,5	0,552
AlCon	35,0	0,151
AutoVal	34,0	0,140
Ajuda	53,0	0,486
Comp	28,5	0,088
Intimidade	24,0	0,059
SegEmo	36,0	0,162
SatAmiz	36,0	0,163
SentPos	34,0	0,138
SentNeg	50,0	0,413

ESSPRL	50,5	0,411
ESSPRM	49,0	0,369

Nota. Com melhor amizade: n = 47; sem melhor amizade: n = 3.

Os resultados das comparações entre os grupos que possuem ou não uma melhor amizade (Questionário Introdutório de Amizade) não revelaram diferenças estatisticamente significativas na maioria das variáveis relacionadas ao suporte social e às funções da amizade. Os valores de p obtidos para as escalas de Receber Suporte Emocional (RE) ($U = 29,0$, $p = 0,093$) e Receber Suporte Instrumental (RI) ($U = 55,5$, $p = 0,552$) indicam que a percepção de suporte emocional e instrumental não difere significativamente entre os participantes que possuem ou não uma melhor amizade. Similarmente, as funções da amizade, incluindo Aliança Confiável (AlCon) ($U = 35,0$, $p = 0,151$), Autovalidação (AutoVal) ($U = 34,0$, $p = 0,140$), Ajuda ($U = 53,0$, $p = 0,486$), Companheirismo (Comp) ($U = 28,5$, $p = 0,088$) e Segurança Emocional (SegEmo) ($U = 36,0$, $p = 0,162$), não apresentaram diferenças estatisticamente relevantes entre os grupos, sugerindo que a presença ou ausência de uma melhor amizade não está fortemente associada à percepção dessas funções.

Além do mais, a análise dos sentimentos em relação à amizade e da satisfação com o relacionamento também não apontou para discrepâncias significativas entre os grupos com e sem melhor amizade. Os valores de p para Sentimentos Positivos (SentPos) ($U = 34,0$, $p = 0,138$), Sentimentos Negativos (SentNeg) ($U = 50,0$, $p = 0,413$) e Satisfação com a Amizade (SatAmiz) ($U = 36,0$, $p = 0,163$) indicam que a intensidade dos sentimentos e o nível de contentamento com a amizade são semelhantes entre os participantes que possuem ou não uma melhor amizade. Contudo, é importante notar que a comparação para a função de Intimidade ($U = 24,0$, $p = 0,059$) apresentou um valor de p limítrofe, sugerindo que, com uma amostra maior, uma diferença significativa poderia ser observada. Isso implica que a presença ou ausência de uma melhor amizade pode ter uma influência marginal na intimidade percebida nas relações, merecendo atenção em futuras pesquisas.

Na sequência, a Tabela 10 apresenta os resultados da comparação das variáveis de estudo entre participantes que indicaram ter o(a) melhor amigo(a) surdo(a) (n = 35) ou ouvinte (n = 15). Para examinar possíveis diferenças entre esses grupos, foram utilizados testes estatísticos não paramétricos (Teste de Mann-Whitney U) nas variáveis de suporte social (Receber Suporte Emocional - RE e Receber Suporte Instrumental - RI), funções da amizade (Aliança Confiável - AlCon, Autovalidação - AutoVal, Ajuda, Companheirismo - Comp, Intimidade e Segurança Emocional - SegEmo), sentimentos e satisfação (Sentimentos Positivos - SentPos, Sentimentos Negativos - SentNeg e Satisfação com a Amizade - SatAmiz), e os itens adaptados de suporte social (ESSPRL e ESSPRM). A tabela detalha os valores da estatística U do Teste de Mann-Whitney U e os valores de p associados a cada comparação, permitindo avaliar a significância estatística das diferenças encontradas entre os grupos de melhores amigos surdos ou ouvintes.

Tabela 10

Diferenças por Melhor Amigo Surdo ou Ouvinte

Variável	U	p
RE	193	0,140
RI	241	0,648
AlCon	170	0,050
AutoVal	111	0,001
Ajuda	156	0,024
Comp	124	0,003
Intimidade	135	0,007
SegEmo	141	0,010
SatAmiz	175	0,064

SentPos	200	0,185
SentNeg	246	0,726
ESSPRL	148	0,012
ESSPRM	247	0,731

Nota. Com melhor amizade surda: n = 35; com melhor amizade ouvinte: n = 15.

As comparações revelaram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de melhores amigos surdos ou ouvintes em diversas variáveis. Especificamente, os participantes que tinham melhores amigos surdos relataram níveis significativamente mais altos de Autovalidação (AutoVal) ($U = 111$, $p = 0,001$), Ajuda ($U = 156$, $p = 0,024$), Companheirismo (Comp) ($U = 124$, $p = 0,003$), Intimidade ($U = 135$, $p = 0,007$), Segurança Emocional (SegEmo) ($U = 141$, $p = 0,010$) e maior percepção de apoio de pessoas surdas em comparação com ouvintes (ESSPRL) ($U = 148$, $p = 0,012$). Esses achados sugerem que as amizades com melhores amigos surdos podem ser caracterizadas por maior validação do eu, auxílio, companheirismo, proximidade emocional, segurança e uma tendência a perceber mais apoio dentro da comunidade surda.

Por outro lado, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de melhores amigos surdos ou ouvintes nas variáveis de Receber Suporte Emocional (RE) ($U = 193$, $p = 0,140$), Receber Suporte Instrumental (RI) ($U = 241$, $p = 0,648$), Satisfação com a Amizade (SatAmiz) ($U = 175$, $p = 0,064$), Sentimentos Positivos (SentPos) ($U = 200$, $p = 0,185$), Sentimentos Negativos (SentNeg) ($U = 246$, $p = 0,726$) e na percepção de apoio de pessoas ouvintes em comparação com surdas (ESSPRM) ($U = 247$, $p = 0,731$). Esses resultados indicam que a quantidade de suporte emocional e instrumental recebido, a satisfação com a amizade, a experiência de sentimentos positivos e negativos, e a percepção de apoio de pessoas ouvintes não diferem significativamente entre os participantes que têm melhores amigos surdos ou ouvintes. No entanto, é importante observar que a

Aliança Confiável (AlCon) ($U = 170$, $p = 0,050$) apresentou um valor de p limítrofe, sugerindo uma possível tendência que poderia ser confirmada com uma amostra maior.

Esses resultados reforçam que o compartilhamento de uma língua visuoespacial comum e de experiências culturais similares constitui um elemento central para a qualidade das relações de amizade, mais do que a condição auditiva em si.

Avançando para as informações da Tabela 11, a análise comparativa entre os participantes que indicaram ter a melhor amizade com uma pessoa surda (Grupo 1, $n = 35$) e aqueles que indicaram ter a melhor amizade com uma pessoa ouvinte (Grupo 2, $n = 15$) revelou algumas diferenças nas variáveis relacionadas ao suporte social e às funções da amizade. Embora a percepção de Receber Suporte Emocional (RE) (Grupo 1: $M = 21,91$, $DP = 7,48$; Grupo 2: $M = 17,87$, $DP = 6,27$) e Receber Suporte Instrumental (RI) (Grupo 1: $M = 11,86$, $DP = 4,61$; Grupo 2: $M = 11,07$, $DP = 4,04$) tenha apresentado médias relativamente próximas entre os grupos, observou-se que o grupo com melhor amizade surda demonstrou médias mais elevadas em diversas funções da amizade. Essas funções incluem Aliança Confiável (AlCon) (Grupo 1: $M = 18,46$, $DP = 4,14$; Grupo 2: $M = 16,00$, $DP = 4,14$), Autovalidação (AutoVal) (Grupo 1: $M = 19,51$, $DP = 3,38$; Grupo 2: $M = 15,47$, $DP = 3,68$), Ajuda (Grupo 1: $M = 18,26$, $DP = 4,11$; Grupo 2: $M = 15,40$, $DP = 3,91$), Companheirismo (Comp) (Grupo 1: $M = 20,23$, $DP = 3,40$; Grupo 2: $M = 16,80$, $DP = 3,36$), Intimidade (Grupo 1: $M = 19,09$, $DP = 4,02$; Grupo 2: $M = 15,33$, $DP = 4,47$) e Segurança Emocional (SegEmo) (Grupo 1: $M = 18,86$, $DP = 3,87$; Grupo 2: $M = 16,07$, $DP = 3,94$).

Tabela 11

Comparação por Tipo de Melhor Amizade

Variável	Grupo	N	Mean	SD
RE	1	35	21,91	7,48
	2	15	17,87	6,27

RI	1	35	11,86	4,61
	2	15	11,07	4,04
AlCon	1	35	18,46	4,14
	2	15	16,00	4,14
AutoVal	1	35	19,51	3,38
	2	15	15,47	3,68
Ajuda	1	35	18,26	4,11
	2	15	15,40	3,91
Comp	1	35	20,23	3,40
	2	15	16,80	3,36
Intimidade	1	35	19,09	4,02
	2	15	15,33	4,47
SegEmo	1	35	18,86	3,87
	2	15	16,07	3,94
SatAmiz	1	35	30,20	3,29
	2	15	26,67	6,56
SentPos	1	35	26,20	2,70
	2	15	23,67	5,58
SentNeg	1	35	44,11	13,39
	2	15	44,13	14,57
ESSPRL	1	35	3,49	1,12
	2	15	2,47	1,25
ESSPRM	1	35	2,20	1,49
	2	15	2,20	1,15

A análise dos sentimentos e da satisfação com a amizade também revelou diferenças entre os grupos. A Satisfação com a Amizade (SatAmiz) foi maior para o grupo com melhor amizade surda (Grupo 1: $M = 30,20$, $DP = 3,29$; Grupo 2: $M = 26,67$, $DP = 6,56$), assim como os Sentimentos Positivos (SentPos) (Grupo 1: $M = 26,20$, $DP = 2,70$; Grupo 2: $M = 23,67$, $DP = 5,58$). No entanto, a média para Sentimentos Negativos (SentNeg) foi muito semelhante entre os grupos (Grupo 1: $M = 44,11$, $DP = 13,39$; Grupo 2: $M = 44,13$, $DP = 14,57$). Adicionalmente, o grupo com melhor amizade surda apresentou uma média mais elevada no item adaptado que avalia o suporte percebido de pessoas surdas em comparação com ouvintes (ESSPRL) (Grupo 1: $M = 3,49$, $DP = 1,12$; Grupo 2: $M = 2,47$, $DP = 1,25$), enquanto a percepção de suporte de pessoas ouvintes em comparação com surdas (ESSPRM) foi semelhante entre os grupos (Grupo 1: $M = 2,20$, $DP = 1,49$; Grupo 2: $M = 2,20$, $DP = 1,15$).

A Tabela 12 exibe os resultados do Teste de Mann-Whitney U utilizado para comparar as variáveis relacionais entre os grupos definidos pelo modo de comunicação predominante com o melhor amigo. A análise revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em várias dimensões da amizade. Especificamente, a Aliança Confiável (AlCon) ($U = 172$, $p = 0,011$), a Autovalidação (AutoVal) ($U = 108$, $p < 0,001$), a Ajuda ($U = 168$, $p = 0,009$), o Companheirismo (Comp) ($U = 127$, $p < 0,001$), a Intimidade ($U = 129$, $p < 0,001$) e a Segurança Emocional (SegEmo) ($U = 137$, $p = 0,001$) apresentaram diferenças significativas entre os grupos, com valores de p indicando que essas discrepâncias não são atribuíveis ao acaso. Além disso, o item adaptado ESSPRL, que avalia a percepção de suporte de pessoas surdas em comparação com ouvintes, também mostrou uma diferença significativa ($U = 162$, $p = 0,005$).

Tabela 12

Comparação por Modo de Comunicação

Variável	U	p
----------	---	---

RE	220	0,112
RI	259	0,415
AlCon	172	0,011
AutoVal	108	<,001
Ajuda	168	0,009
Comp	127	<,001
Intimidade	129	<,001
SegEmo	137	0,001
SatAmiz	202	0,052
SentPos	227	0,144
SentNeg	274	0,613
ESSPRL	162	0,005
ESSPRM	266	0,481

O Teste de Mann-Whitney U revelou diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de comunicação em diversas variáveis. Especificamente, os participantes cujo(a) melhor amigo(a) se comunica predominantemente por Libras apresentaram escores significativamente mais elevados em Aliança Confiável (AlCon) ($U = 172$, $p = 0,011$), Autovalidação (AutoVal) ($U = 108$, $p < ,001$), Ajuda ($U = 168$, $p = 0,009$), Companheirismo (Comp) ($U = 127$, $p < ,001$), Intimidade ($U = 129$, $p < ,001$), Segurança Emocional (SegEmo) ($U = 137$, $p = 0,001$) e no item adaptado que avalia o suporte percebido de pessoas surdas em comparação com ouvintes (ESSPRL) ($U = 162$, $p = 0,005$). Esses resultados indicam que a Libras como principal modo de comunicação na melhor amizade pode estar associada a uma maior intensidade nessas dimensões relacionais.

Para tanto, vale destacar a comparação das variáveis relacionais entre os participantes cujo melhor amigo se comunica predominantemente por Libras (Grupo Libras, n = 30) e aqueles que o melhor amigo se comunica predominantemente por Português (Grupo Português, n = 20) revelou diferenças em diversas dimensões da amizade, conforme a Tabela 13.

Tabela 13

Comparação das Variáveis Relacionais entre Participantes com Melhor Amigo que se Comunica por Libras ou por Língua Portuguesa

Variável	Group	N	Mean	Median	SD	SE
RE	Libras	30	22,30	20,00	7,67	1,400
	Português	20	18,30	18,00	6,20	1,386
RI	Libras	30	12,13	12,00	4,80	0,877
	Português	20	10,85	11,50	3,76	0,841
AlCon	Libras	30	18,93	19,00	4,14	0,756
	Português	20	15,90	15,00	3,82	0,855
AutoVal	Libras	30	20,03	19,50	3,35	0,611
	Português	20	15,70	15,00	3,25	0,726
Ajuda	Libras	30	18,67	18,00	4,25	0,777
	Português	20	15,50	15,50	3,47	0,776
Comp	Libras	30	20,67	20,00	3,41	0,622
	Português	20	17,00	16,50	3,06	0,684
Intimidade	Libras	30	19,73	19,00	3,82	0,698
	Português	20	15,30	15,00	4,08	0,912
SegEmo	Libras	30	19,37	18,50	3,84	0,701

	Português	20	16,00	15,00	3,58	0,801
SatAmiz	Libras	30	30,40	30,00	3,27	0,596
	Português	20	27,25	27,00	5,95	1,332
SentPos	Libras	30	26,33	26,00	2,71	0,494
	Português	20	24,10	24,00	5,01	1,121
SentNeg	Libras	30	43,97	45,00	13,92	2,542
	Português	20	44,35	49,50	13,47	3,012
ESSPRL	Libras	30	3,60	4,00	1,10	0,201
	Português	20	2,55	3,00	1,19	0,266
ESSPRM	Libras	30	2,13	1,50	1,50	0,274
	Português	20	2,30	2,00	1,22	0,272

Embora os grupos apresentem médias relativamente próximas para Receber Suporte Emocional (RE) (Libras: M = 22,30, Português: M = 18,30) e Receber Suporte Instrumental (RI) (Libras: M = 12,13, Português: M = 10,85), observam-se distinções mais marcantes nas funções da amizade. O grupo Libras exibiu médias mais elevadas em Aliança Confiável (AlCon) (Libras: M = 18,93, Português: M = 15,90), Autovalidação (AutoVal) (Libras: M = 20,03, Português: M = 15,70), Ajuda (Libras: M = 18,67, Português: M = 15,50), Companheirismo (Comp) (Libras: M = 20,67, Português: M = 17,00), Intimidade (Libras: M = 19,73, Português: M = 15,30) e Segurança Emocional (SegEmo) (Libras: M = 19,37, Português: M = 16,00). Essas diferenças sugerem que a comunicação em Libras pode estar associada a uma maior intensidade na percepção dessas funções da amizade.

A análise também indicou diferenças na Satisfação com a Amizade (SatAmiz) e nos Sentimentos Positivos (SentPos), com o grupo Libras apresentando médias mais altas (SatAmiz: Libras: M = 30,40, Português: M = 27,25; SentPos: Libras: M = 26,33, Português: M = 24,10). No entanto, os grupos não diferiram significativamente nos Sentimentos

Negativos (SentNeg) (Libras: $M = 43,97$, Português: $M = 44,35$). Além disso, o grupo Libras demonstrou uma média mais alta no item adaptado que avalia o suporte percebido de pessoas surdas em comparação com ouvintes (ESSPRL) (Libras: $M = 3,60$, Português: $M = 2,55$), enquanto a percepção de suporte de pessoas ouvintes em comparação com surdas (ESSPRM) foi similar entre os grupos (Libras: $M = 2,13$, Português: $M = 2,30$). Em conjunto, esses achados sugerem que a comunicação em Libras pode estar relacionada a uma maior satisfação e afetos positivos na amizade, bem como a uma maior percepção de apoio dentro da comunidade surda.

Por fim, a Matriz de Correlações apresenta as relações bivariadas entre as variáveis de interesse, utilizando o coeficiente de correlação de Spearman. A análise revela um padrão geral de correlações moderadas a fortes entre as diversas funções da amizade (AlCon, AutoVal, Ajuda, Comp, Intimidade, SegEmo) e satisfação com a amizade (SatAmiz) e sentimentos positivos (SentPos), com valores de Rho de Spearman frequentemente acima de 0,50 e significância estatística ($p < ,001$). Isso sugere que indivíduos que percebem maior aliança confiável, autovalidação, ajuda, companheirismo, intimidade e segurança emocional em suas amizades também tendem a relatar maior satisfação e mais sentimentos positivos nessas relações. Em contraste, observam-se correlações negativas moderadas entre essas variáveis positivas e sentimentos negativos (SentNeg), indicando que maior qualidade na amizade está associada a menos sentimentos negativos. As correlações com idade mostram-se fracas, sugerindo pouca relação linear entre a idade dos participantes e as variáveis de amizade.

Tabela 14

Matriz de correlações

Correlation Matrix															
		Idade	RE	RI	AlCon	Auto Val	Ajuda	Comp	Intimidade	SegEmo	SatAmiz	SentPos	SentNeg	ESSPRL	ESSPRM
Idade	Rho de	—													
	Spearman														
	p-value	—													
RE	Rho de	0,067	—												
	Spearman														
	p-value	0,646	—												
RI	Rho de	0,003	0,604	—											
	Spearman														
	p-value	0,983	<,001	—											

AlCon	Rho de		0,397							
	Spearman	0,165	**	0,138	—					
	p-value	0,253	0,004	0,339	—					
AutoVal	Rho de		0,510		0,877					
	Spearman	0,110	***	0,236	***	—				
	p-value	0,445	< ,001	0,100	< ,001	—				
Ajuda	Rho de		0,413		0,798	0,876				
	Spearman	0,159	**	0,269	***	***	—			
	p-value	0,271	0,003	0,059	< ,001	< ,001	—			
Comp	Rho de		0,532		0,818	0,863	0,689			
	Spearman	0,019	***	0,219	***	***	***	—		
	p-value	0,895	< ,001	0,126	< ,001	< ,001	< ,001	—		
Intimidade	Rho de		0,505		0,877	0,922	0,795	0,862		
	Spearman	0,061	***	0,208	***	***	***	***	—	
	p-value	0,673	< ,001	0,148	< ,001	< ,001	< ,001	< ,001	—	

SegEmo	Rho de	0,170	0,414	0,179	0,864	0,865	0,800	0,807	0,876	—				
	Spearman		**		***	***	***	***	***					
	p-value	0,238	0,003	0,213	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	—				
SatAmiz	Rho de	0,212	0,490	0,179	0,597	0,664	0,550	0,587	0,663	0,551	—			
	Spearman		***		***	***	***	***	***	***				
	p-value	0,139	<,001	0,213	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	—			
SentPos	Rho de	0,151	0,515	0,194	0,631	0,633	0,505	0,587	0,649	0,512	0,942	—		
	Spearman		***		***	***	***	***	***	***	***			
	p-value	0,294	<,001	0,177	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	—		
SentNeg	Rho de		-0,310			-0,332	-0,298		-0,298		-0,595	-0,573	—	
	Spearman	-0,000	*	-0,252	-0,224	*	*	-0,260	*	-0,240	***	***		
	p-value	0,998	0,028	0,078	0,118	0,019	0,035	0,069	0,036	0,093	<,001	<,001	—	
ESSPRL	Rho de	0,092	0,285	0,482	0,301	0,295	0,307		0,279		0,190	0,186	-0,104	—
	Spearman		*	***	*	*	*	0,271	*	0,242	0,190	0,186	-0,104	
	p-value	0,527	0,045	<,001	0,034	0,037	0,030	0,057	0,050	0,091	0,186	0,197	0,470	—

ESSPRM	Rho de	0,307	0,093	0,217	-0,135	-0,078	-0,008	-0,131	-0,062	-0,126	0,056	0,043	-0,083	0,230	—
	Spearman														
	p-value	0,030 *	0,522	0,130	0,348	0,590	0,958	0,364	0,667	0,382	0,701	0,767	0,568	0,108	—

Note. * $p < ,05$, ** $p < ,01$, *** $p < ,001$

Especificamente, as correlações mais fortes encontradas foram entre as diferentes funções da amizade, como a correlação de 0.877 entre Aliança Confiável e Autovalidação, evidenciando uma elevada associação entre esses construtos, o que é esperado em escalas que avaliam dimensões inter-relacionadas da amizade. As variáveis de suporte social (RE e RI) também apresentaram uma correlação forte e positiva (0,604, $p < ,001$), indicando que os suportes emocionais e instrumentais estão relacionados. No entanto, as correlações entre os itens adaptados para avaliar o suporte percebido de surdos e ouvintes (ESSPRL e ESSPRM) e as demais variáveis foram geralmente mais fracas e menos consistentes. Notavelmente, o item ESSPRL (suporte percebido de surdos) apresentou algumas correlações significativas com as funções da amizade, sugerindo que a percepção de apoio dentro da comunidade surda pode estar relacionada com a qualidade das relações de amizade. A correlação entre as duas variáveis adaptadas (ESSPRL e ESSPRM) foi baixa e não significativa, conforme mencionado anteriormente.

Discussão

O Estudo 1 deste trabalho adaptou e aplicou, no contexto da surdez e da diversidade comunicacional, as escalas que compõem os Questionários McGill de Amizade, originalmente elaborados por Mendelson e Aboud (1999), visando à avaliação das funções exercidas pela amizade, da satisfação com os relacionamentos e dos sentimentos positivos e negativos em relação ao(a) melhor amigo(a). A análise dos dados obtidos a partir da aplicação desses instrumentos em adultos surdos (neste estudo) e ouvintes (no estudo de Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016) evidenciou que, quando comparados às normas originais, os participantes da amostra apresentaram escores abaixo da média em praticamente todas as dimensões avaliadas. A média geral da Escala de Funções da Amizade (108,6)

situou-se no percentil 10 (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016), pontuação inferior, o que deve ser interpretado à luz das diferenças contextuais, linguísticas e socioculturais entre as amostras. Na Escala de Satisfação com a Amizade, a média de 29,14 posiciona os participantes no percentil 7 (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016), sugerindo níveis reduzidos de contentamento nas relações. Por fim, os Sentimentos Positivos obtiveram escore médio de 25,44 (percentil 19) (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016), reforçando a tendência de avaliação afetiva menos intensa nas amizades. Esses resultados são relevantes na medida em que apontam para uma vivência relacional atravessada por barreiras comunicacionais e contextuais, que poderá ser mais bem compreendida na articulação entre os dados quantitativos e os relatos obtidos nas entrevistas.

Esses resultados ganham densidade interpretativa quando comparados com estudos prévios que utilizaram os Questionários McGill em diferentes populações. Em uma amostra de adultos, por exemplo, Souza, Avila-Souza e Gauer (2016) identificaram médias superiores em todas as dimensões avaliadas, situando a maior parte dos participantes entre os percentis 40 e 70, o que evidencia relações de amizade mais satisfatórias e afetivamente intensas. Quando contrastados com os dados da presente pesquisa, os achados indicam que os participantes surdos, embora estabeleçam amizades, vivenciam essas relações sob condições distintas, possivelmente marcadas por barreiras comunicacionais, experiências de exclusão ou restrições no acesso a contextos de socialização. A diferença nos percentis, portanto, vai além de expressar uma diferença de intensidade relacional e aponta para desigualdades estruturais que impactam a qualidade dos vínculos interpessoais entre jovens surdos.

A partir das análises descritivas e da comparação com os dados normativos utilizados como referência, observou-se que a percepção das funções da amizade entre os participantes apresentou uma configuração distinta daquela descrita nesses parâmetros, com menor diversidade de funções destacadas, o que foi interpretado à luz das condições de

comunicacionais e relacionais vivenciadas por essa população. Com base na média normativa ($M = 129,3$; $DP = 15,4$), os escores observados na amostra ($M = 108,6$) apontam para um distanciamento significativo em relação ao preenchimento das funções relacionais clássicas, como apoio emocional, ajuda, companheirismo e validação. Esse resultado dialoga com o que já havia sido identificado por Mendelson e Aboud (2003), ao indicarem que tais funções tendem a ser mais intensamente percebidas em contextos em que há estabilidade comunicacional e reciprocidade simbólica. No presente estudo, o percentil 10 (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016) alcançado pela amostra reforça a hipótese de que, em contextos marcados por barreiras comunicacionais; como aqueles vivenciados por participantes surdos em ambientes pouco acessíveis; as funções relacionais atribuídas aos amigos podem ser percebidas como limitadas ou incompletas. Trata-se de um indicativo de que o acesso à comunicação em Libras, à compreensão mútua e à convivência influencia diretamente a constituição de vínculos amistosos com maior complexidade e profundidade funcional.

Essa tendência à avaliação menos intensa das funções e da satisfação com as amizades, identificada pelos escores reduzidos nas escalas McGill, encontra respaldo nas discussões teóricas desenvolvidas na revisão da literatura desta tese, especialmente no que se refere às interações sociais no contexto da surdez. Estudos como os de Rieffe *et al.* (2018), Moreira (2007) e Bisol e Sperb (2010) destacam que as crianças e adolescentes surdos frequentemente vivenciam barreiras na construção de vínculos com seus pares, sobretudo em ambientes onde predomina a oralidade e há ausência de interlocutores fluentes em Libras. Esses obstáculos comunicacionais tendem a limitar a complexidade funcional das amizades, restringindo, por exemplo, o apoio emocional, o companheirismo e a validação social; dimensões centrais avaliadas pelos instrumentos de Mendelson e Aboud (1999). O percentil 10 encontrado na Escala de Funções da Amizade, quando comparado aos percentis médios identificados por Souza, Avila-Souza e Gauer (2016) em amostras ouvintes, não apenas

evidencia uma diferença estatística, mas confirma empiricamente o que autores como Afonso (2007) e Skliar (1997) já discutem há décadas: a surdez, quando situada em uma sociedade majoritariamente ouvinte, tende a ser vivida com marcas de exclusão simbólica e social. Portanto, a baixa pontuação nas escalas McGill não deve ser interpretada como ausência de vínculos afetivos, mas como reflexo de uma trajetória relacional atravessada por barreiras de acesso linguístico e desigualdade de oportunidades interacionais.

No que diz respeito à satisfação com a amizade, os resultados também apontam um afastamento substancial em relação à norma. A média observada na amostra ($M = 29,14$; $DP = 4,74$), em contraste com a média normativa ($M = 33,3$; $DP = 2,8$), resultou em um escore Z de $-1,49$, o que posiciona os participantes no percentil 7 (Souza, Avila-Souza & Gauer, 2016). Este dado sugere que a maioria dos participantes da pesquisa tende a expressar níveis moderadamente baixos de satisfação com seus vínculos de amizade, fato que pode estar associado tanto à baixa frequência de interações significativas quanto à percepção de desequilíbrio ou assimetria nas trocas relacionais. De acordo com Argyle (2001), a satisfação nos relacionamentos de amizade está fortemente relacionada à percepção de reciprocidade, apoio emocional e confiabilidade. Assim, no presente estudo, a baixa satisfação pode refletir experiências de distanciamento emocional, dificuldades de comunicação ou restrições de participação social, aspectos relatados por indivíduos surdos em contextos predominantemente ouvintes que influenciam a continuidade e a profundidade dos laços afetivos estabelecidos. Além disso, a pouca variabilidade nos escores, evidenciada pelo desvio-padrão reduzido, sugere certa homogeneidade na insatisfação declarada, o que reforça a relevância de considerar os contextos relacionais e culturais no exame da qualidade das amizades.

Em comparação com estudos prévios que aplicaram os Questionários McGill em populações ouvintes, os escores de satisfação observados na presente amostra indicam um

afastamento significativo dos padrões médios. Souza, Avila-Souza e Gauer (2016), ao analisarem estudantes ouvintes, identificaram níveis mais elevados de satisfação com amizades, associados à presença de trocas recíprocas e interações frequentes. Essa discrepância reforça o que já foi discutido por autores como Rieffe *et al.* (2018) e Martins (1998), cujos estudos apontam que a vivência da surdez, sobretudo em ambientes marcados pela predominância da oralidade e pela ausência de bilinguismo em língua de sinais, tende a comprometer o desenvolvimento e a manutenção de vínculos sociais significativos (Gomides *et al.*, 2021; Ferreira & Chahini, 2024). Além disso, conforme destacado por Piccinini *et al.* (2001) e Bronfenbrenner e Morris (1998), a qualidade das interações proximais; elemento central para o desenvolvimento de relações satisfatórias; pode ser prejudicada pela escassez de contextos responsivos à língua de sinais e às necessidades sociolinguísticas da comunidade surda. Assim, os resultados obtidos neste estudo não se limitam a confirmar uma menor satisfação com as amizades, como também reiteram a importância de ambientes inclusivos para o fortalecimento das trocas afetivas e do pertencimento social de pessoas surdas.

A análise dos sentimentos positivos em relação ao melhor amigo revelou uma média geral de 25,44 (DP = 3,91), a qual, quando confrontada com a média normativa estimada de 28 (DP = 3), situou a amostra no percentil 19, indicando intensidade reduzida de afetos positivos associados às amizades. A diferença por gênero mostrou médias ligeiramente distintas: participantes identificados com o gênero 1 (n = 31) apresentaram média de 25,6 (percentil entre 15 e 20), enquanto o gênero 2 (n = 19) teve média de 25,1 (percentil ainda mais baixo). Esses achados se alinham aos estudos de Souza e Hutz (2007), que adaptaram e validaram os Questionários McGill para a realidade brasileira e destacaram sua sensibilidade para identificar nuances nas dimensões emocionais das amizades. A intensidade mais baixa dos sentimentos positivos pode estar relacionada às barreiras comunicacionais enfrentadas pelos participantes surdos, limitando oportunidades de trocas afetivas plenas. Além disso, os

sentimentos negativos obtiveram uma média de 44,1 (DP = 13,6), valor que, segundo as normas da escala (M = 30,6; DP = 7,7), se aproxima do percentil 75 a 80, denotando a presença significativa de desconforto, frustração ou inseguranças relacionais. Essa combinação entre afetos positivos atenuados e negativos acentuados é coerente com o que apontam estudos como os de Rieffe *et al.* (2018) e Martins (2003), que indicam que a exclusão social, o isolamento linguístico e a ausência de interações simbólicas satisfatórias impactam diretamente a vivência emocional das amigadas no contexto da surdez.

Apesar de os instrumentos utilizados neste estudo não terem sido originalmente concebidos para populações surdas, os resultados obtidos revelam indicadores sensíveis às experiências relacionais vividas por esses sujeitos. As evidências empíricas deste estudo, ao indicarem baixos níveis de satisfação e sentimentos positivos com a amizade, sugerem que as barreiras comunicacionais vividas ao longo da trajetória dos participantes; em especial os surdos; impactam diretamente a qualidade relacional percebida. Estudos como o de Bisol (2008) e de Bisol e Sperb (2010) apontam que, desde a adolescência, jovens surdos enfrentam dificuldades em compartilhar afetos, estabelecer intimidade e sustentar amizades duradouras em contextos onde a Libras não é legitimada como língua de interação. Isso resulta em experiências de isolamento simbólico, baixa autovalidação e sensações recorrentes de incompreensão, que ressoam diretamente nos dados quantitativos desta pesquisa. A média baixa nas funções da amizade, associada ao alto índice de sentimento negativos, pode ser interpretada como reflexo dessas vivências de exclusão linguística e social, sobretudo quando os espaços institucionais não favorecem a convivência em língua de sinais (Quadros & Karnopp, 2004; Lodi & Luciano, 2009).

Além disso, a literatura nacional evidencia que a construção de amigadas no contexto da surdez está fortemente vinculada ao acesso à comunicação e ao reconhecimento cultural. Afonso (2007) e Martins (2003) argumentam que a surdez não pode ser compreendida apenas

como uma condição sensorial, mas como um marcador identitário que estrutura o modo como as pessoas se relacionam. Nesse sentido, os baixos percentis de sentimentos positivos observados neste estudo podem expressar algo que vai além de uma ausência de afeto, mas a falta de um ambiente comunicacional que proporcione espontaneidade, humor e cumplicidade; elementos fundamentais para a construção de vínculos (Martins, 1998; Sacks, 1998; Witchs & Zilio, 2018). O fato de os sentimentos negativos terem apresentado médias elevadas corrobora estudos que descrevem a amizade como relação ambígua e, por vezes, permeada por experiências de desconfiança ou exclusão quando não há compartilhamento pleno de significados (Bisol, 2008; Souza & Hutz, 2007).

Os dados da presente pesquisa revelaram que uma parcela expressiva dos participantes indicou utilizar majoritariamente a Libras como forma principal de comunicação com amigos e familiares. No entanto, esse dado se complexifica ao considerar o contexto em que essas interações ocorrem: muitos relataram restrições significativas nos ambientes escolares e profissionais, onde predominam práticas comunicativas oralizadas e pouca fluência em Libras por parte dos interlocutores. Essa assimetria linguística compromete o estabelecimento de interações espontâneas e reciprocamente compreendidas, o que, por sua vez, impacta diretamente na qualidade dos vínculos de amizade. A ausência de comunicação fluida e bidirecional pode gerar sentimentos de isolamento, mal-entendidos e rupturas relacionais, reduzindo a percepção de apoio emocional e de satisfação nos laços interpessoais. Conforme apontam Oliveira (2016) e Quadros e Karnopp (2004), o acesso à comunicação plena é condição essencial para a participação social e para a construção de relações significativas, sendo a sua ausência um fator limitador na constituição de relações sociais entre pessoas surdas e seus pares.

Além do mais, a baixa pontuação nas funções da amizade, observada entre surdos e ouvintes da amostra, pode ser compreendida à luz do modelo bioecológico de

desenvolvimento proposto por Bronfenbrenner (2011). Segundo esse autor, o desenvolvimento das competências relacionais é profundamente influenciado pela qualidade das interações proximais e pela presença de sistemas de apoio nos diversos contextos em que o sujeito circula. No caso das pessoas surdas, como destacado por Brito *et al.* (2013) e Santiago e Andrade (2013), a ausência de políticas linguísticas efetivas, o despreparo institucional para garantir acessibilidade e a escassez de espaços de socialização em Libras contribuem para a fragilidade dos vínculos estabelecidos. Assim, os achados quantitativos deste estudo não devem ser lidos como indicadores de inabilidade individual, mas como evidências das limitações contextuais impostas pela exclusão comunicacional e simbólica que ainda marca as trajetórias de muitas pessoas surdas no Brasil.

Por fim, os dados revelam um panorama relacional marcado por níveis reduzidos de preenchimento das funções da amizade, satisfação limitada com os vínculos estabelecidos e sentimentos ambivalentes em relação ao melhor amigo ou amiga. A combinação de escores situados em percentis inferiores nas dimensões positivas e superiores na dimensão negativa sugere que, para os participantes da amostra, as relações de amizade nem sempre cumprem plenamente seu papel protetivo e afetivo. Esse achado adquire relevância quando se considera que amizades saudáveis são reconhecidas como fontes essenciais de bem-estar psicológico, suporte emocional e construção identitária ao longo do ciclo vital (Rawlins, 1992; Carbery & Buhrmester, 1998). No caso de populações que enfrentam barreiras comunicacionais, como pessoas surdas em contextos predominantemente ouvintes, tais vínculos tornam-se ainda mais importantes; e, paradoxalmente, mais difíceis de consolidar. Portanto, os resultados reforçam a necessidade de políticas públicas e práticas institucionais que favoreçam o desenvolvimento de relações interpessoais significativas, acessíveis e respeitosas, assegurando o direito à convivência, à participação social e ao reconhecimento linguístico.

Capítulo III - Estudo 2 – Explorando concepções sobre amizades e relações sociais: olhares para a comunidade surda

Participantes do estudo 2

Para compor a etapa qualitativa da pesquisa, quatro participantes do Estudo 1 foram convidados a participar, por meio de videoconferência, de uma entrevista semiestruturada no contexto da surdez, elaborada por Ildebrand e Souza (2022), com mediação de um Tradutor e Intérprete de Libras (TILS). Seguindo práticas adotadas em pesquisas com a população surda (Rieffe et al., 2018; Terlektsi et al., 2020; Millen, Dorn & Luckner, 2019), as entrevistas foram conduzidas em Libras, assegurando acessibilidade linguística e fidelidade aos sentidos expressos pelos participantes. Cabe destacar que, embora as entrevistas tenham contado com mediação linguística em Libras, o pesquisador-TILS possui formação e experiência como Tradutor e Intérprete de Libras, atuando de forma integrada à condução das entrevistas, o que permitiu preservar a fidelidade dos sentidos expressos e a fluidez comunicacional, sem prejuízo aos princípios éticos da pesquisa.

Conforme o Estudo 1, os participantes foram previamente informados sobre a possibilidade de participação em uma etapa qualitativa subsequente da pesquisa. Ao final da aplicação dos instrumentos quantitativos, foi incluída a opção de manifestação voluntária de interesse em participar do Estudo 2, por meio de entrevista semiestruturada. A partir desse procedimento, os participantes que sinalizaram disponibilidade e atenderam aos critérios estabelecidos foram posteriormente contatados para a realização das entrevistas. Essa estratégia assegurou a continuidade entre os estudos, respeitou os princípios éticos da pesquisa com seres humanos e garantiu que a participação no Estudo 2 ocorresse de forma

espontânea, informada e consentida, conforme as diretrizes éticas vigentes e as boas práticas em pesquisas de métodos mistos.

Os quatro adultos surdos que aceitaram participar após a conclusão do primeiro estudo eram dois homens e duas mulheres, com idades entre 28 e 38 anos. Juan¹, solteiro, de 28 anos, reside em Campo Bom e possui ensino superior incompleto. Dênis, casado, com 38 anos, vive em Araricá e está cursando sua segunda graduação. Paula, de 31 anos, namora, mora em Igrejinha e possui mestrado. Luana, com 33 anos, casada, vive em Capela de Santana e concluiu o ensino superior. Todos os participantes trabalham e estudam atualmente. Quanto à aprendizagem da Libras, Juan e Dênis relataram contato contínuo com a língua desde a escola de surdos, por meio de professores. Paula aprendeu Libras em escola de ouvintes com apoio de tradutores e intérpretes (TILS). Luana teve acesso mais tardio, no ensino médio, também com apoio de TILS em uma escola ouvinte. A comunicação predominante é em Libras, sendo que Juan e Paula utilizam também o português em suas interações. Todos apresentam inserção ativa na comunidade surda. Em relação ao uso de tecnologias, os quatro demonstraram familiaridade, embora Paula e Dênis tenham manifestado preferência pela comunicação presencial. Quanto à escolha de melhores amigos, Juan e Dênis indicaram vínculos com surdos, enquanto Paula e Luana mencionaram amizades com pessoas ouvintes.

Instrumento do estudo 2

Para contemplar e qualificar a abordagem mista da pesquisa (Creswell & Clark, 2013), e com base em Terlektsi *et al.* (2020), o uso da *Entrevista Semiestruturada sobre*

¹ Em conformidade com os princípios éticos de sigilo e integridade na pesquisa com seres humanos, os nomes utilizados para identificar os participantes são fictícios, preservando sua identidade.

Amizade no Contexto da Surdez (Apêndice B) (Ildebrand & Souza, 2022) integrou o método desta etapa, já que pode sinalizar e apontar experiências positivas e negativas que repercutem na formação da amizade. A entrevista contou com perguntas delimitadas por temas: comparação entre escola primária e secundária, a importância da escola, relacionamento com amigos e parentes, experiências em fazer amizades com o apoio da tecnologia e a experiência em ser surdo, criada especificamente para o estudo e com base na revisão da literatura. A primeira e a segunda pergunta foram inspiradas no estudo de Terlektsi *et al.* (2020), encorajando os participantes a falarem de suas experiências escolares e o papel da escola na formação de amizades entre surdos. A terceira pergunta seguiu concepções trazidas por Rieffe *et al.* (2018), que aguçaram a necessidade de compreender se surdos possuem maior intimidade para partilhar sentimentos e situações pessoais com amigos surdos ou ouvintes.

A quarta pergunta questionou se surdos percebem diferenças significativas entre os sentimentos positivos e negativos no processo de formação de amizades com surdos e ouvintes. Conforme aponta Souza e Hutz (2007), esses sentimentos estão interligados com as satisfações de amizades. Assim sendo, a quinta pergunta questionou se surdos acreditam haver diferenças no momento de interagir com os amigos por meio da Libras. Essa pergunta foi inspirada pelo estudo de Oliveira (2016), que indicou que surdos possuem maior facilidade em expressar suas intenções e pensamentos por meio de sua língua nativa, já que, devido a estruturarem o português de modo diferenciado, não seguindo todos os acordos gramaticais, passam, equivocadamente, a ser interpretados como sujeitos com menores capacidades cognitivas.

Visto que o século XXI trouxe consigo mudanças nos modos de formar, desenvolver e continuar amizades, a sexta pergunta teve o intuito de compreender se as tecnologias, por exemplo, podem influenciar nessas relações. Tal questionamento é pertinente ao estudo, porque pode trazer compreensões iniciais sobre o papel dos contextos de interação on-line e

off-line na qualidade da amizade, conforme apontam Scott, Stuart e Barber (2021), sendo uma oportunidade para saber de informações sobre as amizades contemporâneas. A sétima, oitava e nona perguntas foram inspiradas no estudo de Terlektsi *et al.* (2020), questionando os participantes sobre o que significa ser amigo, se existem situações em que é mais difícil fazer um amigo do que outras e o que gosta de fazer com amigos. Por fim, a décima pergunta indagou se a pessoa surda acredita que ser surdo pode qualificar/prejudicar nas relações de amizade. Bisol e Sperb (2010) denotam que viver uma realidade pautada pelo universo visuoespacial gera interpretações e discursos diversificados quando se trata da comunidade surda, pois as relações e interações que essa população vivencia são vulneráveis no que diz respeito às possibilidades de comunicação e interações com os pares.

Procedimento de coleta e análise de dados do Estudo 2

A entrevista foi construída com base na literatura recente sobre desenvolvimento socioemocional e experiências escolares da comunidade surda, com perguntas que abordam contextos educacionais, modos de comunicação, sentimentos positivos e negativos, bem como os impactos da surdez nas relações interpessoais. Após a coleta de informações trazidas das entrevistas (Ildebrand & Souza, 2022), estas foram descritas e organizadas em torno de cinco grandes temas para contemplar essas informações nas Fichas Descritivas, a fim de identificar as contribuições dos participantes surdos: (1) Ambivalências escolares e trajetórias formativas, (2) Confiança, lealdade e rupturas nas amizades, (3) Comunicação como experiência relacional, (4) Presença, distância e temporalidade nas amizades, e (5) A surdez como horizonte de possibilidade e desafio. Tais temas não são rígidos, mas permitem mapear os sentidos da amizade a partir da vivência encarnada na experiência surda, respeitando as contradições e especificidades narradas, estabelecidas em fichas descritivas para situar as

informações da entrevista semiestruturada no contexto da surdez elaborada por Ildebrand e Souza (2022).

As fichas descritivas elaboradas nesta pesquisa constituem um recurso metodológico voltado à organização e apresentação sistemática dos dados qualitativos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. Em consonância com a perspectiva dos métodos mistos, conforme propõem Creswell e Clark (2013), essa estratégia visa integrar de forma coerente os dados qualitativos aos achados quantitativos, ampliando a compreensão dos fenômenos investigados por meio de uma abordagem interpretativa e contextualizada.

As fichas foram estruturadas a partir de eixos temáticos delineados a priori, fundamentados no referencial teórico e nos objetivos da pesquisa, os quais sintetizam aspectos sociodemográficos, comunicativos e relacionais dos participantes. Essa organização analítica possibilitou uma leitura mais densa, integrada e significativa das experiências subjetivas relatadas, sem perder de vista a complexidade e a singularidade das trajetórias individuais. Tal escolha metodológica fortalece o rigor interpretativo da análise, ao mesmo tempo em que preserva a singularidade de cada caso e possibilita a articulação posterior com categorias empíricas mais amplas.

Do ponto de vista da pesquisa qualitativa, a construção das fichas também atende aos critérios de clareza, objetividade e coerência interna, conforme sugerem Gil (2003) e Lakatos e Marconi (2003). Para esses autores, a sistematização dos dados empíricos em esquemas ou perfis temáticos facilita a análise crítica e comparativa dos casos investigados, além de favorecer a transparência do processo de investigação. Ao reunir informações relevantes em um formato sintético e ético, as fichas permitem uma compreensão integrada das trajetórias individuais dos participantes, respeitando os princípios de sigilo e integridade da pesquisa. Assim, o uso das fichas descritivas não apenas potencializa a qualidade analítica do estudo,

como também assegura a consistência metodológica entre os procedimentos de coleta, organização e interpretação dos dados.

As entrevistas semiestruturadas do Estudo 2 foram realizadas em ambiente virtual, com organização prévia do arranjo das telas de modo a assegurar visibilidade contínua entre participante e pesquisador, que também atuou como TILS. A condução das entrevistas nesse formato foi planejada previamente, considerando a experiência do pesquisador como intérprete e seu conhecimento aprofundado da Libras, da cultura surda e dos objetivos do estudo. Antes da coleta definitiva, foi realizado um estudo piloto, que possibilitou estimar o tempo médio das entrevistas, avaliar a clareza das questões e identificar conceitos que demandariam ajustes linguísticos ou explicitações adicionais durante a sinalização. Esse processo preparatório permitiu que o roteiro final fosse elaborado de forma mais precisa e adequada às especificidades da Libras, minimizando a necessidade de intervenções tradutórias durante a entrevista propriamente dita. Assim, a mediação linguística ocorreu de forma integrada à condução da pesquisa, preservando a fluidez comunicacional, a fidelidade aos sentidos expressos pelos participantes e a consistência metodológica do material empírico produzido.

Resultados

Vale destacar que, inicialmente, previa-se a participação de dez pessoas surdas, selecionadas a partir dos respondentes do Estudo 1. No entanto, apesar dos esforços empreendidos para contato, agendamento e mediação com apoio de Tradutores e Intérpretes de Libras (TILS), apenas quatro participantes efetivamente se dispuseram a participar das entrevistas por videoconferência. Trata-se de uma amostra situada, considerando dificuldades

logísticas, os impactos do período pós-pandemia e das crises climáticas no Rio Grande do Sul, o contexto de vulnerabilidade social de parte dos participantes e as limitações de acesso à tecnologia. Ainda assim, as entrevistas realizadas revelaram narrativas densas e expressivas, permitindo captar nuances importantes sobre como as amizades são vivenciadas por pessoas surdas em diferentes contextos de vida.

A geração dos dados qualitativos do Estudo 2 ocorreu após a finalização da etapa quantitativa do Estudo 1, respeitando a lógica sequencial do delineamento de métodos mistos adotado na pesquisa. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em ambiente virtual, por meio de plataforma de videoconferência, com mediação de Tradutor e Intérprete de Libras (TILS), garantindo acessibilidade linguística aos participantes. Cada entrevista teve duração média entre 45 e 70 minutos, variando conforme o ritmo comunicacional, a profundidade das narrativas e as experiências compartilhadas pelos participantes. Previamente à coleta definitiva, foi realizado um estudo piloto com um participante surdo, com o objetivo de avaliar a clareza das questões, o tempo de aplicação, a adequação da mediação em Libras e os aspectos técnicos da gravação. O estudo piloto permitiu ajustes pontuais na formulação das perguntas e na condução da entrevista, contribuindo para maior fluidez comunicacional e consistência metodológica na etapa final de coleta de dados.

A análise atenta às narrativas de Juan, Luana, Paula e Dênis permitiu o aprofundamento de aspectos que não puderam ser plenamente contemplados pelos instrumentos quantitativos do Estudo 1. Com base na análise dessas entrevistas, as fichas descritivas foram organizadas por temas emergentes, a fim de reunir e evidenciar elementos centrais das experiências relatadas (Creswell & Clark, 2013; Gil, 2003; Lakatos & Marconi, 2003). Esses registros narrativos são interpretados não somente como expressões individuais, mas como manifestações situadas de sujeitos marcados por condições sociolinguísticas específicas, que atravessam a surdez como diferença e não como déficit (Oliveira, 2016;

Lacerda, 2000; Quadros & Karnopp, 2004). O conteúdo organizado nas fichas, portanto, amplia a compreensão sobre as relações de amizade no contexto da surdez e contribui para repensar políticas educacionais, práticas de inclusão e estratégias de cuidado afetivo em espaços sociais diversos.

Após o processo de entrevista, recorreu-se à exploração de aspectos complementares e narrativos, com o objetivo de ampliar os entendimentos a partir das contribuições dos quatro participantes surdos. Por exemplo, embora os escores da Escala de Funções da Amizade tenham indicado percentis baixos na média dos participantes, as entrevistas revelaram que essa avaliação pode estar relacionada a barreiras comunicacionais e contextos de exclusão; como a dificuldade relatada por Luana em formar amigos na escola por falta de acessibilidade em Libras. Tais nuances não seriam identificadas apenas por meio de escores padronizados, uma vez que esses não captam a trajetória afetiva, o esforço para construir vínculos ou a percepção de desconfiança em relações assimétricas entre surdos e ouvintes.

Para aprofundar a compreensão sobre as experiências de amizade de pessoas surdas em diferentes contextos sociais, educacionais e comunicacionais, as entrevistas em Libras que compõem o corpus qualitativo desta pesquisa foram traduzidas para a língua portuguesa por um profissional especializado em tradução e interpretação. Para garantir a fidelidade semântica e pragmática dos relatos, bem como respeitar as nuances expressivas da Libras, o processo de tradução foi validado por dois intérpretes: uma intérprete surda e um intérprete ouvinte, ambos com ampla experiência em contextos educacionais e de pesquisa. A participação da intérprete surda foi essencial para assegurar que as escolhas tradutórias mantivessem a perspectiva e a sensibilidade da cultura surda, enquanto o intérprete ouvinte contribuiu para a adequação terminológica e textual à norma culta da língua portuguesa. Essa validação colaborativa visou qualificar o material textual, assegurando que as análises fossem

conduzidas com base em registros coerentes com as intencionalidades dos participantes, respeitando os princípios éticos e metodológicos da pesquisa com comunidades surdas.

Análise dos dados

As entrevistas realizadas com participantes surdos evidenciaram dimensões temáticas que extrapolam categorias estáticas ou eixos prévios, emergindo das experiências relatadas. Ao narrar suas vivências de amizade, as pessoas surdas revelaram atravessamentos que mobilizam memória escolar, modos de pertencimento, barreiras comunicacionais e afetos partilhados, o que orientou a análise para temas que se entrelaçam e ganham sentidos plurais no contexto da surdez.

A organização dos dados por meio de cinco temas analíticos fundamenta-se na densidade e na circularidade com que os participantes expressam suas experiências de amizade, frequentemente atravessando de forma integrada aspectos escolares, laborais, familiares, afetivos e de exclusão social. A fragmentação por eixos fixos poderia comprometer a fluidez dessas narrativas, tornando artificiais os relatos e desarticulando as conexões entre os elementos emocionais, comunicacionais e contextuais que sustentam os vínculos de amizade. Conforme argumenta Bortolozzi (2020), na pesquisa qualitativa, é fundamental respeitar a lógica interna dos discursos e permitir que os significados emergentes se articulem a partir da experiência vivida. Essa escolha dialoga também com Gil (2003), Lakatos e Marconi (2003), e Reis e Reis (2002), ao propor uma descrição sistemática que não se reduz à simples categorização, mas visa preservar a coerência interna dos dados e sua interpretação crítica. No contexto de uma pesquisa de métodos mistos, tal como sugerem Creswell e Clark (2013), essa estratégia de organização temática favorece a integração entre dados qualitativos e quantitativos, contribuindo para uma compreensão mais abrangente e

contextualizada do fenômeno investigado. Assim, os temas funcionam como dispositivos de leitura que respeitam o fluxo espiralado das narrativas, permitindo o retorno a marcos afetivos e experiências-chave que estruturam a amizade na perspectiva dos participantes surdos. Os temas foram articulados em blocos narrativos dentro da ficha, que busca manter o encadeamento fluido da fala do participante, evitando fragmentações.

O conteúdo delimitado nas fichas não se propõe a esgotar a complexidade da narrativa, mas a sintetizar aspectos centrais de sua experiência, respeitando a singularidade da trajetória de cada sujeito e oferecendo uma visão panorâmica que será retomada e tensionada na etapa de discussão dos dados. Assim, cada ficha funciona como uma forma condensada e situada de descrição inicial. Nesse momento, ao invés de codificar e quantificar as falas, optou-se por elaborar uma síntese interpretativa, com uso de trechos representativos e sem juízo de valor, o que possibilita uma posterior articulação com os dados estatísticos do estudo e com a literatura científica sobre amizades, surdez e desenvolvimento humano. Esse procedimento ancora-se na ética da escuta e no reconhecimento da produção de sentido como um processo intersubjetivo e situado.

Quadro 1 – Ficha descritiva da entrevista com Juan

Ficha Descritiva - Juan
Juan relata uma trajetória marcada por experiências escolares predominantemente em instituições para surdos. Durante o Ensino Fundamental, descreve um ambiente mais livre e lúdico, contrastando com o Ensino Médio, vivido de forma mais exigente e reflexiva. Nesse percurso, a escola aparece como espaço ambivalente: ao mesmo tempo em que favoreceu a formação de amizades significativas entre surdos, também evidenciou os limites de interação em contextos futuros, como a universidade, onde a ausência de acessibilidade dificultou a formação de novos vínculos. A confiança e a lealdade são temas centrais em sua percepção sobre amizade. Juan valoriza os amigos que permanecem próximos e compartilham sentimentos sem julgamentos. Reconhece que nem todas as amizades duram e observa que, quando o contato se perde, o vínculo esfria. A ausência de continuidade nas amizades virtuais e o desaparecimento de vínculos escolares sem manutenção explícita revelam uma consciência aguda da fragilidade dos laços sociais quando não alimentados pela convivência.

A comunicação surge como elemento estruturante da amizade. Para Juan, a fluência em Libras entre surdos permite uma troca mais natural, enquanto com ouvintes é necessário recorrer à escrita e à repetição. Essa diferença impacta diretamente o tipo de amizade que consegue estabelecer. A interação com surdos é mais espontânea e confortável, enquanto com ouvintes exige estratégias compensatórias e uma disposição que nem sempre é recíproca.

Sobre o espaço virtual, Juan aponta que, embora as mensagens facilitem o contato, o encontro presencial é revelador. Muitos amigos desconhecem sua surdez até se encontrarem pessoalmente, o que gera surpresa e, por vezes, desconforto. A presença física torna visíveis os marcadores da diferença, alterando a dinâmica da interação.

A surdez, para Juan, não representa uma limitação em si, mas exige mediações constantes. Ele ressaltava que a amizade só acontece se houver empatia e disposição do outro em compreender sua forma de comunicar. A ausência de vergonha, o apoio mútuo e a capacidade de ouvir – no sentido relacional – são os critérios que definem, para ele, uma amizade verdadeira.

A narrativa de Juan evidencia como as amizades são atravessadas por fatores comunicacionais e contextuais, sendo a presença da Libras e da identificação surda elementos facilitadores da construção de vínculos. Contudo, também aponta os desafios persistentes na manutenção desses laços em contextos ouvinte-centrados, como universidades e ambientes de trabalho. Essa tensão entre a presença e a ausência da língua, entre o conforto da identidade surda e a barreira da comunicação, reaparece com novas inflexões no relato de Luana. Sua trajetória amplia a discussão ao destacar o papel da exclusão escolar precoce, a fragilidade das amizades no Ensino Médio e a importância da resistência subjetiva diante da ausência de acessibilidade.

Quadro 2 – Ficha descritiva da entrevista com Luana

Ficha Descritiva - Luana
Luana rememora sua trajetória escolar com fortes marcas de exclusão. Iniciou os estudos apenas aos oito anos, enfrentando um contexto profundamente desprovido de acessibilidade. No Ensino Fundamental, não havia Libras, TILS, nem adaptações didáticas. As notas ruins e a sensação de estagnação contrastavam com o progresso dos colegas ouvintes. Apenas ao migrar para uma escola de surdos, entre o sexto e o oitavo ano, encontrou um ambiente minimamente responsivo, onde professores incentivaram sua aprendizagem e tentaram reparar os atrasos acumulados. No Ensino Médio, porém, voltou a enfrentar barreiras, com poucos recursos e sem intérpretes. A

evasão temporária e a dificuldade para acompanhar os conteúdos em língua portuguesa revelam os efeitos acumulados da negligência educacional. As experiências de amizade são atravessadas por desconfiança e resistência. Luana teve poucas amigas marcantes, entre elas uma colega com deficiência visual, com quem dividia o isolamento e a exclusão nas atividades escolares. Ela relata episódios de preconceito e desvalorização, tanto por parte de colegas quanto de professores, dificultando o estabelecimento de laços de confiança. A amizade é descrita como frágil e condicionada à empatia e ao esforço mútuo.

A comunicação, em seu relato, é uma batalha cotidiana. A ausência de Libras nas escolas e nos ambientes públicos obriga Luana a adotar estratégias para ser compreendida, o que exige esforço emocional constante. Sua preferência por amigas com pessoas que sinalizam é justificada pela possibilidade de um diálogo mais justo e recíproco. A oralidade, quando imposta, é vista como limitadora e frustrante.

A relação entre espaço virtual e presença física é ambivalente. Luana valoriza os encontros presenciais como fundamentais para o aprofundamento da amizade, mas reconhece a utilidade das tecnologias – especialmente o WhatsApp com vídeos – para manter contato com surdos que vivem longe. Ao mesmo tempo, demonstra ceticismo quanto à autenticidade de amigas exclusivamente virtuais, considerando que a ausência do corpo e da presença fragiliza a construção de confiança.

A surdez, para Luana, é tanto um marcador de identidade quanto um fator de vulnerabilidade. Ela destaca que o problema não está em ser surda, mas na ausência de políticas e práticas inclusivas. Ser surda significa ter que “ajudar o outro a me entender”, e essa tarefa nem sempre é acolhida. Mesmo assim, relata estratégias de resistência, como a persistência em ensinar Libras aos colegas e valorizar a própria identidade surda. Sua concepção de amizade envolve cuidado, reconhecimento emocional e presença ativa – elementos que, segundo ela, nem sempre estão disponíveis em seus contextos de vida.

A experiência de Luana intensifica a compreensão das amigas como construções frágeis e situadas, cuja efetivação depende diretamente das condições de acessibilidade, do reconhecimento identitário e da disponibilidade afetiva do outro. Sua trajetória destaca a exclusão institucional como fator que compromete não somente o desenvolvimento educacional, mas também o estabelecimento de vínculos interpessoais sustentáveis. O relato de Luana também evidencia como o esforço comunicacional imposto às pessoas surdas impacta sua autonomia relacional e seu bem-estar emocional. Ao transitar para a narrativa de Paula, novas nuances emergem. Embora compartilhe desafios similares, Paula adota uma perspectiva mais conciliadora entre os mundos surdo e ouvinte. Seu relato articula experiências de formação bilíngue, relações familiares com ouvintes e percepções mais

ambíguas sobre a confiança entre pares surdos. Ao mesmo tempo em que reafirma a potência das amizades entre surdos como espaço de identificação cultural, Paula revela tensões de lealdade, deslocamento e insegurança que atravessam sua experiência.

Quadro 3 – Ficha descritiva da entrevista com Paula

Ficha Descritiva - Paula
Paula descreve uma trajetória escolar marcada por deslocamentos entre diferentes contextos educacionais. No Ensino Fundamental, teve contato inicial com pessoas surdas e uma professora bilíngue, mas permaneceu inserida em uma escola regular para ouvintes. Já no Ensino Médio, mesmo com o suporte de intérpretes, estudou em uma escola não bilíngue, sentindo a ausência de uma abordagem voltada para a identidade surda. Paula reconhece que as escolas de ouvintes desenvolvem conteúdos com maior profundidade, mas valoriza o espaço bilíngue como fundamental para a formação linguística em Libras e para a construção de uma identidade surda mais consistente. Nas amizades, Paula expressa uma ambiguidade afetiva. Apesar de identificar maior facilidade de aproximação com pessoas surdas, devido à cultura e à língua compartilhadas, demonstra maior confiança nos amigos ouvintes próximos, sobretudo familiares. Aponta uma desconfiança sutil em relação a alguns pares surdos, motivada por percepções sobre ética e lealdade nas interações. Essas contradições revelam um campo afetivo permeado por experiências de aproximação e distanciamento, confiança e resguardo. A comunicação é um elemento central em sua vivência de amizade, marcada por práticas bilíngues. Com surdos, privilegia Libras – especialmente no presencial ou por vídeo. Com ouvintes, utiliza português escrito, mostrando-se confortável ao transitar entre línguas. No entanto, reconhece que a comunicação plena com ouvintes depende do interesse e esforço desses interlocutores em compreender a Libras. Sobre as modalidades de interação, Paula demonstra preferência clara pela presencialidade. Considera que o contato virtual não sustenta vínculos profundos e expressa ceticismo quanto à possibilidade de se construir amizades verdadeiras por meio de telas. A presencialidade é vista como condição para a construção da confiança, pois permite o contato visual, corporal e afetivo necessário à linguagem em Libras. A surdez, para Paula, é um marcador que simultaneamente afirma sua identidade e define suas fronteiras relacionais. Ela reconhece que sua forma de comunicação exige adaptações e que muitos ouvintes não estão preparados para esse encontro. Ao mesmo tempo, não reduz a amizade à categoria de surdo ou ouvinte. Para ela, ser amigo implica presença, ajuda mútua, sensibilidade para o outro – dimensões que, em sua experiência, nem sempre são garantidas em função da língua, mas pela ética da convivência e pelo desejo real de partilha.

A narrativa de Paula adiciona uma camada de complexidade às relações de amizade vividas por pessoas surdas, ao deslocar-se entre dois universos linguísticos e afetivos: o da comunidade surda, com quem compartilha códigos visuais e culturais, e o dos ouvintes, entre os quais constrói vínculos de confiança mais constantes, especialmente no âmbito familiar. Essa fluidez bilíngue, entretanto, não dissolve as tensões que permeiam suas relações; ao contrário, evidencia como o pertencimento e a comunicação são atravessados por fatores subjetivos, éticos e contextuais. A suspeita de deslealdade entre pares surdos e o conforto com alguns ouvintes ilustra as ambivalências da construção da confiança em territórios híbridos. Ao avançarmos para o relato de Dênis, nota-se uma mudança no estilo narrativo: sua fala é mais concisa, mas não menos densa. Dênis se posiciona de forma direta sobre os desafios da amizade, a importância do suporte emocional e os efeitos da marginalização comunicacional.

Quadro 4 – Ficha descritiva da entrevista com Dênis

Ficha Descritiva - Dênis
Dênis apresenta uma narrativa marcada por síntese e objetividade, revelando uma trajetória escolar em instituições majoritariamente ouvintes, onde a inclusão se deu sem garantias efetivas de acessibilidade. Desde os anos iniciais, relata a ausência de intérpretes, materiais visuais e professores preparados para lidar com a surdez. Essa ausência sistemática de suporte resultou em um percurso educacional com lacunas significativas, frequentemente compensado por estratégias individuais de adaptação e resiliência. A escola aparece como espaço de apagamento linguístico e de aprendizagem fragmentada, o que impactou diretamente sua autoestima e percepção de pertencimento. As amizades, para Dênis, não são abundantes, mas carregam forte valor simbólico. Ele destaca a importância de ter pessoas que o escutem (no sentido de atenção e presença), que ofereçam apoio real e não o excluam em função da surdez. A amizade é concebida como uma relação de confiança construída no tempo e testada pelas atitudes cotidianas. Demonstrando certa cautela, Dênis reconhece que nem todos os vínculos resistem à prova da convivência e da empatia. A comunicação é vista como ponto central de tensão e superação. Para Dênis, comunicar-se é tarefa cotidiana de mediação: utiliza a Libras com surdos, mas também emprega escrita, gestos e expressões faciais com ouvintes. Reivindica o direito de ser compreendido sem precisar se “explicar demais”, criticando o esforço

assimétrico que recai sobre a pessoa surda em interações com ouvintes não sinalizantes.

Em relação à presença e virtualidade, Dênis valoriza os encontros presenciais como forma plena de construção de vínculos, especialmente com surdos. Relata experiências de silêncio e desconforto em interações digitais com ouvintes, nas quais a escrita se impõe como único canal, muitas vezes insuficiente para expressar afetos. Com surdos, a presença física possibilita a completude da linguagem.

A surdez, em sua concepção, não é obstáculo à amizade, mas sim um traço identitário que exige reconhecimento e respeito. Dênis destaca que amizades verdadeiras não dependem de “ter pena” da sua condição, mas de perceber que ele tem as mesmas necessidades, desejos e capacidades de qualquer outra pessoa. Para ele, ser amigo é estar junto, compartilhar alegrias e dificuldades, e respeitar o outro como sujeito de linguagem e afeto.

As quatro fichas descritivas apresentadas – Juan, Luana, Paula e Dênis – compõem um mosaico de experiências relacionais marcadas por percursos escolares distintos, modos diversos de construir vínculos e formas específicas de lidar com a surdez como elemento constituinte da subjetividade. Ainda que cada relato traga singularidades contextuais e afetivas, emergem pontos de convergência importantes. Todos os participantes evidenciam, em maior ou menor grau, o papel central da comunicação como elemento estruturante da amizade: a presença da Libras tende a facilitar os vínculos, enquanto sua ausência impõe barreiras que exigem esforço, mediações e, por vezes, resultam em rupturas ou isolamento. A escola, seja bilíngue ou regular, aparece como espaço determinante na forma como esses sujeitos compreenderam a amizade – ora como local de pertencimento, ora como cenário de exclusão.

As amizades com surdos são frequentemente associadas à fluidez comunicacional, ao apoio emocional e ao reconhecimento mútuo, enquanto as relações com ouvintes oscilam entre a aproximação ética e a assimetria relacional. As experiências relatadas também revelam distintas percepções sobre confiança e lealdade, com destaque para o impacto da exclusão social e da marginalização comunicacional nas formas de sociabilidade. Com isso, as fichas vão além de dados empíricos e tornam-se pistas para a análise das funções da amizade, das condições subjetivas de sua manutenção e dos atravessamentos da surdez nas

experiências afetivas, preparando o terreno para a discussão articulada com os dados estatísticos e os referenciais teóricos sobre desenvolvimento humano, linguagem e inclusão.

Discussão

As narrativas analisadas no Estudo 2 revelam que as trajetórias escolares exercem papel central na constituição das amizades de pessoas surdas, configurando-se como espaços de pertencimento ou exclusão que impactam diretamente as possibilidades de vínculo. Juan, por exemplo, descreve o Ensino Fundamental como um período mais lúdico e propício à formação de amizades com surdos, enquanto o Ensino Médio, marcado por exigências escolares e menor acessibilidade, dificultou a manutenção desses laços. De forma ainda mais aguda, Luana relata um histórico de exclusão sistemática no contexto escolar, iniciando os estudos tardiamente e vivenciando anos sem acesso à Libras ou a recursos mínimos de inclusão. Tais experiências confirmam as reflexões de Lacerda (1998) e Bisol (2008), para quem o fracasso educacional de surdos muitas vezes decorre da negação de sua identidade linguística. Essa interdição do direito à língua, como também alertam Skliar (1998) e Sacks (1998), compromete não apenas o desenvolvimento escolar e acadêmico, mas também o exercício da sociabilidade em contextos marcados pela exclusão comunicacional. Em contraste, Paula aponta que espaços bilíngues favoreceram a construção de uma identidade surda mais consistente, ainda que não isenta de conflitos. Esses relatos reforçam a necessidade de políticas educacionais que reconheçam a surdez como diferença cultural e assegurem contextos de aprendizagem que valorizem a Libras como primeira língua de instrução e convivência (Quadros & Karnopp, 2004; Lodi & Luciano, 2009; Witchs & Zilio, 2018).

Outro aspecto central emergente nas entrevistas diz respeito à confiança, à lealdade e às rupturas nos vínculos de amizade, revelando camadas afetivas atravessadas por experiências de aceitação, rejeição e resistência. Juan e Dênis enfatizam que a confiança se constrói a partir da empatia e da presença contínua, sendo posta à prova em contextos em que a surdez não é reconhecida como parte constitutiva do sujeito. Luana destaca que, por ter sido sistematicamente excluída, desenvolveu uma postura de desconfiança, o que torna a construção de laços mais cautelosa. Essa oscilação entre abertura e proteção emocional encontra respaldo nas contribuições de Fehr (1996, 2012) e Mendelson e Aboud (1999), ao apontarem que amizades duradouras exigem reciprocidade afetiva e segurança subjetiva. No entanto, como indicam Rieffe *et al.* (2018) e Millen, Dorn e Luckner (2019), adolescentes e jovens surdos frequentemente experienciam ambientes sociais que dificultam esse tipo de reciprocidade, especialmente quando os pares ouvintes não compreendem sua língua ou sua forma de estar no mundo. Paula, por sua vez, demonstra ambivalência ao relatar desconfianças com alguns surdos e maior confiança em familiares ouvintes, o que remete aos apontamentos de Grosjean (1994b) sobre os deslocamentos afetivos e linguísticos em contextos bilíngues. A lealdade, nesse sentido, mostra-se menos como uma categoria fixa e mais uma construção relacional atravessada pela acessibilidade, pela escuta sensível e pelo reconhecimento mútuo.

As dimensões da presença, da distância e da temporalidade nas amizades também emergem com força nas entrevistas, revelando que a continuidade dos vínculos está profundamente associada à convivência física, à regularidade do contato e ao reconhecimento mútuo ao longo do tempo. Juan e Paula ressaltam que a amizade demanda encontros presenciais para se consolidar, especialmente no contexto da surdez, em que a linguagem visual e corporal desempenha papel essencial na comunicação. Dênis reforça essa perspectiva ao apontar que a escrita digital, embora útil, não expressa com plenitude os afetos e os

sentidos compartilhados em Libras. Luana, por sua vez, destaca que a ausência de contato físico tende a fragilizar os laços e a gerar desconfiança. Esses relatos dialogam com os estudos de Scott, Stuart e Barber (2021), que analisam os impactos das interações on-line e off-line na qualidade das amizades, indicando que, no caso de pessoas surdas, a linguagem presencial não é apenas preferida, mas necessária. Nesse sentido, as fichas descritivas elaboradas nesta pesquisa funcionam como panoramas interpretativos que facilitam a compreensão desses dados, ao reunir em blocos narrativos as relações entre espaço, tempo e linguagem que permeiam os vínculos descritos. Ao mapear essas experiências de forma situada, respeitando o fluxo das falas, as narrativas evidenciam como a temporalidade relacional entre surdos é construída em torno de marcadores corporais e afetivos que escapam às métricas lineares do tempo cronológico.

A surdez, nas entrevistas analisadas, aparece não como obstáculo intrínseco à amizade, mas como condição relacional que exige reconhecimento, acessibilidade e disposição ética para o encontro com o outro. Dênis afirma que ser surdo não impede a construção de vínculos, desde que haja respeito e empatia. Para ele, o problema não está na diferença, mas na atitude do outro diante dela. Luana compartilha percepção semelhante, destacando que ser surda implica constantemente “ensinar o outro a se comunicar”, o que pode ser desgastante. Paula, com sua vivência bilíngue, vê a surdez como parte constitutiva de sua identidade, mas reconhece que as fronteiras comunicacionais ainda se mantêm. Juan reforça que a amizade só acontece quando há real interesse em compreender sua forma de se expressar. Esses relatos convergem com os apontamentos de Bisol e Sperb (2010) e Skliar (1998), que compreendem a surdez como diferença linguística e cultural, e não como deficiência. Como destacam Martins (2003) e Brito *et al.* (2013), é no reconhecimento da surdez como identidade e na valorização da Libras como língua legítima que abre espaço para relações mais simétricas e afetivamente mais significativas. Nesse sentido, a surdez constitui

simultaneamente um horizonte de possibilidade, quando há acessibilidade e respeito; e um desafio — quando marcada por incompreensão, esforço unilateral e exclusão comunicacional.

A discussão qualitativa apresentada neste Estudo 2 evidencia que as amizades vividas por pessoas surdas são tecidas em contextos múltiplos e desiguais, atravessadas por dimensões linguísticas, afetivas e institucionais. Ao organizar os dados em fichas descritivas a partir de temas emergentes, buscou-se respeitar a fluidez das narrativas, captar a singularidade de cada trajetória e identificar pontos de convergência capazes de contribuir com a reflexão sobre o desenvolvimento relacional no contexto da surdez. Como demonstrado, os relatos de Juan, Luana, Paula e Dênis não somente iluminam a complexidade da amizade entre sujeitos surdos, mas também desafiam modelos normativos de vínculo, convidando a Psicologia e a Educação a considerar as relações sociais como processos mediados pela linguagem, pela cultura e pela história de exclusões e resistências. Articuladas às evidências quantitativas do Estudo 1, essas análises qualitativas permitem uma compreensão mais ampla das funções da amizade e do papel da comunicação na construção da subjetividade, convocando políticas públicas, práticas escolares e dispositivos de cuidado a reverem seus modos de escuta, reconhecimento e inclusão.

Capítulo IV- DISCUSSÃO INTEGRATIVA

As discussões que seguem articulam os achados quantitativos e qualitativos desta investigação, em consonância com uma abordagem de métodos mistos, que favorece a compreensão ampliada e integrada dos fenômenos estudados (Creswell & Clark, 2013). Com base em um processo de codificação indutiva e recategorização teórico-analítica, foram definidas quatro categorias temáticas que emergiram da sobreposição entre os dados estatísticos (como correlações, escores médios e diferenças significativas) e os sentidos atribuídos pelos participantes nas entrevistas. Tal organização está de acordo com a perspectiva de Gil (2003) e Lakatos e Marconi (2003), que destacam a importância de sistematizar os dados empíricos de forma coerente e interpretativa, respeitando a estrutura interna das informações coletadas.

As categorias foram definidas a partir da recorrência e articulação de conteúdos que atravessam as funções afetivas da amizade, os modos de comunicação utilizados, os contextos educacionais e os sentimentos ambivalentes vivenciados. Esse tipo de categorização, conforme orienta Bortolozzi (2020), não se limita à segmentação dos dados, mas visa preservar o fluxo e a complexidade das narrativas. Além disso, ao integrar análise descritiva com interpretação qualitativa, a estratégia adota princípios indicados por Reis e Reis (2002), valorizando a clareza na apresentação dos dados sem perder a profundidade interpretativa. Assim, as categorias temáticas aqui apresentadas não pretendem esgotar a complexidade do tema, mas destacar elementos centrais que ajudam a compreender como a surdez, a acessibilidade e os vínculos emocionais influenciam a constituição e manutenção das amizades.

Vale destacar, inicialmente, a Categoria 1 - *Funções da amizade e os sentidos atribuídos à qualidade relacional* –, que emergiu da forte consistência estatística nas

correlações entre as funções da amizade (Companheirismo, Intimidade, Autovalidação, Ajuda, Aliança Confiável e Segurança Emocional) e variáveis como Satisfação com a Amizade e Sentimentos Positivos (valores de $Rho > 0.60$, $p < .001$). Nos relatos das entrevistas, os participantes mencionaram aspectos como “*apoio nos momentos difíceis*”, “*há amigos que sabem tudo de mim*” e “*bom encontrar amigos e confiar neles*”, destacando a presença do outro e a qualidade dessa presença. A recorrência desses temas e sua congruência com os dados quantitativos possibilitaram a formulação desta categoria como um eixo central da análise.

A Categoria 2 - *Sociabilidades mediadas pela surdez: comunicação, vínculos e acessibilidade* –, estabelecendo a comparação entre participantes com melhor amigo surdo e com melhor amigo ouvinte, revelou diferenças significativas em cinco funções da amizade (AutoVal, Ajuda, Comp, Intimidade, SegEmo) e no item ESSPRL, percepção de apoio de surdos. Esse padrão foi complementado por narrativas em que participantes destacaram maior conforto, fluidez e identificação em interações com outros surdos. Palavras como “igual”, “entende melhor”, “fala como eu” apareceram de forma recorrente, configurando a surdez como condição sensorial e elemento estruturante das sociabilidades. Essa convergência sustentou a formulação dessa categoria.

Adiante, a Categoria 3 - *Entre presença e ausência: impactos afetivos e percepções da amizade* –, que retrata a discrepância entre a média de sentimentos positivos (25,44) e negativos (44,12), chamou atenção para uma ambivalência emocional na vivência das amizades. Essa ambiguidade também apareceu nas entrevistas, com falas que apontavam solidão, dúvidas sobre a reciprocidade e dificuldades em manter os laços. Além disso, a comparação entre quem possui ou não uma melhor amizade indicou tendência marginal à menor Intimidade no grupo sem melhor amigo ($p = 0.059$). Essa conjunção de dados qualitativos e quantitativos foi interpretada como um indicativo de que a presença (ou a

fragilidade) de vínculos sólidos impacta significativamente o campo emocional, dando origem à categoria.

Por fim, a Categoria 4 - *Práticas e contextos que modulam o desenvolvimento de amizades* - foi sustentada por uma análise integrada das variáveis sociodemográficas e sociolinguísticas (tipo de escola, tempo de contato com Libras, modo de comunicação e rede de amizades) com os dados relacionais. Participantes com maior exposição à comunidade surda, escolarização bilíngue e contato precoce com Libras relataram maior facilidade para formar amizades, sobretudo com outros surdos. As entrevistas reforçaram esses dados, especialmente quando tratavam das oportunidades (ou falta delas) para a convivência com pares. Ao destacar o papel dos contextos institucionais e das experiências de socialização, essa categoria evidencia os fatores moduladores das trajetórias de amizade.

Funções da amizade e os sentidos atribuídos à qualidade relacional

Tendo em vista a composição da amostra, observa-se que os participantes, majoritariamente jovens entre 18 e 32 anos, com histórico educacional no ensino superior incompleto e exposição frequente à Libras, compartilham uma trajetória marcada por formas específicas de socialização. Ainda que a maioria resida em regiões urbanas ou metropolitanas, as experiências de escolarização são heterogêneas, variando entre escolas bilíngues, comuns com intérprete e instituições especializadas. Quando se considera o modo como os participantes se comunicam com familiares e amigos, prevalece a combinação entre sinalização e fala, o que sugere um ambiente de transição linguística que pode impactar diretamente na construção dos vínculos de amizade. Diante disso, é plausível supor que as funções atribuídas à amizade são moduladas por fatores como acessibilidade, reconhecimento linguístico e trajetórias escolares inclusivas.

Conforme revelam os resultados estatísticos, as funções da amizade apresentaram médias elevadas em dimensões como Companheirismo Estimulante ($M = 19,2$), Segurança Emocional ($M = 18,02$) e Intimidade ($M = 17,96$), o que denota a valorização de aspectos afetivos e de apoio mútuo nos vínculos estabelecidos. Uma vez que essas funções se correlacionaram fortemente com a Satisfação com a Amizade ($p > 0,55$; $p < .001$) e com Sentimentos Positivos ($p > 0,63$; $p < .001$), compreende-se que o fortalecimento desses aspectos impacta positivamente a qualidade relacional percebida. Embora os escores também indiquem um bom desempenho em Autovalidação e Aliança Confiável, a Ajuda Prática apresentou uma média ligeiramente inferior, sugerindo que os aspectos emocionais prevalecem em relação ao suporte instrumental. Esses dados permitem identificar, estatisticamente, quais dimensões subjetivas sustentam o sentido de amizade para os participantes.

Ao analisarmos as falas de Juan e Luana, em resposta à pergunta “*Dos seus amigos, você sente maior intimidade para partilhar sentimentos e situações pessoais com amigos surdos ou ouvintes?*”, Juan aponta que se sente mais à vontade com pessoas surdas, pois, segundo ele, “*não preciso ficar tentando a todo momento ter que explicar o que eu quero dizer*”. Essa afirmação pode evidenciar que a confiança e o apoio emocional – dimensões centrais das funções da amizade – estão diretamente associados à fluidez comunicacional, que, em seu caso, ocorre majoritariamente com interlocutores surdos. De forma similar, Luana expressa que a intimidade nas amizades também depende da empatia e da percepção do outro sobre seu estado emocional: “*para mim, ser amigo significa alguém que me ajude, que converse comigo, que me pergunte se eu estou triste, se estou feliz*”. Essas falas ilustram como a qualidade relacional da amizade é atravessada por experiências de compreensão mútua, disponibilidade afetiva e reconhecimento, reforçando os achados quantitativos sobre a

valorização das dimensões de segurança e intimidade como pilares fundamentais da vivência da amizade.

Considerando que o desenvolvimento humano se estrutura sobre interações sociais qualificadas, torna-se imprescindível compreender a amizade como um dos principais processos proximais (Bronfenbrenner & Morris, 1998) capazes de influenciar dimensões cognitivas, afetivas e sociais dos sujeitos, sobretudo daqueles com desenvolvimento atípico. Enquanto a literatura clássica destaca a bidirecionalidade das interações como chave para o florescimento de habilidades (Piccinini *et al.*, 2001), pesquisas contemporâneas evidenciam que crianças e adolescentes surdos enfrentam desafios adicionais no estabelecimento e manutenção de amizades, em virtude das barreiras linguísticas e da escassez de contextos comunicativos acessíveis (Rieffe *et al.*, 2018; Terlektsi *et al.*, 2020). Diante disso, é possível entender que a qualidade relacional das amizades entre pessoas surdas depende diretamente da comunicação, da valorização da Libras e da possibilidade de vivências interpessoais mediadas por escuta ativa e respeito mútuo, conforme defendem Moreira (2007) e Millen, Dorn e Luckner (2019).

Ainda que os dados desta pesquisa evidenciem altos escores nas dimensões afetivas das amizades, como Companheirismo e Segurança Emocional, torna-se necessário problematizar a forma como esses vínculos são constituídos sob condições comunicacionais nem sempre equânimes. Embora os relatos dos participantes indiquem laços significativos com amigos surdos, tais relações, por vezes, emergem de um cenário de exclusão dos vínculos com ouvintes, configurando mais uma resposta adaptativa do que uma escolha expandida. Enquanto as teorias do desenvolvimento, como a bioecológica (Bronfenbrenner & Morris, 1998), enfatizam os processos proximais como fundamentais, a realidade experienciada por sujeitos surdos demonstra que tais processos ocorrem sob restrições de linguagem e reconhecimento. Com isso, o desenvolvimento da intimidade e da confiança nas

amizades pode ser não só fortalecido pelo compartilhamento linguístico como também limitado pela ausência de acessibilidade nos ambientes sociais mais amplos.

Ao relacionar os dados obtidos nesta pesquisa com os achados de Souza (2006), observa-se uma consonância significativa quanto à centralidade das funções afetivas na constituição das amizades. Souza (2006), ao investigar a percepção de homens e mulheres sobre a função da amizade, destacou que Companheirismo, Intimidade e Segurança Emocional são os aspectos mais valorizados, especialmente quando associados à satisfação com a relação e à presença de sentimentos positivos. Esses resultados são reafirmados na presente amostra, na qual os participantes surdos expressam a importância de vínculos sustentados pela empatia e pela escuta emocional, conforme também validado por Souza e Hutz (2007), que adaptaram instrumentos psicométricos para avaliar a presença de afetos positivos e negativos em amizades. Tais achados convergem com as falas de Juan e Luana, pois revelam que a amizade, sobretudo no contexto da surdez, não pode ser entendida apenas como rede social, mas como estrutura de apoio emocional essencial à subjetividade e à saúde relacional do indivíduo.

Considerando os dados estatísticos, as entrevistas e as contribuições teóricas revisadas, é possível afirmar que a amizade, para os participantes surdos deste estudo, se configura como um espaço relacional prioritário, no qual a afetividade, o acolhimento e a confiança superam, muitas vezes, as dificuldades comunicativas enfrentadas em outros contextos sociais. Mesmo quando surgem lacunas na comunicação com ouvintes, a amizade entre pares surdos parece cumprir um papel estruturante no cotidiano, atuando como catalisadora de reconhecimento subjetivo e segurança emocional. Os instrumentos aplicados, ao mensurarem funções como Companheirismo e Intimidade, trouxeram respaldo numérico às percepções relatadas nas entrevistas, validando a hipótese de que tais funções ocupam posição central na vida dos sujeitos. Assim, as amizades não apenas atenuam sentimentos de

isolamento, mas também promovem um senso ampliado de pertencimento, fundamental ao desenvolvimento emocional e social, especialmente em contextos marcados pela invisibilidade cultural e linguística.

Diante dessas compreensões, observa-se que as amizades exercem função estruturante na trajetória de pessoas surdas, especialmente quando se dão em contextos de reciprocidade afetiva e acessibilidade relacional. No entanto, os dados também revelam que tais vínculos, apesar de significativos, não estão isentos de desafios, particularmente quando atravessados por barreiras linguísticas e desigualdades comunicativas. Ainda que os laços entre pares surdos se fortaleçam pela partilha de uma mesma língua e cultura, as relações com ouvintes, por outro lado, tendem a ser marcadas por rupturas, mediações ou distanciamentos involuntários. Esse aspecto, já apontado por autores como Sacks (1998), Witchs e Zilio (2018) e Rieffe *et al.* (2018), remete a uma dimensão crítica das amizades que será aprofundada na próxima categoria, a qual abordará as condições comunicacionais, os entraves e as estratégias utilizadas por pessoas surdas para estabelecer e manter laços de amizade em contextos predominantemente oralizados.

Sociabilidades mediadas pela surdez: comunicação, vínculos e acessibilidade

As análises comparativas demonstram que participantes com melhores amigos surdos reportam mais Autovalidação, Ajuda, Intimidade e Segurança Emocional. Há um padrão consistente de maior percepção de apoio na comunidade surda (ESSPRL). Nas entrevistas, surgem narrativas sobre barreiras comunicativas com ouvintes e uma maior fluidez nos vínculos com surdos. Isso evidencia que a surdez não marca exclusivamente diferenças comunicacionais, mas organiza as formas de sociabilidade, acesso emocional e pertencimento.

Diante da diversidade de formas comunicacionais relatadas pelos participantes, torna-se evidente que a cultura surda (Ladd, 2003) opera como mediadora das sociabilidades estabelecidas nas amizades. Os dados da Parte 1 indicam que a maioria dos participantes recorre à sinalização ou à comunicação bimodal² ao interagir com amigos, especialmente com aqueles considerados mais próximos. Tal preferência linguística se manifesta com maior intensidade entre os que possuem melhor amigo surdo, refletindo-se na fluidez das trocas e no sentimento de pertencimento. A modalidade de comunicação preferida; majoritariamente presencial e sinalizada; foi associada a maior satisfação com a qualidade das amizades. Isso sugere que, ao contrário da perspectiva de déficit, a experiência linguística da pessoa surda se transforma em vetor de conexão e fortalecimento dos vínculos, desde que os interlocutores compartilhem uma base comum de linguagem. Nessa direção, a surdez não limita a amizade, mas a qualifica por meio da Libras, que estruturam formas legítimas de pertencimento social.

As análises estatísticas revelaram que participantes com melhor amigo surdo apresentaram escores significativamente mais altos em cinco das seis funções da amizade: Autoavaliação, Ajuda, Companheirismo, Intimidade e Segurança Emocional. Ao mesmo tempo, o item ESSPRL — *“me sinto mais apoiado por amigos surdos”* — demonstrou correlação positiva com esses mesmos fatores, sugerindo que a identificação linguística e cultural entre pares surdos fortalece dimensões subjetivas da amizade. Ainda que não se observe diferença expressiva na função Aliança Confiável, os demais fatores indicam que

² O termo comunicação bimodal é empregado para designar o uso articulado de diferentes modalidades semióticas na interação, tendo a Libras como língua de base, combinada a recursos visuais, gestuais, expressivos e, em determinados contextos, à língua portuguesa escrita, conforme as demandas comunicacionais da situação. Essa concepção aproxima-se das discussões sobre multimodalidade e linguagem como prática social, nas quais o sentido é construído pela integração de múltiplos modos de expressão (Kress & Van Leeuwen, 1996; Lebedeff, 2017; Ildebrand, 2020). Importa destacar que essa definição se diferencia do bimodalismo historicamente associado às práticas oralistas na educação de surdos, em que a sinalização era utilizada de forma subordinada à língua oral com fins de reabilitação da fala (Quadros & Kamopp, 2004; Lacerda, 2000). Diferentemente dessa abordagem, a comunicação bimodal aqui considerada não possui caráter compensatório ou terapêutico, mas relacional e funcional, orientada pela centralidade da Libras como língua plena e pelo reconhecimento da multimodalidade como estratégia legítima de interação e construção de vínculos. Nesse sentido, a comunicação bimodal amplia as possibilidades de negociação de sentidos e pertencimento social, sem estabelecer hierarquias entre línguas ou modalidades.

vínculos entre surdos tendem a ser mais afetivamente densos e emocionalmente seguros. A consistência dos dados quantitativos corrobora a hipótese de que a partilha de uma mesma língua e de experiências sociais similares contribui para relações mais equilibradas e para o aprofundamento dos laços de confiança. Em contextos em que a língua é compartilhada, o espaço de amizade se torna também um espaço de acolhimento, reconhecimento e afirmação identitária, reafirmando a centralidade da surdez como mediadora da sociabilidade.

Quando questionada sobre com quem se sente mais à vontade para partilhar sentimentos, Paula assim afirma: “*com meus amigos surdos é mais fácil, a gente conversa, entende o jeito um do outro, não preciso explicar tudo*”. Essa resposta revela como a partilha linguística e a identificação cultural operam como mediadores da intimidade e da confiança, reforçando o sentido de pertencimento construído entre pares. Dênis, por sua vez, destaca que, embora tenha amigos ouvintes, “*com surdo é mais natural, posso falar com o corpo, com a expressão, não fico cansado tentando traduzir o que sinto*”. Ambas as narrativas convergem para um ponto comum: a liberdade emocional está diretamente vinculada à comunicação. Quando a Libras é compreendida e validada, as relações se tornam mais horizontais e espontâneas. Entre ouvintes, a necessidade constante de adaptação pode gerar fadiga, distanciamento e silenciamentos subjetivos. Tais evidências reiteram que a surdez, longe de ser obstáculo, estrutura formas próprias de sociabilidade e expressão afetiva.

A compreensão de que as amizades entre pessoas surdas são qualitativamente distintas das relações estabelecidas com ouvintes encontra sustentação nas contribuições de Skliar (1998), ao compreender a surdez a partir de uma perspectiva cultural e linguística, afastando-se de abordagens centradas na noção de deficiência. Essa perspectiva ressignifica o papel da linguagem na constituição dos vínculos, ao passo que insere a Libras como eixo estruturante das práticas relacionais. Conforme apontam Bronfenbrenner e Morris (1998), as interações sociais regulares, significativas e afetuosas (denominadas processos proximais) são

fundamentais para o desenvolvimento humano, especialmente quando ancoradas em contextos que respeitam a singularidade do sujeito. Nessa direção, Rieffe *et al.* (2018) demonstram que o acesso limitado a ambientes comunicativos empáticos compromete a qualidade das amizades em adolescentes surdos, afetando inclusive a regulação emocional. Piccinini *et al.* (2001), por sua vez, alertam que a bidirecionalidade das interações é central para o fortalecimento dos vínculos afetivos. Logo, quando há assimetrias linguísticas, como nas relações com ouvintes, as possibilidades de reciprocidade plena tendem a ser enfraquecidas (Meulder *et al.*, 2019).

Ao encontro dessas concepções, uma reflexão trazida por Dênis revela a natureza flutuante das sociabilidades surdas ao longo do tempo, apontando para uma progressiva ruptura dos processos proximais descritos por Bronfenbrenner e Morris (1998). Embora a convivência escolar tenha possibilitado trocas constantes em Libras; fator que intensificou o desenvolvimento mútuo e o sentimento de pertencimento; a transição para a vida adulta impôs obstáculos temporais, logísticos e comunicacionais, esgarçando os vínculos outrora cotidianos.

A narrativa de Dênis explicita como os vínculos entre pessoas surdas se fortalecem na presença de interações frequentes e compartilhadas, sobretudo durante o período escolar, mas se tornam fragilizados com a chegada da vida adulta, quando as oportunidades de contato diminuem. Ao mencionar que, no trabalho, “*nem todo mundo está disposto a me informar o que está acontecendo ou a se comunicar comigo de forma acessível*”, ele revela que a ausência de acessibilidade e bilinguismo em Libras não meramente comprometem a comunicação, mas também restringem sua agência social e emocional. Em contraste com o ambiente escolar bilíngue que vivenciou, onde a convivência com outros surdos era contínua e marcada por um entendimento mútuo imediato, a vida adulta introduz barreiras que transcendem a logística, tornando o vínculo dependente do esforço unilateral. Essa

disparidade evidencia que a amizade entre surdos é sustentada não estritamente pela linguagem comum, mas pela segurança afetiva que ela proporciona. Quando essa condição se desfaz, como no ambiente de trabalho com ouvintes, instala-se uma espécie de isolamento relacional, no qual o sujeito passa a modular suas interações em função das lacunas comunicativas impostas (Martins, 2003; Rieffe *et al.*, 2018; Gomides *et al.*, 2021; Ferreira & Chahini, 2024).

Longe de configurar um campo relacional isento de tensões, as amizades de pessoas surdas oscilam entre afetos compartilhados e barreiras comunicacionais persistentes. Estudos como os de Fehr (2012) apontam que amizades estão entre os principais vetores de bem-estar subjetivo, sendo fonte de felicidade e suporte emocional. No entanto, quando a linguagem se torna obstáculo — como observado nas interações com ouvintes —, a manutenção dos laços exige esforços unilaterais e adaptações contínuas. Martins (2003) já alertava que a falta de pares linguísticos pode levar o sujeito surdo a retrações comunicativas, sobretudo quando a Libras é desconsiderada como meio legítimo de interação. Essa assimetria é ainda mais pronunciada em contextos de trabalho ou vida adulta, conforme sinalizam Millen, Dorn e Luckner (2019), ao relacionarem qualidade da amizade com autonomia e autodeterminação. Assim, mesmo que vínculos significativos possam se formar com ouvintes, a ausência de uma mediação linguística equitativa torna tais relações mais frágeis e, por vezes, simbólica ou emocionalmente assimétricas.

Se, por um lado, a cultura surda compartilhada constitui terreno fértil para o florescimento de amizades baseadas na confiança, compreensão mútua e expressividade plena, por outro, a ausência de mediações linguísticas nos ambientes ouvintes impõe silenciamentos que ultrapassam a esfera da comunicação e invadem o campo da subjetividade. A constatação de que amizades só se sustentam quando há esforço redobrado para “*ser compreendido*” levanta uma questão inquietante: até que ponto a responsabilidade

pela inclusão nas relações interpessoais pode recair sobre o sujeito surdo? Ao modularem suas formas de expressão para se adequar a espaços ouvintes, os participantes desta pesquisa não unicamente ajustam comportamentos; adaptam expectativas, recalibram afetos e, por vezes, renunciam à espontaneidade. A naturalidade que define as amizades entre surdos contrasta fortemente com a racionalidade estratégica exigida em vínculos com ouvintes. Essa disparidade convoca à reflexão sobre os limites da empatia e sobre a urgência de políticas intersubjetivas que considerem a comunicação como premissa ética das relações humanas.

Se as sociabilidades entre pares surdos emergem como espaços de autenticidade e acolhimento, isso não implica, necessariamente, estabilidade ou segurança afetiva duradoura. A valorização da comunicação acessível e do pertencimento linguístico não apaga os efeitos das discontinuidades relacionais vividas ao longo do tempo. À medida que os laços se desfazem por mudanças contextuais (como o fim do ciclo escolar, a inserção no trabalho ou a falta de pares acessíveis) instala-se um vácuo simbólico onde o reconhecimento cede lugar à ausência. Nesse hiato, experiências subjetivas de amizade são tensionadas por sentimentos ambíguos: o desejo de proximidade convive com a frustração das interações interrompidas ou precárias. Como demonstram os relatos e os dados quantitativos, a presença da amizade nem sempre assegura estabilidade emocional, enquanto sua ausência não implica ausência de afeto. Ao transitar entre essas fronteiras, a próxima categoria adentra um território mais instável e denso: aquele em que a amizade é sentida tanto pela sua existência quanto pela sua falta; em experiências marcadas por insegurança, fragilidade e busca por reconhecimento afetivo.

Entre presença e ausência: impactos afetivos e percepções da amizade

Embora os escores médios das funções positivas da amizade tenham se mostrado elevados em diversos participantes, o predomínio de sentimentos negativos sobre os positivos ($M = 44,12$ contra $M = 25,44$) sinaliza um cenário relacional ambíguo, marcado por experiências afetivas contraditórias. Ainda que os vínculos de amizade existam, eles parecem tensionados por elementos de frustração, insegurança e desconforto, o que pode indicar relações instáveis ou fragilizadas. A análise da variável referente à presença ou ausência de melhor amigo também revela nuances significativas: excetuando a função Intimidade — que apresentou p limítrofe —, os participantes que afirmaram não possuir melhor amigo não diferem estatisticamente daqueles que possuem. Esse dado, por si só, sugere que a percepção subjetiva da amizade não está necessariamente atrelada à existência objetiva de um vínculo nomeado, mas sim à qualidade emocional da relação estabelecida. Assim, mesmo diante de pontuações funcionais positivas, o predomínio de sentimentos negativos revela o quanto a experiência da amizade entre os participantes é permeada por incertezas e afetos contraditórios.

Apesar da força das correlações positivas entre as funções da amizade e os sentimentos positivos (ex: Intimidade e SentPos, $\rho = 0,649$; $p < .001$), os sentimentos negativos permanecem elevados, indicando que tais funções, embora valorizadas, não são suficientes para neutralizar as frustrações emocionais vivenciadas nas amizades. A média de SentNeg ($M = 44,1$; $DP = 13,6$) situa a amostra acima do percentil 85 nas normas nacionais da escala, conforme os dados normativos ($M = 30,6$; $DP = 7,7$), sinalizando que 85% da população normativa sentiria menos negativamente do que os participantes deste estudo. Em contrapartida, os SentPos ($M = 25,4$) situam-se abaixo da média normativa tanto para homens ($M = 28,3$) quanto para mulheres ($M = 29,1$), reforçando a presença de um descompasso afetivo. Esse padrão ambíguo é evidenciado ainda pela correlação negativa entre SentNeg e Satisfação com a Amizade ($\rho = -0,595$; $p < .001$). Assim, ainda que os vínculos estejam

funcionalmente presentes, sua sustentação afetiva parece instável, oscilando entre desejo de proximidade e experiências emocionais desgastantes.

As diferenças nas experiências de intimidade entre amizades com surdos e ouvintes, segundo Juan, não se resumem à fluência linguística, mas revelam o impacto da comunicação sobre os vínculos afetivos. Ao afirmar que “*com surdos é mais claro*”, ele destaca que a inteligibilidade imediata, típica das interações em Libras, cria um espaço mais seguro para expressar emoções e partilhar experiências subjetivas. Em contraste, com ouvintes, a necessidade constante de mediação, “*preciso escrever, mostrar para a pessoa*”, gera cansaço e frustração, instaurando uma lógica relacional assimétrica. Essas barreiras transformam o simples ato de confiar em algo condicionado por esforço, paciência e explicações reiteradas. A intimidade, nesse cenário, deixa de ser espontânea e passa a depender da disposição do outro em acolher a diferença. A convivência com amigos surdos, por sua vez, constitui uma zona de conforto comunicacional e cultural, na qual a expressão do afeto ocorre de modo fluido e direto. Essa tensão evidencia o quanto as amizades, no contexto da surdez, são atravessadas por regimes de comunicação simbólica, que delimitam os contornos da confiança e da abertura emocional.

Além do que diz Juan, a narrativa de Luana revela que a ausência de amizades, em seu caso, não decorre apenas de barreiras comunicacionais, mas sobretudo de experiências precoces de exclusão e desconfiança social. Ao recordar sua escolarização e sobre seu processo de formação de amizades e apoio dos colegas nos trabalhos, referiu que “*ninguém queria fazer com a gente*”, ela situa a construção das amizades em um cenário marcado por capacitismo e segregação tácita, no qual estudantes com deficiência eram percebidos como menos capazes. A amizade que estabeleceu no Ensino Médio com uma colega com deficiência visual foi forjada não apenas pela afinidade, mas pela condição comum de rejeição: “*fazíamos juntas, porque ninguém queria fazer com a gente*”. Tais vínculos, embora

significativos, surgiram em um contexto de invisibilidade institucional, no qual até mesmo os professores “*não sabiam que eu e ela éramos estudantes com deficiência*”. Essa experiência de não reconhecimento afetivo e pedagógico pode ter influenciado a confiança de Luana nas relações interpessoais, fazendo com que a amizade, em vez de surgir como um espaço de acolhimento espontâneo, fosse condicionada por exclusões reiteradas. Sua fala evidencia que a fragilidade das amizades não é apenas subjetiva, mas estrutural.

A coexistência de sentimentos negativos elevados com o reconhecimento de funções positivas da amizade sugere uma vivência afetiva ambígua, em que o desejo de intimidade convive com a experiência de frustração e distanciamento. Conforme analisado por Souza (2006), a amizade não pode ser compreendida apenas por sua presença declarada, mas pela qualidade percebida do vínculo, que envolve confiança, apoio e reciprocidade afetiva. Quando essa qualidade se fragiliza, como ocorre nos casos relatados nesta pesquisa, surgem sentimentos de incompletude, decepção e desengajamento, ainda que as funções formais da amizade sejam reconhecidas. Essa cisão entre estrutura e afeto foi antecipada por Souza e Hutz (2007), que, ao adaptarem os Questionários McGill, enfatizaram a importância da avaliação integrada das funções e dos sentimentos relacionados à amizade. Nos dados desse estudo, tal cisão adquire contornos particulares, pois é atravessada por barreiras linguísticas, invisibilidades institucionais e desigualdades de reconhecimento, conforme sugerido também por Terlektsi *et al.* (2020) e Rieffe *et al.* (2018). Assim, as amizades descritas pelos participantes operam num campo de tensões, no qual a presença do outro nem sempre dissolve a sensação de estar só.

Se a amizade, conforme desejado pelos participantes, deveria ser um espaço de acolhimento e cumplicidade, o que significa para eles habitar laços marcados pela dúvida, pelo silêncio e pela insegurança? Quando os vínculos não sustentam o desejo de escuta e partilha, instala-se um mal-estar que não se dá pela ausência completa do outro, mas por sua

presença parcial; aquela que não alcança a subjetividade. Tal constatação desafia as noções tradicionais de amizade, pois sugere que nem toda convivência se traduz em cuidado, e nem toda aproximação afeta de modo positivo. A confiança, nesses relatos, não é apenas aquilo que se constrói, mas também o que se espera e, muitas vezes, não se encontra. A ausência, assim, assume contornos afetivos profundos, revelando que solidão não é estar só, mas estar entre muitos sem se sentir reconhecido. Nesse contexto, a amizade deixa de ser um refúgio e se torna um espelho das desigualdades afetivas, das assimetrias comunicativas e das fronteiras simbólicas que delimitam quem pode ser escutado; e quem permanece à margem, mesmo dentro do círculo.

Diante desse panorama, os dados empíricos convergem para a ideia de que a qualidade das relações de amizade entre pessoas surdas está atravessada por uma permanente negociação entre desejo de pertencimento e barreiras subjetivas e objetivas que dificultam a realização plena desse desejo. O que se revela, nesse sentido, não é apenas a presença de laços frágeis ou incompletos, mas a persistência de sentimentos de deslocamento, dúvida e desamparo emocional, mesmo em vínculos considerados significativos. Essa constatação infere uma “dimensão implícita das amizades”, em que fatores subjetivos, nem sempre visíveis ou verbalizados, determinam o grau de satisfação com o relacionamento. Entre os participantes desta pesquisa, especialmente aqueles que relataram maior dificuldade de confiar, formar ou manter amizades, as amizades parecem ocupar um espaço paradoxal: são simultaneamente fonte de desejo e de sofrimento. Essa ambivalência é intensificada quando os contextos de desenvolvimento, como a escola ou o trabalho, operam na lógica da invisibilização ou da indiferença. Assim, o que emerge das narrativas analisadas é um pedido por vínculos que não estritamente existam, mas que se reconheçam, validem e acolham.

Ao se compreender a amizade como uma prática relacional que depende de comunicação afetiva, linguística e simbólica, torna-se evidente o porquê de altos escores

funcionais nem sempre corresponderem a relações emocionalmente satisfatórias. Quando o vínculo não assegura espaço legítimo para a partilha, a expressão de sentimentos e o reconhecimento mútuo, a amizade pode assumir contornos de um vínculo ausente, mesmo que formalmente presente. Nesse contexto, a presença do outro não basta: é necessário que ela se traduza em escuta/percepção, confiança e disponibilidade afetiva. A invisibilidade das experiências e das subjetividades das pessoas surdas emerge como um elemento central na construção de vínculos frágeis ou interrompidos. Assim, as amizades relatadas pelos participantes oscilam entre a presença física e a ausência simbólica, instaurando relações em que o afeto não encontra sustentação suficiente. A categoria que segue aprofunda justamente essas ambiguidades, explorando como presença e ausência se alternam nas vivências afetivas, gerando sentimentos de ambivalência, incompreensão e desejo de proximidade.

Práticas e contextos que modulam o desenvolvimento de amizades

As variáveis sociodemográficas e sociolinguísticas revelam que o tipo de escola, o tempo de contato com Libras e a forma de comunicação impactam na qualidade e na quantidade de amizades. Participantes que estudaram em contextos bilíngues ou com maior exposição à comunidade surda apresentam mais facilidade na formação de vínculos. Esse dado é reiterado nas entrevistas, nas quais se destacam as trajetórias escolares, o papel da acessibilidade e as oportunidades de convivência como fatores cruciais.

Ainda que os vínculos de amizade sejam valorados pelos participantes, a experiência emocional neles envolvida apresenta marcadores que tensionam sua estabilidade e reciprocidade. A discrepância entre os escores de sentimentos negativos ($M = 44,1$) e positivos ($M = 25,4$), associada à ausência de diferenças significativas entre participantes com ou sem melhor amigo — exceto na função Intimidade (p limítrofe) —, sinaliza uma

ambiguidade afetiva que não pode ser compreendida sem considerar os regimes culturais que moldam a amizade no contexto da surdez. A cultura surda, enquanto experiência linguística e identitária, organiza modos próprios de confiar, se aproximar e partilhar afetos, muitas vezes em contraste com padrões comunicacionais ouvintes (Terlektsi *et al.*, 2020; Wauters & Knoors, 2008; Afonso, 2007; Ladd, 2003; Lacerda, 1998). Quando os laços não respeitam esses códigos de comunicação e pertencimento, a amizade deixa de ser vivida como encontro e passa a ser experimentada como desencontro. Nessa perspectiva, os sentimentos negativos elevados podem ser lidos como indicadores de fraturas nos modos de reconhecimento entre os mundos surdo e ouvinte, afetando diretamente o sentido atribuído à presença do outro.

Nessa linha de raciocínio, o relato de Dênis evidencia que a construção da identidade surda está profundamente implicada nas formas como a amizade é vivida e percebida. Ao recordar que “*não conhecia a comunidade, nem sabia da existência da Libras*” na infância, e que sentia “*uma certa vergonha de ser surdo*”, ele revela como a ausência de uma referência linguística e cultural surda comprometia suas interações afetivas. Foi somente a partir da escolarização em uma escola bilíngue que Dênis pôde experimentar um “*senso de pertencimento*” e vivenciar amizades marcadas pela espontaneidade e fluidez comunicacional. A transição para o ensino superior, entretanto, reintroduz a barreira da diferença quando diz “*não era a mesma espontaneidade das relações*”, ainda que houvesse esforços de inclusão por parte de colegas ouvintes. A oscilação entre aceitação plena e adaptação limitada situa a amizade como um espaço ambíguo, atravessado por limites linguísticos, mas também por deslocamentos identitários. A cultura surda, nesse contexto, emerge como um lugar de reparação e de pertencimento, enquanto os ambientes ouvintes desafiam a continuidade dos vínculos, mesmo quando bem-intencionados (Ladd, 2003; Afonso, 2007; Lacerda, 1998).

A experiência compartilhada por Paula sublinha a centralidade do corpo e da presencialidade na construção de amizades entre pessoas surdas. Ao afirmar que prefere interações “*presenciais*” com amigos surdos e que “*se acostuma com a interação pessoal dos surdos*”, ela destaca a dimensão visuoespacial da Libras como elemento estruturante dos vínculos afetivos. Nesse contexto, o contato físico não é apenas uma preferência prática, mas um componente da própria língua que sustenta a amizade. Quando essa presença se rompe; como nas interações mediadas exclusivamente por texto ou em contextos com ouvintes que não dominam a Libras; o vínculo perde densidade, mesmo quando há disposição. Paula admite: “*Mas no geral, eu gosto mais de interagir assim com pessoas próximas, sem distinguir essas questões de língua. Claro, com alguns ouvintes é mais difícil, porque não tem assim o contato*”. A ausência de reciprocidade no canal expressivo compromete a confiança e a partilha, sugerindo que a amizade entre surdos não se apoia unicamente na afinidade, mas na possibilidade de expressão sensorial e afetiva.

A ambivalência afetiva presente nos relatos de Dênis e Paula ecoa discussões teóricas sobre a centralidade da linguagem e da presença na constituição das amizades em contextos marcados pela surdez. Blieszner e Adams (1992) já apontavam que a amizade, na vida adulta, não se sustenta apenas por afinidade, mas pela possibilidade de trocas simbólicas contínuas, marcadas por confiança, reciprocidade e compartilhamento emocional. No caso da comunidade surda, tais trocas são mediadas por uma língua visuoespacial que exige copresença, gesto e visibilidade para emergir plenamente. Lodi e Luciano (2009) enfatizam que a construção de vínculos afetivos em Libras se apoia em práticas de enunciação corporificada, que desafiam padrões tradicionais de interação social. Assim, a ausência física, a dificuldade na alternância linguística ou a predominância da comunicação escrita; como relatado por Juan e Paula; operam como barreiras invisíveis, mas potentes, que corroem os

alicerces da amizade. Esses entraves não são apenas comunicacionais, mas fronteiras culturais que delimitam quem pode afetar e ser afetado no interior de um vínculo relacional.

Essa cisão entre presença desejada e ausência experienciada também se articula com as dimensões políticas da surdez e das línguas de sinais, como indicam Brito *et al.* (2013) e Meulder *et al.* (2019). A exclusão linguística vivida pelos participantes entrevistados não é acidental, mas expressão de um sistema que historicamente invisibilizou a Libras como língua legítima e marginalizou seus nativos nos espaços de interação social. Como argumentam Meulder *et al.* (2019), a convivência entre línguas não pode ser pensada apenas como alternância funcional, mas como disputa simbólica, na qual a condição linguística dos surdos carrega desigualdades embutidas. É nesse cenário que os relatos sobre fragilidade das amizades ganham densidade: não se trata apenas da ausência de amigos, mas da ausência de condições para que a amizade se sustente como prática afetiva e política. Estudos como os de Terlektsi *et al.* (2020) e Blom *et al.* (2014) reforçam que o bem-estar dos surdos está intrinsecamente relacionado ao acesso a redes de amizade em que possam se expressar sem esforço compensatório. Quando isso falha, o que resta não é só solidão, mas um vazio relacional que espelha as assimetrias linguísticas e identitárias da sociedade.

Nesses aspectos, recorre-se à fala de Juan, que revela um padrão recorrente entre pessoas surdas: o esforço contínuo para formar amizades em espaços marcadamente ouvintes. Ao dizer que “*nem sempre tem horário para interagir*” e que “*a maioria é ouvinte, não sabem Libras*”, ele aponta não unicamente para barreiras práticas, mas para uma assimetria cultural que fragiliza os vínculos desde sua origem. A amizade, para Juan, exige coincidências e disponibilidade emocional: “*se eu combino com a pessoa... aí logo trocamos WhatsApp*”. Essa construção condicional da amizade remete ao que Wauters e Knoors (2007) descrevem como retraimento social em ambientes onde os surdos são minoria. Como também apontam Nunes, Pretzlik e Olsson (2001), o problema não é apenas a ausência de

interlocutores, mas a falta de reconhecimento da identidade linguística do sujeito surdo. Juan se esforça para fazer-se entender, mas não se vê acolhido plenamente. A amizade, então, aparece como algo que precisa ser “*conquistado*” a partir de estratégias de mediação e adaptação; quase nunca natural, quase sempre relacionalmente desigual.

Ao encontro dessas vivências de Juan, a experiência de Paula aprofunda a compreensão de que a presença não é apenas geográfica ou temporal, mas afetivo-corpórea. Para ela, “*falta alguma coisa*” nas amizades virtuais, e o que falta é a segurança de ser vista, compreendida e sentida. Ao expressar preferência por relações “*próximas*”, que envolvam “*conforto para contar sobre mim*”, ela articula amizade e visibilidade, ressaltando que vínculos reais não podem ser reduzidos à troca de mensagens. Keilmann, Limberger e Mann (2007) argumentam que a ausência de compartilhamento linguístico; especialmente dentro de famílias ouvintes; compromete o senso de pertencimento desde cedo, o que impacta também as relações externas. Moreira (2007) complementa essa análise ao afirmar que o desenvolvimento emocional saudável depende da capacidade de expressar-se com liberdade em contextos seguros. Paula, ao privilegiar a presencialidade, resgata a noção de que, para pessoas surdas, a amizade é também um território sensorial. A ausência física, para ela, gera incerteza e desconfiança, revelando que o afeto, para ser inteiro, precisa ser visível e vivido com o corpo.

Entre Juan e Paula, o que se observa é a recorrência de uma condição relacional marcada pela ausência simbólica em contextos formais, pela presença plena em espaços surdos e pela vigilância afetiva constante em ambientes ouvintes. Esses dados confirmam o que Martins (2003) e Sciécola (2016) discutem sobre os efeitos da não escuta social na constituição das subjetividades surdas: sem um ambiente que reconheça sua linguagem e sua diferença, o sujeito surdo tende a restringir suas interações e afetos. Grosjean (1994) acrescenta que o bilinguismo do surdo não é simétrico: ele precisa alternar códigos, posturas

e estratégias conforme o interlocutor, o que impacta diretamente na espontaneidade das relações (Gomides *et al.*, 2021; Ferreira & Chahini, 2024). Como observou Sacks (1998), a maioria das crianças surdas nasce em lares ouvintes e cresce sem interlocutores fluentes; e esse histórico se prolonga nas experiências adultas. Ao final, a amizade, tal como vivida por muitos dos participantes, é uma promessa intermitente: presença em um contexto, ausência em outro.

Ao integrar os achados das quatro categorias, observa-se que a amizade, para os participantes surdos desta pesquisa, configura-se como uma prática relacional modulada por fatores comunicacionais, afetivos, contextuais e culturais. As funções da amizade mais valorizadas (como Intimidade, Companheirismo e Segurança Emocional) demonstram que o afeto e a reciprocidade são centrais para esses vínculos. No entanto, as vivências de exclusão linguística, a escassez de pares acessíveis e a ambiguidade dos sentimentos relatados apontam que tais vínculos nem sempre se sustentam de forma estável. A cultura surda, quando reconhecida, atua como campo fértil para o desenvolvimento de amizades autênticas; quando invisibilizada, favorece relações assimétricas e emocionalmente fragilizadas. Os dados sugerem que a amizade, no contexto da surdez, não pode ser compreendida fora das dinâmicas de pertencimento, da comunicação e das trajetórias educacionais inclusivas. Assim, os vínculos não são apenas experiências afetivas, mas também espaços de resistência, afirmação e busca por reconhecimento.

Considerando os dados estatísticos, os relatos dos participantes e a literatura analisada, torna-se evidente que a amizade entre pessoas surdas transcende a ideia de conexão afetiva espontânea, assumindo contornos de prática intersubjetiva condicionada pela linguagem, pela presença e pela escuta sensível. As quatro categorias desenvolvidas ao longo das discussões revelam que a constituição e a manutenção de vínculos amistosos dependem não exclusivamente de afinidades pessoais, mas também de condições estruturais que

sustentem a comunicação e o reconhecimento mútuo. Ao final desta análise, compreende-se que a amizade, especialmente entre surdos, deve ser pensada como espaço político de acolhimento, onde o afeto emerge da legitimidade linguística e da partilha cultural. As considerações finais, portanto, buscarão sistematizar os principais achados da pesquisa, refletir sobre seus limites e apresentar sugestões para a ampliação da acessibilidade relacional em contextos escolares, profissionais e sociais mais amplos.

Capítulo V- Considerações Finais

A presente investigação teve como objetivo geral compreender as relações de amizade no contexto da surdez, com foco em adultos surdos nativos da Libras como primeira língua. Para isso, foram integradas abordagens metodológicas complementares, reunindo dados quantitativos, por meio da aplicação de escalas psicométricas validadas, e qualitativos; a partir de entrevistas semiestruturadas. A opção por uma perspectiva que reconhece a surdez como diferença cultural e linguística permitiu explorar com maior profundidade as relações interpessoais entre pessoas surdas, bem como os modos pelos quais essas relações foram mediadas pela comunicação em Libras e pelas experiências anteriores vividas pelos participantes.

No que se refere aos objetivos específicos, o Estudo 1 buscou averiguar relações correlacionais entre suporte social, funções da amizade, sentimentos positivos e negativos, bem como satisfação com o relacionamento com o(a) melhor amigo(a). As análises estatísticas evidenciaram correlações significativas e consistentes entre esses fatores: participantes que relataram maiores escores de apoio emocional e instrumental (ESSP) também tenderam a expressar maior satisfação com a amizade (ESASP) e níveis mais elevados de sentimentos positivos (SentPos), especialmente nos itens que envolvem alegria, segurança e acolhimento. As funções da amizade mais valorizadas; como apoio emocional e segurança, apoio prático e instrumental e companheirismo com validação social; apresentaram associações diretas com variáveis de suporte percebido e satisfação relacional. Por outro lado, os sentimentos negativos (SentNeg), como tristeza, irritação ou insegurança, mostraram correlações inversas com as demais escalas, indicando que a ausência de apoio ou o enfraquecimento de funções relacionais pode comprometer a qualidade das relações. Esses resultados revelam que os fatores afetivos e funcionais estão interligados na construção das

amizades de pessoas surdas, especialmente quando a comunicação em Libras e a aceitação mútua são garantidas no contexto da relação.

Além disso, examinou-se como aspectos individuais; tais como o histórico escolar, os modos de comunicação utilizados (Libras, português oral e escrito) e o grau de inserção da Libras nas interações cotidianas; influenciam a construção e a manutenção das amizades. A análise das entrevistas complementou e aprofundou essa investigação, permitindo compreender com mais densidade os sentidos atribuídos à amizade por sujeitos surdos. Os relatos revelaram que a fluência em Libras não apenas facilita os laços de confiança e espontaneidade, como também atua como condição de pertencimento e reconhecimento. A escuta dessas experiências contribuiu para validar os dados quantitativos e ampliou as possibilidades de leitura crítica sobre os desafios e potências das amizades entre pessoas surdas em um mundo predominantemente ouvinte.

As análises quantitativas e qualitativas realizadas ao longo da pesquisa permitiram responder de forma consistente às quatro perguntas norteadoras do estudo. Em relação à vivência das amizades (i), observou-se que os adultos surdos valorizam intensamente os vínculos baseados em confiança, lealdade, humor e identificação mútua, sendo a presença de Libras uma condição central para o fortalecimento desses laços. Quanto às qualidades positivas e negativas das amizades (ii), os dados revelaram a valorização de sentimentos positivos, como alegria, segurança e acolhimento, bem como a valorização das funções relacionais de apoio emocional e companheirismo. Ao mesmo tempo, sentimentos negativos como irritação, ciúmes e frustração também emergiram, especialmente quando há barreiras comunicacionais ou falta de reciprocidade. Em relação às características individuais dos participantes (iii), fatores como tempo de escolarização, tipo de instituição frequentada e modo de comunicação predominante influenciaram significativamente a forma como as amizades são construídas e mantidas. Por fim, confirmou-se que a Libras (iv) atua como

mediadora relacional, favorecendo vínculos mais sólidos entre pessoas que compartilham essa língua, o que reforça a importância da comunicação como condição para a formação de relações interpessoais.

Os achados desta pesquisa indicam que as relações de amizade entre adultos surdos são atravessadas por fatores linguísticos, afetivos e contextuais, cuja interação incide diretamente a qualidade dos vínculos. A presença da Libras como língua compartilhada emergiu como variável central, atuando não apenas como instrumento de comunicação, mas como base simbólica de pertencimento, identidade e reciprocidade. Os dados apontam que quanto maior o suporte social percebido e mais desenvolvidas as funções da amizade, especialmente nas dimensões de apoio emocional, instrumental e companheirismo, maior é a satisfação relacional e a presença de sentimentos positivos. A ausência de contextos bilíngues onde a Libras é nativa, por outro lado, revelou-se um fator crítico para o surgimento de sentimentos negativos, como frustração ou solidão. Tais evidências reforçam a importância de considerar a linguagem como um fator estruturante das relações interpessoais no campo da Psicologia Social e do desenvolvimento. No plano prático, os resultados evidenciam a necessidade de políticas públicas e ações institucionais que promovam espaços de interação bilíngues, valorizem a Libras como língua nativa e favoreçam a construção de redes de apoio afetivas entre pessoas surdas.

Ao compreender a surdez como uma experiência atravessada por corpo, cultura e linguagem (Ladd, 2003; Thoma, 2006), esta pesquisa reafirma o valor do reconhecimento das diferenças como princípio ético e político. Reconhecer, neste contexto, é atentar às formas visuais e gestuais de significação, é validar modos plurais de comunicação que estruturam os vínculos e sustentam as subjetividades. A amizade, tal como expressa pelos participantes surdos deste estudo, não se reduz a uma troca afetiva, mas constitui um espaço de pertencimento, identidade e resistência diante de contextos que frequentemente negam o

direito ao diálogo em Libras. Nesse sentido, esta tese contribui para desestabilizar modelos normativos de desenvolvimento, convocando pesquisadores, educadores e instituições a acolherem os sujeitos em sua integralidade linguística e relacional. Afirmar a Libras como língua de afeto é também afirmar que toda amizade precisa de reconhecimento, reciprocidade e liberdade para se constituir; na língua que o corpo diz, nas formas que os olhos compreendem e no tempo que o vínculo exige.

Os achados deste estudo indicam que as possibilidades de intervenção no campo das amizades e do desenvolvimento socioemocional de pessoas surdas não se concentram em uma única área do conhecimento, mas emergem da articulação entre Educação, Psicologia, Linguística e Estudos Surdos. Se, por um lado, a Psicologia contribui para compreender os processos relacionais, afetivos e desenvolvimentais envolvidos na construção das amizades, por outro, a Educação e a Linguística assumem papel central na garantia de condições de comunicação e de práticas pedagógicas que favoreçam interações significativas. Nesse sentido, intervenções mais consistentes demandam o fortalecimento de contextos educacionais bilíngues, o reconhecimento da Libras como língua de instrução e interação e a ampliação de espaços de convivência linguística compartilhada. Estudos futuros podem aprofundar a compreensão da acessibilidade como um constructo relacional e dinâmico, investigando, por exemplo, os impactos do bilinguismo bimodal nas trajetórias de amizade, na participação social e na construção de vínculos entre surdos e ouvintes. Pesquisas longitudinais e interdisciplinares poderão contribuir para compreender como diferentes configurações de acesso à linguagem, mediação comunicacional e políticas educacionais influenciam, ao longo do tempo, o desenvolvimento humano em contextos marcados pela diversidade linguística e cultural.

Referências

- Afonso, C. (2007). *Reflexões sobre a surdez: A problemática específica da surdez. A educação de surdos*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.
- Argyle, M. (2001). *The psychology of happiness* (2a ed.). Hove/New York: Routledge/Taylor & Francis.
- Bandeira, V. S. S. (2020). “[...] Ele precisa de um espaço para falar do jeito dele, né? ”: a sala de recurso multifuncional e seu papel no desenvolvimento da linguagem de alunos indicados para atendimento educacional especializado. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Bastianello, M., & Hutz, C. S. (2016). Escala de Suporte Social Percebido (ESSP). In: C. S. Hutz (org.), *Avaliação em psicologia positiva: Técnicas e medidas* (p. 91-101). São Paulo: CETEPP.
- Bisol, C. A. (2008). *Adolescer no contexto da surdez*. Tese de Doutorado em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bisol, C., & Sperb, T. M. (2010). Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26, 07-13.
- Bittencourt, I. G., & Menezes, M. (2020). Caracterização de treinamentos de habilidades sociais em grupo para crianças: revisão integrativa da literatura. *Contextos Clínicos*, 13 (3), 1037-1066.
- Blieszner, R., Adams, R. G. (1992). *Adult friendship*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage.

- Blom, H., Marschark, M., Vervloed, M. P., & Knoors, H. (2014). Finding friends online: Online activities by deaf students and their well-being. *PloS one*.
- Bortolozzi, A. C. B. (2020). *Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa Elaboração, aplicação e análise de conteúdo*. São Paulo: Editora Pedro e João.
- Bosa, C. A. (2001). As relações entre autismo, comportamento social e função executiva. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14, 281-287.
- Bowen S. K. (2008). Coenrollment for students who are deaf or hard of hearing: friendship patterns and social interactions. *Am Ann Deaf*.
- Brasil. (2021). *Lei nº 14.191*, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). *Using thematic analysis in psychology. Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101.
- Brito, F. B. et al. (2013). O movimento surdo e sua luta pelo reconhecimento da Libras e pela construção de uma política linguística no Brasil. In: Albres, N. A.; Neves, S. L. G. (Orgs.). *Libras em estudo: política linguística*. São Paulo: FENEIS.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: Tornando os seres humanos mais humanos* (Carvalho-Barreto, A., trad.). Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Series Ed.) & R. M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (5th ed., pp. 993–1028). New York, NY: Wiley.

- Caccamise, F., & Newell, W. (2000). *The Sign Communication Proficiency Interview (SCPI): A brief description*. Rochester, NY: National Technical Institute for the Deaf.
Retrieved October 9, 2006.
- Caldas, A. H. F. (2021). Plataforma Teams: Interação e Ensino. *PERcursos Linguísticos*, 11(29), 106-124.
- Campos, C. J. G., & Saidel, M. G. B. (2022). Amostragem em investigações qualitativas: conceitos e aplicações ao campo da saúde. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 10(25), 404-424.
- Carbery, J., & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of social and personal relationships*, 15(3), 393-409.
- Cohen, S., Mermelstein, R., Kamarck, T., & Hoberman, H. (1985). Measuring the functional components of social support. In I. Sarason & B. Sarason (Eds.), *Social support: Theory, research, and applications* (p. 73–94). The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff.
- Costa, L. Q. M. (2012). *Amizades interculturais: um estudo com gregos no Espírito Santo*. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo.
- Creswell, J. W., & Clark, V. L. P. (2013). A natureza da pesquisa de métodos mistos. In J. W. Creswell, & V. L. P. Clark. *Pesquisa de métodos mistos*. (pp. 19-32). Penso.
- Falvey, M., Forest, M., Pearpoint, J., & Rosenberg, R. (1997). *All my life's a circle: Using the tools—Circles, MAPS, and PATH*. Toronto, Canada: Inclusion Press International.
- Fehr, B. (1996). *Friendship processes*. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage.
- Fehr, B. (2012). *Friendship*. In V. S. Ramachandran (Ed.), *Encyclopedia of human behavior* (Vol. 2, 2nd ed., pp. 205–213). Cambridge, MA: Academic Press.

- Ferreira, A. C. D. A. X., & Chahini, T. H. C. (2024). Lei nº 14.191/2021 e suas proposições na/para educação de discentes surdos. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, 40 (1).
- Gauvain, M. (2001). *The social context of cognitive development*. New York, NY: Guilford Press.
- Gil, A. C. (2003). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas., 2003.
- Gomides, P. A. D., Regina, A., Campello, S., Silva, E. F., & Francioni, W. V. (2022). Surdez, educação de surdos e bilinguismo: avanços e contradições na implantação da Lei nº 14.191/2021. *Revista Sinalizar*, 7.
- Grosjean, F. (1994a). Individual bilingualism. In. Asher, R. E. (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, p. 1656-1660.
- Grosjean, F. (1994b). Sign bilingualism: Issues. In. ASHER, R. E. (Ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon Press, p. 3889-3890.
- Guimarães, V. M. A., Santos, F., Santos, B. F. S., & Silva, J. P. (2019). Surdez e sexualidade: Uma análise a partir das representações sociais de universitários surdos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online), v. 19, p. 387-405.
- Ildebrand, I. S. (2020). *Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa no Ensino Médio: uma proposta de ensino com foco em língua e cultura surda*. 2020. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- Ildebrand, I. S., Machado, A. P., & Marques, L. M. (2025). Diversidade linguística na educação: A integração da Libras no ciclo de alfabetização. *Revista Querubim*, 3, 40–46.

- Keilmann, A., Limberger, A., & Mann, W. J. (2007). Psychological and physical well-being in hearing-impaired children. *International journal of pediatric otorhinolaryngology*, 71(11), 1747-1752.
- Kitson, A. L. (2008). The uncertainty and incongruity of evidence-based healthcare. *Int. J. Evid Based Healthcare*, 6 (1).
- Knutson, J. F., & Lansing, C. R. (1990). The relationship between communication problems and psychological difficulties in persons with profound acquired hearing loss. *J Speech Hear Disord*.
- Kouwenberg, M., Rieffe, C., & Banerjee, R. (2013). Developmetrics a balanced and short Best Friend Index for children and young adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*.
- Kress, G., & van Leeuwen, T. (1996). *Reading images: The grammar of visual design*. London, England: Routledge.
- Kreutz, C. M., & Bosa, C. A. (2009). Intervenção precoce na comunicação pais-bebê com deficiência visual. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 26, 537-544.
- Lacerda, C. B. (1998). Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cadernos Cedes*, 19, 68-80.
- Lacerda, C. B. F., & Góes, M. C. R. (2000). *Surdez: processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Lovise.
- Ladd, P. (2003). *Understanding deaf culture: In search of deafhood*. Sydney, Australia: Multicultural Matters.
- Lakatos, E. M., & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica* (8ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Lebedeff, T. B. (2017). *Letramento visual e surdez* (13ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Wak Editora.

- Lodi, A. C. B., & Luciano, R. T. (2009). Desenvolvimento da linguagem de crianças surdas em Língua Brasileira de Sinais. In: Lodi, A. C. B. & Lacerda, C. B. F. *Uma escola duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- Marins, D. G. (2018). *Estudo comparativo sobre famílias de pré-escolares com deficiências, dificuldades escolares e desenvolvimento típico*. Tese de Doutorado em Educação Especial - UfScar.
- Martin, D., & Bat-Chava Y. (2003). Negotiating deaf-hearing friendships: coping strategies of deaf boys and girls in mainstream schools. *Child Care Health Dev.*
- Martins, R. V. (1998). *Surdez e relações interpessoais na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Martins, R. V. (2003). *Língua de Sinais e Subjetividade*. Tese de Doutorado em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- McKee, M., Schlehofer, D., & Thew, D. (2013). Ethical issues in conducting research with deaf populations. *American journal of public health*, 103(12), 2174-2178.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 31(2), 130-132.
- Merçon-Vargas, E. A., Lima, R. F. F., Rosa, E. M., & Tudge, J. (2020). Processing proximal processes: What Bronfenbrenner meant, what he didn't mean, and what he should have meant. *Journal of Family Theory & Review*, 12(3), 321-334.

- Meulder, M. *et al.* (2019). Describe, don't prescribe. The practice and politics of translanguaging in the context of deaf signers. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, Londres, v. 40, n. 10, p. 892-906.
- Millen, K., Dorn, B., & Luckner, J. L. (2019). Friendships and Self-Determination Among Students Who Are Deaf or Hard of Hearing. *Am Ann Deaf*.
- Moraes, C. (2005). *Escalas de medida, estatística descritiva e inferência estatística*. [Instituto Politécnico de Bragança]. <https://docplayer.com.br/6767303-Escalas-de-medida-estatistica-descritiva-e-inferencia-estatistica.html>
- Moreira, P. (2007). O fator linguístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda. *Revista virtual de cultura surda e diversidade*.
- Movallali, G., Musavi, Z., & Hakimi-Rad, E. (2018). Feeling of loneliness in deaf adolescents: The effect of an online life skills program. *European Journal of Social Science Education and Research*, 5(1), 121-129.
- Nunes, S. D. S., Saia, A. L., Silva, L. J., & Mimessi, S. D. A. (2015). Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues?. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 537-545.
- Nunes, T., Pretzlik, U., & Olsson, J. (2001). Deaf children's social relationships in mainstream schools. *Deafness & Education International*, 3(3), 123-136.
- Oliveira, S. R. N. (2016). Surdo: Um Estrangeiro em seu País. *Revista Interdisciplinar De Gestão Social*.
- Orsoni, L. C. A. M. (2007). A produção de sentidos da surdez e de filhos surdos. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Católica de Goiás.
- Paniagua, P., & Palacios, J. *Educação Infantil – resposta educativa à diversidade*. ed. 1. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 256.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artmed.

- Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: Manual prático de elaboração*.
LabPAM/IBAP: Brasília.
- Piccinini, C. A. et al. (2001). Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14, 469-485.
- Quadros, R. M; & Karnopp, L. (2004). *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*.
Porto Alegre: Editora Artmed.
- Ramos-Cabo, S.; Acha, J.; Vulchanov, V., & Vulchanova M. (2022). You may point, but do not touch: Impact of gesture-types and cognition on language in typical and atypical development. *Int J Lang Commun Disord*.
- Rawlins, W. K. (1992). *Friendship matters: Communication, dialectics, and the life*
- Raykov, T. (1997). Estimativa de confiabilidade composta para medidas congênicas. *Applied Psychological Measurement*, 21 (2), 173-184.
- Reis, E. A., & Reis, I. A. (2002). *Análise descritiva de dados*. Relatório Técnico do Departamento de Estatística da UFMG.
- Rieffe, C.; Broekhof, E.; Eichengreen, A.; Kouwenberg, M.; Veiga, G.; da Silva, B. M., & Frijns, J. H. (2018). Friendship and emotion control in pre-adolescents with or without hearing loss. *The Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 23(3), p. 209-218.
- Rieffe, C.; Oosterveld, P.; Miers, A. C.; Meerum Terwogt, M., & Ly, V. (2008). Emotion awareness and internalising symptoms in children and adolescents: The Emotion Awareness Questionnaire revised. *Personality and Individual Differences*, 45, 756–761.
- Sacks, O. (1998). *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Editora Companhia das Letras.Trad. Laura Teixeira Motta.
- Sánchez, G. C. M. *La increíble y triste historia de la sordera*. Carácas: Ceprosord, 1990.

- Santiago, V. D. A. A., & Andrade, C. E. D. (2013). Surdez e sociedade: questões sobre conforto linguístico e participação social. In: Albres, N. A.; Neves, S. L. G. (Org.). *Libras em Estudo: política linguística*. 1ed. São Paulo: FENEIS.
- Santos, F. (2019). *Análises da ansiedade entre surdos*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão.
- Scott, R. A., Stuart, J., & Barber, B. L. (2021). Contemporary friendships and social vulnerability among youth: Understanding the role of online and offline contexts of interaction in friendship quality. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(12), 3451-3471.
- Shogren, K. A., Wehmeyer, M. L., Burke, K. M., & Palmer, S. B. (2017). *The self-determination learning model of instruction: Teacher's guide*. Lawrence: Kansas University Center on Developmental Disabilities. Disponível em http://www.selfdetermination.dept.ku.edu/wp-content/uploads/2017/04/SDLMI-Teachers-Guide_4-2017.pdf
- Siécola, M. (2016). *Deficiência visual, auditiva e surdocegueira*. Curitiba, PR: ISDE Brasil.
- Silva, G. M. (2018). Questionário Linguístico Para Surdos Bilíngues (Qlsb): Uma Proposta para a Avaliação de Perfis de Bilíngues do Par Libras-Português. *Revista (Con) textos Linguísticos*, 12(23), 68-87.
- Skliar, C. (1997). *Educação e exclusão: abordagens sócioantropológicas em educação especial*. [S.l.]: Mediação.
- Skliar, C. (1998). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- Sousa, D. A. D., & Cerqueira-Santos, E. (2011). Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. *Revista psicopedagogia*, 28(85), 53-66.

- Souza, L. K. D. (2006). Amizade em adultos: Adaptação e validação dos questionários McGill e um estudo de diferenças de gênero. Tese de Doutorado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Souza, L. K. D., & Gauer, G. (2012). Uma história do conceito de amizade. In: Souza, L. K. D. & Hutz, C. S. (orgs.). *Amizade em contexto – Desenvolvimento e cultura* (pp. 13-44). Casa do Psicólogo: São Paulo.
- Souza, L. K. D., & Hutz, C. S. (2007). A qualidade da amizade: Adaptação e validação dos Questionários McGill. *Aletheia*, 25, 82-96.
- Souza, L. K. D., Avila-Souza J., & Gauer, G. (2016). As escalas dos Questionários McGill de Amizade. In Hutz, C. S. (org). *Avaliação em psicologia positiva: Técnicas e medidas*. CETEPP: São Paulo.
- Terlektsi, E., Kreppner, J., Mahon, M., Worsfold, S., & Kennedy, C. R. (2020). Peer Relationship Experiences of Deaf and Hard-Of-Hearing Adolescents. *J Deaf Stud Deaf Educ*.
- Thoma, A. da S. (2006). Educação dos surdos: Dos espaços e tempos de reclusão aos espaços e tempos inclusivos. In A. da S. Thoma & M. C. Lopes (Orgs.), *A invenção da surdez II: Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos* (pp. 9–25). Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC.
- Tudge, J. R. H. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: Uma teoria contextualista? In Moreira, L. V. C., & Carvalho, A. M. A. (Eds.), *Família e educação: Olhares da psicologia* (p. 209–231). São Paulo, Brasil: Paulinas.
- Vargas, R., & Rocha, A. (2017). *Microsoft Project 2016: Standard, Professional & Pro para Office 365*. Brasport.
- Wauters, L. N., & Knoors, H. (2008). Social integration of deaf children in inclusive settings. *J Deaf Stud Deaf Educ*.

Witchs, P. H., & Zilio, V. M. (2018). Ambiente linguístico em educação de surdos. *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, (Edição especial, 15).

Wright, M., Banerjee, R., Hoek, W., Rieffe, C., & Novin, S. (2010). Depression and social anxiety in children: Differential links with coping strategies. *Journal of Abnormal Child Psychology*.

Apêndice A - Questionário Sociodemográfico e Sociolinguístico para a Comunidade

Surda

(Ildebrand & Souza, 2022).

PARTE 1

1. Idade (em anos): _____
2. Local de nascimento (cidade): _____
3. Estado (será apresentada a lista dos estados e Distrito Federal):
4. Local onde reside atualmente (cidade): _____
5. Estado (será apresentada a lista dos estados e Distrito Federal):
6. Por quanto tempo reside na cidade atual? _____ (em anos)
7. Gênero: () Masculino () Feminino () Outro
8. Qual o seu estado civil?
 - () Solteiro
 - () Namorando. Seu namorado ou namorada é surdo(a)? () Não () Sim
 - () Casado / União estável. Seu cônjuge é surdo? () Não () Sim
 - () Separado / Divorciado
 - () Viúvo
9. Você tem filhos? () Não () Sim. Possui filho(a) surdo(a)? () Não () Sim
10. Qual a sua ocupação atualmente?
 - () Estudo e trabalho
 - () Sou estudante
 - () Sou trabalhador
 - () Sou aposentado
 - () Desempregado
 - () Outro _____
11. Qual a sua escolaridade?
 - () Ensino fundamental incompleto
 - () Ensino fundamental completo
 - () Ensino médio completo
 - () Ensino médio incompleto
 - () Ensino superior incompleto
 - () Ensino superior completo

- ☐ Pós-graduação completa
☐ Pós-graduação incompleta
12. Você tem alguma religião? ☐ Sim ☐ Não
13. Você pratica essa religião? ☐ Sim ☐ Não

PARTE 2

14. Seu pai e sua mãe (biológicos) são surdos ou ouvintes? Marque a opção que mais se aplica a você:

- | | |
|-------------------------------------|-------------------------------------|
| Mãe: ☐ surda | Pai: ☐ surdo |
| ☐ ouvinte | ☐ ouvinte |
| ☐ não sei | ☐ não sei |

15. Com quantos anos você começou a ter contato com pessoas surdas? _____ anos

16. Com quantos anos você começou a ter contato com a Libras? _____ anos

17. Onde e como você aprendeu Libras? Marque a opção que mais se aplica a você:

- ☐ Em casa, no contato com familiares surdos.
- ☐ Na escola, com colegas surdos e professores surdos.
- ☐ Na escola, com colegas surdos.
- ☐ Fora da escola, em projetos de educação bilíngue para crianças surdas.
- ☐ No contato com surdos em associações, federações, etc.
- ☐ Em cursos de Libras.
- ☐ Outro. Por gentileza, indique: _____

18. Você possui contato frequente com a comunidade surda usuária de Libras?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Com que frequência? ☐ semanal ☐ mensal ☐ Outra. Indique: _____

19. Há quantos anos você tem contato com a comunidade surda usuária da Libras? _____ anos

20. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental (de 1ª a 4ª série ou ano), você estudou em que tipo de escola? Marque a opção que melhor se aplica a você:

- ☐ escola especial para surdos.
- ☐ escola especial para crianças com deficiência.
- ☐ escola comum com intérprete de Libras, com outros alunos surdos.
- ☐ escola comum com intérprete de Libras, onde você era a única pessoa surda.
- ☐ escola comum sem intérprete de Libras, onde você era a única pessoa surda.
- ☐ outra situação. Indique: _____

21. Com qual idade você ficou surdo?

() nasci surdo

() tornei-me surdo com _____ anos

22. Conforme testes de audiometria, marque com um X seu grau de perda auditiva (grau de surdez) em cada ouvido:

ouvido **Leve Moderada Severa Profunda Nunca fiz Audiometria**

ESQUERDO

DIREITO

23. Você utiliza aparelho auditivo?

() Sim.

() Não.

() Às vezes. Pode dar um exemplo? _____

24. Você possui implante coclear?

() Não.

() Sim.

25. Como **você** costuma se comunicar com os seus familiares? Marque a opção que você mais utiliza:

() Eu sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.

() Eu somente sinalizo.

() Eu somente falo em português.

() Eu somente escrevo em português.

() Outra maneira: _____

26. No seu **trabalho ou local de estudo**, como você costuma se comunicar com as pessoas?

() Atualmente não trabalho nem estudo.

() Sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.

() Eu somente sinalizo.

() Eu somente falo.

() Eu somente escrevo.

() Outra maneira: _____

27. Como **as pessoas do seu trabalho/estudo** costumam se comunicar com você? Marque a opção mais frequente:

() Atualmente não trabalho nem estudo.

() Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.

() Eles somente sinalizam.

- ☐ Eles somente falam.
- ☐ Eles somente escrevem.
- ☐ Outra maneira: _____

28. Sobre as suas **amizades**, marque a opção que melhor se aplica a você:

- ☐ Tenho somente amigos surdos.
- ☐ Tenho somente amigos ouvintes.
- ☐ Tenho somente surdos e ouvintes.

29. Sobre a quantidade de amigos:

- ☐ Tenho mais amigos surdos do que ouvintes.
- ☐ Tenho mais amigos ouvintes do que surdos.
- ☐ Tenho tanto amigos surdos quanto ouvintes.

30. Como **você** costuma se comunicar com **seus amigos surdos**? Marque a opção que melhor se aplica a você:

- ☐ No momento não tenho amigos surdos.
- ☐ Sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.
- ☐ Eu somente sinalizo.
- ☐ Eu somente falo.
- ☐ Eu somente escrevo.
- ☐ Outra maneira: _____

31. Como **seus amigos surdos** costumam se comunicar com você? Marque a opção que melhor se aplica a você:

- ☐ No momento não tenho amigos surdos.
- ☐ Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.
- ☐ Eles somente sinalizam.
- ☐ Eles somente falam.
- ☐ Eles somente escrevem.
- ☐ Outra maneira: _____

32. Como **você** costuma se comunicar com seus **amigos ouvintes**? Marque a opção que melhor se aplica a você:

- ☐ No momento não tenho amigos ouvintes.
- ☐ Sinalizo e falo ao mesmo tempo com a pessoa.
- ☐ Eu somente sinalizo.
- ☐ Eu somente falo.
- ☐ Eu somente escrevo.

☐ Uso redes sociais, Internet, etc.

☐ Outra maneira: _____

33. Como **seus amigos ouvintes** costumam se comunicar com você? Marque a opção que melhor se aplica a você:

☐ No momento não tenho amigos ouvintes.

☐ Eles sinalizam e falam ao mesmo tempo.

☐ Eles somente sinalizam.

☐ Eles somente falam.

☐ Eles somente escrevem.

☐ Eles usam redes sociais, Internet, etc.

☐ Outra maneira: _____

34. De que maneira **você** mais se comunica com seus amigos?

☐ Pessoalmente

☐ Por redes sociais, Internet.

☐ Por Whatsapp ou semelhante.

☐ Outra maneira: _____

35. Você possui mais facilidade em formar amizades com:

☐ Surdos.

☐ Ouvintes.

☐ Ambos.

(Ildebrand & Souza, 2022)

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA SOBRE AMIZADE NO CONTEXTO DA SURDEZ³

1. Você poderia comparar sua experiência na escola primária com a sua escola secundária? (Terlektsi *et al.*, 2020)
2. Em sua escola, você tinha facilidade de formar amizades? Como era seu relacionamento com surdos? E com ouvintes? (Terlektsi *et al.*, 2020)
3. Dos seus amigos, você sente maior intimidade para partilhar sentimentos e situações pessoais com amigos surdos ou ouvintes? (Rieffe *et al.*, 2018)
4. Em relação aos seus sentimentos positivos e negativos em relação a amizade, você pode considerar diferenças significativas entre as relações com surdos e ouvintes? (Souza & Hutz, 2007).
5. Você acredita haver diferenças no momento de interagir com os amigos por meio da Libras? (Oliveira, 2016).
6. Você acredita haver diferença na hora de interagir com amigos pela Internet ou presencial? Explique? (Scott *et al.*, 2021).
7. O que é ser amigo para você? (Terlektsi *et al.*, 2020)
8. Existem situações em que é mais difícil fazer um amigo do que outras? (Terlektsi *et al.*, 2020)
9. O que você gosta de fazer com seus amigos? (Terlektsi *et al.*, 2020)
10. Você acredita que ser surdo pode qualificar/prejudicar nas relações de amizade? Explique. (Bisol & Sperb, 2010).

³ As referências que fundamentaram as questões não serão mostradas no formato de aplicação.

PARECER

INSTITUTO DE PSICOLOGIA,
SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E
COMUNICAÇÃO HUMANA
IPSSCH/UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Amizades e Desenvolvimento Humano no Contexto da Surdez

Pesquisador: Luciana Karine de Souza

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 75733023.8.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.758.146

Apresentação do Projeto:

A pesquisa tem por objetivo a investigação da percepção da qualidade de amizade entre pessoas surdas, por meio da realização de dois estudos interligados. O perfil dos participantes qual abarca indivíduos surdos proficientes na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e competentes na leitura da língua portuguesa escrita, cujas idades devem variar entre um mínimo de 18 anos e um máximo de 45 anos, todos de origem brasileira. No Estudo 1, serão utilizando instrumentos (questionários e escalas) que abordam, por exemplo, a qualidade, as funções da amizade, a satisfação com as amizades e os sentimentos positivos e negativos em relação aos amigos, sendo que os dados coletados serão submetidos a análises estatísticas, incluindo análises de correlação e análises descritivas, para examinar as relações entre as variáveis de interesse e fornecer uma visão abrangente das experiências de amizade dos participantes surdos no contexto da surdez. No segundo estudo, serão conduzidas entrevistas individuais semiestruturadas com os participantes selecionados a partir do primeiro estudo. Para compor a entrevista semiestruturada, 10 participantes respondentes do estudo 1 serão convidados a responder por videocâmara a entrevista semiestruturada no contexto da surdez elaborada por Ildebrand e Souza (2022), intermediadas por um Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (TILS). Será executada uma abordagem transversal, exploratória e correlacional, por meio de um levantamento de dados realizado de forma on-line, com uma ênfase predominantemente quantitativa, abrangendo análises das relações [co(r)-relacionais] e

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA,
SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E
COMUNICAÇÃO HUMANA
IPSSCH/UFRGS



Continuação do Parecer: 6.758.146

comparações entre grupos. A integração dos resultados obtidos nos dois estudos permitirá a conexão entre os achados derivados das duas perspectivas metodológicas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as relações de amizade no contexto da surdez, com pessoas surdas usuárias da Libras enquanto primeira língua (L1).

Objetivos Secundários:

- (i) Averiguar relações [co(r)-relacionais] entre o suporte social, as funções da amizade, os sentimentos positivos e negativos, bem como a satisfação com os relacionamentos percebidos pelos participantes surdos, buscando compreender como esses fatores se interconectam na experiência de amizade dentro da comunidade surda.
- (ii) Avaliar de forma sistemática as funções da amizade, a satisfação nos relacionamentos de amizade e os sentimentos positivos e negativos em relação a amigos dentro de uma amostra representativa de adultos surdos. Esse processo de avaliação detalhado servirá como um ponto de partida para a investigação, visando identificar relações significativas entre esses fatores, como delineado no objetivo específico anterior.
- (iii) Examinar como variáveis específicas, como o grau de perda auditiva, proficiência na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a extensão do uso da Libras nas interações interpessoais, influenciam a experiência de relacionamentos de amizade entre os participantes surdos, comparando e identificando padrões e relações com base nas características individuais, conforme indicado pela revisão da literatura.
- (iv) Compreender detalhamentos e aspectos complementares da amizade no contexto da surdez utilizando entrevista semiestruturada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Acatando apontamento do parecer anterior, os pesquisadores promoveram alterações na redação do termo de apresentação obrigatório relativo ao procedimento de entrevista (nº 2), que foi ajustado para considerar o acolhimento de possíveis desconfortos que possam ser produzidos durante a realização das entrevistas

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante, com temática importante para a comunidade de pessoas surdas.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 90.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5698 **Fax:** (51)3308-5698 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA,
SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E
COMUNICAÇÃO HUMANA
IPSSCH/UFRGS



Continuação do Parecer: 6.758.146

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos ajustados, conforme considerações do parecer anterior, bem como cronograma de execução.

Recomendações:

Sem outras recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado para desenvolvimento

Considerações Finais a critério do CEP:

Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e finais da pesquisa, por meio de Plataforma Brasil, via notificação do tipo relatório, para que sejam devidamente apreciados no CEP, conforme norma operacional CNS 001/13.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2182537.pdf	26/03/2024 22:35:06		Aceito
Outros	Carta_resposta.pdf	26/03/2024 22:32:26	ISAIAS DOS SANTOS ILDEBRAND	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_pesquisa.pdf	26/03/2024 22:31:53	ISAIAS DOS SANTOS ILDEBRAND	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	26/03/2024 22:27:32	ISAIAS DOS SANTOS ILDEBRAND	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.pdf	20/12/2023 09:33:01	ISAIAS DOS SANTOS ILDEBRAND	Aceito
Parecer Anterior	Ata_de_defesa.pdf	06/11/2023 19:23:01	ISAIAS DOS SANTOS ILDEBRAND	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	19/10/2023 21:21:04	ISAIAS DOS SANTOS ILDEBRAND	Aceito

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

INSTITUTO DE PSICOLOGIA,
SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E
COMUNICAÇÃO HUMANA
IPSSCH/UFRGS



Continuação do Parecer: 6.758.146

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 11 de Abril de 2024

Assinado por:

Oriana Holsbach Hadler
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600 Sala 116

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3308-5698

Fax: (51)3308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Página 04 de 04

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Explicado – TCLE - Estudo 1

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Amizades e Desenvolvimento Humano no Contexto da Surdez”, a qual tem como pesquisadores responsáveis a Dra. Profa. Luciana Karine de Souza e o doutorando Isaías dos Santos Ildebrand, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nosso objetivo é compreender melhor alguns aspectos relacionados à amizade do ponto de vista da população surda. A sua participação será feita por meio do preenchimento de um questionário, composto por questões objetivas (“de marcar”) e abertas (“para responder livremente”). Com esse trabalho buscamos contribuir com o saber científico em Psicologia acerca das relações de amizade entre a comunidade surda no Brasil.

Garantimos o anonimato na participação e sigilo das suas respostas, durante todo o processo, desde a coleta até a publicação dos resultados. Para tanto, a sua participação é totalmente voluntária, e você tem a liberdade tanto de recusar, como de desistir em qualquer momento da pesquisa sem que ocorra qualquer prejuízo para você. Todas as respostas serão devidamente guardadas em um banco de dados por 5 anos e acessadas apenas pelos pesquisadores envolvidos. A previsão de duração da participação é de 25 minutos aproximadamente. Trata-se de uma pesquisa de risco mínimo onde apenas irá dispor um pouco do seu tempo para responder, ou seja, pode sentir um pouco de cansaço, ou desconforto emocional por conta de alguma questão durante o preenchimento. Para minimizar esse risco, a equipe de pesquisadores, com suporte do pesquisador Intérprete de Libras, indica que seja feita uma pausa de alguns segundos e retorne ao preenchimento. Mas, caso qualquer desconforto sentido não passe, você tem a total liberdade de desistir no momento que quiser da participação, sem que ocorra nenhum tipo de prejuízo para com você. A pesquisa não envolve remuneração nem custos para você, mas está garantida indenização, se necessário, conforme a Lei 10.406/2002 e resoluções sobre pesquisa com seres humanos.

Caso deseje sanar alguma dúvida a respeito dessa pesquisa, entre em contato com os pesquisadores pelo e-mail etalia.lab@gmail.com (Profa. Luciana Karine) ou isaias.brand@gmail.com (doutorando Isaías dos Santos Ildebrand), ambos com o telefone de contato (51)3308-5314. Quanto a dúvidas sobre questões éticas, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, Rua Ramiro Barcelos, 2600, térreo. Bairro Santa Cecília. CEP: 90.035-003, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E-mail: cep-psico@ufrgs.br. Telefone: (51) 3308-5698.

Luciana Karine de Souza (Orientadora)

Isaías dos Santos Ildebrand (Doutorando)

Clique na opção abaixo sobre sua decisão sobre participar da pesquisa:

- ☐ Li o texto do TCLE e aceito participar da pesquisa.
- ☐ Não aceito participar da pesquisa.

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Explicativo – TCLE - Estudo 2

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Amizades e Desenvolvimento Humano no Contexto da Surdez”, a qual tem como pesquisadores responsáveis a Dra. Profa. Luciana Karine de Souza e o doutorando Isaías dos Santos Ildebrand, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nosso objetivo é compreender melhor alguns aspectos relacionados à amizade do ponto de vista da população surda.

A sua participação será feita por meio de uma entrevista com 10 perguntas sobre suas relações de amizade no contexto da surdez. Com esse trabalho buscamos contribuir com o saber científico em Psicologia acerca das relações de amizade entre a população surda no Brasil. Solicitamos a sua participação, respondendo a uma entrevista que abordará aspectos relacionados à sua experiência no processo de formação, desenvolvimento e manutenção de relações de amizade. A entrevista terá duração média de 60 minutos, contará com o suporte do pesquisador Intérprete de Libras e será gravada em vídeo através da Plataforma *Microsoft Teams*.

Garantimos o anonimato na participação e sigilo das suas respostas, durante todo o processo, desde a coleta até a publicação dos resultados. Todas as informações prestadas por você serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e serão tratadas de forma confidencial. Além disso, a sua participação é totalmente voluntária, e você tem a liberdade tanto de recusar, como de desistir em qualquer momento da pesquisa sem que ocorra qualquer prejuízo para você. A pesquisa não envolve remuneração nem custos para você, mas está garantida indenização, se necessário, conforme a Lei 10.406/2002 e resoluções sobre pesquisa com seres humanos. Trata-se de uma pesquisa de risco mínimo onde apenas irá dispor um pouco do seu tempo para responder, ou seja pode sentir um pouco de cansaço, ou desconforto emocional por conta de alguma questão durante a entrevista. Para minimizar esse risco, a equipe de pesquisadores, com suporte do pesquisador Intérprete de Libras, indica que seja feita uma pausa. Além disso, estamos à disposição para fornecer nosso conhecimento científico sobre as relações de amizade caso você tenha interesse em conhecer essa literatura.

Caso deseje sanar alguma dúvida a respeito dessa pesquisa, entre em contato com os pesquisadores pelo e-mail etalia.lab@gmail.com (Profa. Luciana Karine) ou isaias.brand@gmail.com (doutorando Isaías dos Santos Ildebrand), ambos com o telefone de contato (51)3308-5246. Quanto a dúvidas sobre questões éticas, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, Rua Ramiro Barcelos, 2600, térreo. Bairro Santa Cecília. CEP: 90.035-003, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. E-mail: cep-psico@ufrgs.br. Telefone: (51) 3308-5698.

Luciana Karine de Souza (Orientadora) Isaías dos Santos Ildebrand (Doutorando)

Informe abaixo sua decisão sobre participar da pesquisa:

() Li o texto do TCLE e aceito participar da pesquisa.

() Não aceito participar da pesquisa.